COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA
ARMANDO RIBEIRO
RELAMPAGOS

21 — Esgotado.
22 — Esgotado.
23 — Camilla, por G. Ginisty.
24 — Trahida, por Maxime Paz.
25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.
26 — Esgotado.
27 — Os reis no exilio, por A. Daudet.
28 — Esgotado.
29 — Mentiras, por Paul Bourget.
30 — Marinheiro, por Pierre Loti.
31 — Esgotado.
32 — A Evangelista, por Daudet.
33 — Aranha vermelha, por R. de Pont Jest.
34 e 35 — Esgotado.
36 — Parisienses!... por H. Davenel.
37 — Ao entardecer!... por Iveling Rambaud.
38 — A confissão de Carolina, trad. de J. Sarmento.
39 — Esgotado.
40 — Esgotado.
41 — O abbade de Faviéres, por J. Ohnet.
42 — Esgotado.
43 — Esgotado.
44 — A nihilista, por C. Mendés.
45 — Esgotado.
46 — Morta de amor, por Delpit.
47 — João Sbogar, por C. Nadier.
48 — Viagem sentimental, por Sterne.
49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.
50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.
51 — Esgotado.
52 — O castello de Lourps, por J. K. Huysmans.
53 — Amor de Miss, por J. Blain.
54 — A sogra, por Laforest.
55 — Colomba, por P. Merimée.
56 — Katia, por L. Tolstoï.
57 — Alma simples, por Dostoiewsky.
58 — Duplo amor, por Rosny.
59 — Contos fantasticos, por Hoffmann.
60 — A princeza Maria, por Lermontoff.
61 — Rosa de maio, por Armand Silvestre.
62 — Esgotado.
63 — O romance do homem amarello, pelo general Tcheng-Ki-Tong.
64 — A dama das violetas, por F. Guimarães Fonseca.
65 e 66 — Nemrod & C.ª, por Jorge Ohnet.
67 — Prisma de amor, por Paul Bonnhome.
68 — Historia d'uma mulher, por Guy de Maupassant.
69 e 70 — Educação sentimental, por G. Flaubert.
71 — Depois do amor, por Ohnet.
72 — A fava de Santo Ignacio, por Alexandre Pothey.
73 e 74 — O herdeiro de Redclyffe, por Mrs. Yongue.
75 — Uma ondina, por Theuriet.
76 — A familia Laroche, por Marguerite Sevray.
77 — As grandes lendas da humanidade, por d'Humive.
78 e 79 — A filha do Dr. Jaufre, por Marcel Prevost.
80 — A dama das camelias, por A. Dumas, Filho.
81 — Dezeseis annos..., por F. C. Philips.
82 e 83 — O Desthronado, por A. Ribeiro.
84 — Ninho d'amor, por A. Campos.
85 — Bodas Negras, por Almachio Diniz.
86 — Do amor ao crime, por Alphonse Karr.
87 — A ilha revoltada, por Ed. Lockroy

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA — 52.º Volume

RELAMPAGOS

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

ARMANDO RIBEIRO

RELAMPAGOS

(CONTOS)

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta — 50, 52 e 54
1904

DO MESMO AUCTOR

EM PREPARAÇAO

A PREDESTINADA

(ROMANCE)

DUAS PALAVRAS

Vão desfilar ante vossos olhos, essa serie de contos despretenciosos, simples, como é simples e modesta a violeta.

Escriptos n'essas horas em que a alma vive, apresentam-se uns serenos, a cantar alvoradas como passaritos nas ramarias verdes do arvoredo; outros, mordicantes, a rasgar horisontes da vida.

E d'ahi, na crença de que todos elles serão esquecidos, intitulou-se *Relampagos* este modesto livro, porque esses pequeninos contos, essas prosas simples, como *Relampagos*, hão de perpassar pelos vossos cerebros...

O Auctor.

I

A Dama das Dhalias

— Então, a *Dama das Dhalias?*

— Tambem a conheces?!...

— Por ouvir fallar n'ella. Quem é? Porque lhe dão esse nome?

— Pela affeição que lhes tem. Crê, meu amigo, é sublime ver com que fervor as beija e vae todas as manhãs comtemplar extatica, orvalhando-as por vezes de lagrimas sentidas, que as encanudadas petalas parecem receber contentes...

— E' extraordinario! E a origem d'esse amor? Não seriam mais bellas as rosas, que possuem perfume, do que essas flores que com elle nos não podem deliciar?...

— Decerto. Queres, porém, decifrar o enygma?...

— Ainda o perguntas?...

— Pois bem. Fica em minha casa... o mirante defronta á janella a que, ao raiar da aurora, ella apparece para namorar as dhalias. Vel-a-has, e... o resto é comtigo.

— Acceito.

. . . .

Mal uma pequena claridade se debuxava nos vidros, subi ao terraço.

Vi impaciente as estrellas desmaiar no ceu escuro, que se ia branqueando, como uma prata suja que se limpa...

Era esplendido o brando despertar dos alvores matutinos! Os resplandecentes luzeiros iam desapparecendo pouco a pouco, e a alvorada fazia fugir a noite, tão querida dos amantes...

Passeava precipitado n'aquella amplitude, fazendo ancioso estalar na passagem os grãos de areia para alli arremessados pelo vento...

Quanto tempo se demoraria? E eu que mal dormira pensando na mulher mysteriosa...

— Já de pé?... perguntou o meu hospedeiro, sorrindo com malicia.

— Bem vês!

— Fizeste mal! A dama das dhalias não é tão madrugadora...

— Mas dize-me... é bonita?...

Elle cruzou os braços, e respondeu com animação:

— Meu caro, tem uns olhos pretos que queimam...; umas sobrancelhas, que se unem, dando-lhe um ar de severidade, que é desmentido pelo desenho dos labios ardentes e frescos, d'esses em que os beijos não deixam vestigios...; uma tez morena que deve aquecer como o sol!... Sim, é formosa e bella, não o duvides!...

— Vejo que te não é indifferente?...

— Não. Mas ella é que é um modelo de virtude. a nada presta attenção... apenas a essas flores, que estremece!...

A aurora começava a mostrar-se no horisonte. radiante nas suas meias tintas de côres vivas!...

Reinava ainda o inspirador silencio matinal. e apenas o brando perpassar da briza, rescendente de inebriantes aromas, parecia entoar um côro festivo no seu meigo sussurro...

Passaram-se minutos.

— Meu amigo, chegou a hora. E' necessario que *ella* me não veja...

— Por que razão?...

— Tive a audacia de me declarar, primeiro, d'este logar, depois. por innumeras cartas. que me foram devolvidas...

— Sem resposta?...

— D'alli, baixou os olhos e vi uma lagrima deslizar-lhe pelas faces ao ouvir as minhas palavras apaixonadas...— ás missivas que lhe enviei. retorquiu com um bilhete. que conservo como reliquia...

E tirando-o da algibeira, entregou-m'o.

Tinha sómente estas linhas:

«Na alma d'uma mulher, a lembrança d'um morto que lhe é querido, que ainda pranteia. representa toda a segurança contra um amor que possa ir profanar a sua memoria...»

— Adivinho em tudo isto um complicado drama intimo! exclamei.

— Comprehendes agora que não devo mortifical-a apresentando-me aqui...

— Vae.

Raiou finalmente o sol. Decorridos instantes, a janella descerrou-se...

Um fremito inexplicavel me percorreu o corpo...

A dama das dhalias appareceu...

Elle não me tinha enganado; era realmente formosa. Mas que tristeza, que doce melancholia...

Os raios solares davam-lhe um sublime realce aos naturaes attractivos; teria vinte annos, quando muito. O cabello era negro, ondeado; os olhos grandes, pretos e cheios de fogo; a tez morena e fina. Lindissima e voluptuosa no collo, mimosa e delicada na cintura e nas mãositas pequenas, tão leves que mal se percebiam: ficava muito além da descripção feita.

De braços cruzados, fitava-a.

Ella curvou-se gracil e fixou com suavidade os seus idolos... em seguida, ou porque adivinhasse que a estavam vendo, ou por acaso, ergueu o olhar, encarou-me e deu um grito de surpresa.

— Gosta muito de flores, minha senhora?...

— Ignoro! respondeu com aspereza.

Não desanimei:

— Comtudo, parece-me...

— Perdão, senhor, desejo retirar-me...

— Um instante apenas... As dhalias...

Foi como que uma inspiração. Ella, que ia já a pôr a mão no fecho da vidraça, volveu de novo, e murmurou d'esta vez, com voz suave, mui diversa da outra:

— Oh! a essas... adoro-as, e ás que estão aqui, em especial!

— São lindissimas; deliciam a vista com a sua côr d'um vermelho vivo, qual ceu em chammas!

— Tambem lhe agradam?...

— Sim, minha senhora! respondi arteiramente.

Os seus olhos cravaram-se de novo em mim com mais bondade, e veiu encostar-se ao peitoril.

— Mil recordações me ligam a ellas. As que vê, foram plantadas n'estes caixotes por alguem que jamais poderei esquecer... representam um sonho que morreu, e recordam-m'o a todo o instante...

— Comprehendo...

— Tenho confiança em si; vou relatar-lhe algumas phases do meu viver d'outr'ora, mesmo porque ha muito tempo que reprezo na alma a confidencia dos meus desgostos, por não ter a quem os confiar... e dizem que o desabafo é bom...

Inclinei-me em silencio.

— Os principios foram como todos. A infancia sorridente, qual se póde gosar nas classos abastadas. Já mulher no corpo. mas creança no espirito, apaixonei-me loucamente por um homem, que me assegurou sentir por mim um affecto sem egual e que nunca se desmentiu. Casamos. Tudo para nós respirava vida, amor e felicidade. Ambos jovens, não anteviamos senão paraisos. No nosso floreo ninho, não escutavamos mais que os canticos das avesinhas que nos vinham segredar as suas adorações, e, bafejados pela doce brisa, viamos o horizonte côr de rosa e um futuro largo, cercado de invejaveis esplendores. Corriamos como doidas borboletas atraz um do outro; banhavamos as faces nas mesmas fontes. bebendo das crystallinas aguas da nossa quinta do Prado, entre infantis brinquedos; parando com as mãos apertadas, ao escutar mos os trinados dos rouxinoes, que, occultos na

folhagem das arvores seculares, mostravam que entre todas as aves cantoras elle é sempre soberano. Oh! quanto é bom recordar isto! Porém a ventura não é eterna, isto é, não gosta de bafejar de continuo os mesmos entes, e um funesto dia desappareceu, deixando em seu logar uma nota do almirantado, ordenando o rapido embarque de meu marido. Choramos, fizemos mil promessas, isso porém de nada valeu: partiu, legando como lembrança estas dhalias. Por lá ficou, o infeliz... Recordo-me tanto d'elle; era tão carinhoso... As suas ultimas palavras na despedida, tenho-as gravadas no coração: — Posso, anjo meu, ser riscado do numero dos vivos. Adoras-me, creio, mas existem casos em que o primeiro amor se desvanece, e, se tal acontecer, lembra-te *que na alma d'uma mulher, a lembrança d'um morto que lhe é querido representa toda a segurança contra um novo amor!...*

Estremeci. Eram as phrases do bilhete enviado ao meu amigo.

— E... vive só n'essa casa, que minuto a minuto, nos minimos recantos, lhe faz resaltar vividas todas as scenas passadas com aquelle cuja morte chora?...

— N'isso se resume a minha actual ventura... mas não, não estou só; tenho um companheiro fiel, que egualmente me estremece...

E voltando-se para dentro chamou:

— Margot! Margot!

Um cãosinho saltou e veiu docemente lamber aquella que o acariciava.

— Se eu lhe faltasse, chorar-me-hia como se fôra um racional... Margot, é amigo, amigo... accrescentou, indicando-me.

O animal encarou-me sem colera, com os seus obliquos olhos verdes, deu um latido, e, erguendo-se, pousou as patinhas felpudas no peito da dona.

A dama das dhalias fel-o baixar. Depois d'isso:

— Adeus! E... esqueça a historia que lhe contei, sim?...

E beijando uma a uma aquellas flores, espelho em que revia as illusões que perdera, sorriu-me novamente e fechou a janella.

Despertei como d'um sonho, segundos passados, ao achar-me á mesa, junto do meu amigo.

— Bravo! Conseguiste confessal-a... Quanto vale ser poeta, meu caro, e saber procurar a corda sensivel, o lado sentimental do coração da mulher, porque ella tem-o, crê!

— Existe ali um que está adormecido, uma alma verdadeiramente excepcional, cheia ainda das crenças que temos nas primeiras phases da vida, e que, em vez de procurar extinguil-as por inuteis, porque appareceu o realismo, forceja por revivel-as! Pobre rapariga!...

O sol de ha muito assomara no ceu, d'um azul bello, caminhando desassombrado de nuvens, na sua marcha aurifera e sorridente, illuminando tudo com a luz divina desprendida dos seus raios... .

. . . .

Por uma formossima tarde do mez de abril, cruzavam-se em todas as direcções pela Avenida numerosas equipagens.

O sol estava quente; os passarinhos chilreavam em côro nas verdes ramarias matizadas pelo colorido que sobre ellas deixava cair o astro sublime.

Por isso, por volta das seis horas, — victorias, *landaus,* caleches, *coupés,* estendiam-se por alli em duas longas filas. Pelo meio, ou seguindo as carruagens, caracoleavam varios cavalleiros e cyclistas, distribuindo cumprimentos e sorrisos aos amigos e ás mundanas conhecidas e *momentaneas* de preço.

Nos passeios lateraes, compacta multidão se cruzava egualmente em diversas direcções, admirando, criticando tudo quanto lhe passava debaixo da vista, em confuso palestrar.

Passeava, gosando a bella sombra do arvoredo, quando um cão se me embaraçou nas pernas. Ia para me affastar, sem ligar a tal facto a menor importancia, quando elle parou um instante como indeciso, olhou-me, e depois veiu meigo pousar a cabeça nas minhas pernas.

Reconheci-o então.

— A tua dona?!... perguntei, affagando-o.

O animal deitou-se no solo e deu um gemente uivo...

— Fallas na dama das dhalias? interrogou alguem a meu lado.

— Sim!

— Morreu com a ultima das suas flores!...

Era aquelle que me havia ajudado a descobrir o mysterio da sua existencia.

— Ha muito?

— Dias apenas, durante a tua doença. O mais triste é que o marido não falleceu... Vi-o em casa uma noite d'estas. Chorou, chorou e, como já não tivesse que fazer aqui, o desventurado volveu á vida do mar. Partiu hontem.

O barco que o conduzia para bordo sulcava as on-

das... e o capitão Jorge, á amurada da embarcação, contemplava o firmamento, como que perguntando a cada nuvem noticias da esposa estremecida, que deve estar no ceu...

O Margot, como se entendesse a conversa, que se tratava de aquella que perdera, latia dolorosamente...

— Infelizes!...

— E' verdade... lembras-te ainda da minha gentil visinha?...

— Da desditosa dama das dhalias?... Sim, vejo-a perpassar de continuo pela imaginação, com a fronte pura circumdada pelas flores que adorava...

E o cãosito gemia com tristeza, emquanto a multidão passava ululante e contente...

II

Branca ou Morena?

Sentado a uma mesa do Suisso, n'uma d'essas noites chuvosas, meditava na côr predominante dos rostos feminis, ao mesmo tempo que examinava os que me rodeavam.

Defronte, uma estrangeira, por certo filha de Albion, occupava-se em cortar um ensangüentado roasbeef.

Ao lado, tres rapazes estapafurdios, fallando em côro, n'uma mistura de inqualificaveis tolices, commettendo indiscrições, mencionando as suas amantes, tudo acompanhado de grandes risadas. Mais adeante, um gordo chefe de familia, com a sua *cara metade* e *tres quartos* (tres rapazolas de aspecto sadio) comiam soffregamente.

Nas mesas lateraes, viam-se outros grupos, tomando café, refrescos, fumando e entretidos n'uma discussão qualquer. Parados, de pé, varios elegantes, jornalistas, poetas, auctores dramaticos, actores, etc., conversam com um ou mais amigos e collegas. Tomando a porta, acham-se ainda outros.

De quando em quando um rosto observador se collava ás largas portadas de vidro, analysando o que se passava dentro. Os creados vagueam servindo os raros freguezes, porque mais se trata de conversar, criticar ou discutir, que de beber.

— Ora! Que nostalgia... murmurei, entregando-me de novo aos meus pensamentos.

Subito, uma voz me despertou:

— Bravo, sr. philosopho! As paixões dariam entrada finalmente n'esse inexpugnavel castello, que se chama o teu coração?... Arvorarias bandeira branca, e confessar-te-hias vencido ante uns seductores olhos (a côr não importa), que te crivassem com as suas magneticas scintillações?...

— Oh! Carlos!

E apoz esta exclamação, perguntei-lhe abruptamente, emquanto elle se sentava:

— Branca ou morena?

— Um enygma?!... Isso, na realidade, torna-se medonho!

— Não, meu caro, não é. Apenas te pergunto qual é a mulher da tua predilecção...

— Peior! Agora já não é um enygma... é uma charada! Deves comprehender que, qual borboleta, pouso em todas essas flores, sem indagar qual será aquella, cujo perfume me agradará mais! Comtudo, vou ver se a mato...

— Então...

— Decido-me... pelas morenas!

— Porquê, não me dirás? Tens elegante estylo, mas n'este assumpto és pouco poetico...

Carlos, traçando a perna com negligencia, explicou:

— Porque a morena é graciosa e bonita, possue o calor natural, é a doçura personificada, e desperta sempre o desejo de a possuirmos.

— E que pensas das brancas?

— Ora... mulher invernosa, gelada...

— Porém, é mais ou menos agradavel, formosa, feiticeira, cheia de poesia, pelo pallor que encanta; finalmente, é digna de ser admirada e adorada...

— Como sabes, n'estes pontos sou insuspeito, e portanto vou fallar-te ainda d'uma cousa melhor do que essas: refiro-me ás trigueirinhas... sorris-te?... não julgues que estou apaixonado por alguma...

— Fallaste n'ellas, agora explica as rasões porque as aprecias...

— A trigueira julgo-a bella, engraçada, possue immensos attractivos, representa a bondade e agrada sempre. E' uma especie de flor silvestre, que muitos desdenham, e que, afinal, tem mais valor que essas rosinhas pallidas e esses amores perfeitos crestados pelo sol. Terminando: as brancas são o inverno, comtudo as suas neves não fazem frio...; as morenas, o estio; e as trigueiras o outomno, o tempo bello em que os dias são explendidos e as noites repletas de magia... A primeira, gosta de martyrisar, e é falsa; a segunda, de agradar e é cheia de caprichos; a terceira é ambiciosa, e deseja escravisar, porque é maldosa.

E, depois de pequena pausa, proseguiu:

— Agora tu: branca, trigueira ou morena?

— Meu caro: amei uma branca, fugiu-me; namorei uma trigueira, era caprichosa, atraiçoou-me; desejei uma morena, não me quiz... Que queres que faça? A mais formosa e a mais bella de todas as mulhe-

res será aquella que conseguir satisfazer o meu ideal...

— Qual é?

— Hade ser pallida, mas não d'essa pallidez que faz parecer a mulher uma tysica...; hade ser toda nervos e ter olhos verdes, a côr da esperança...; os seus labios serão côr de rosa, do mais bello tom vivo, os seus cabellos, quero-os negros como as azas d'um corvo e tão compridos que lhe sirvam de manto. As mãos compridas e diaphanas, a voz d'um timbre divinal...

— Extraordinario! Que mais?!

— Que o seu nome seja uma verdadeira harmonia, que os seus sorrisos magnetisem e que, quando as pestanas lhe velarem o brilho do olhar, as suas scintillações ainda se deixem perceber. Desejo-a, sobretudo, meiga, apaixonada, leal, dotada de muita bondade, meiguice e do dom da immortalidade!

— E rica, millionaria, já agora é melhor. Eu, em nome da natureza, confesso-me vencido. O teu ideal é irrealisavel, especialmente nos ultimos requisitos! Os olhos, vá; as mãos, a voz, tambem. Mas leal, apaixonada, bondosa, immortal, é muita cousa junta. A *deusa* que procuras não é d'este mundo: é do da pintura; é do da poesia; Porém, esqueceu-me duas côres: a preta, mas essa é detestada, e a vermelha, representada por aquella ingleza...

— E' artificial, Carlos, pois é provocada pelo roasbeef e pelo copo de vinho que a defrontam...

Uma gargalhada rematou estas palavras.

— Sabes? Acabo de descobrir a flor que devo aspirar. Escusas de perguntar se será o lyrio ou o amor

perfeito, pois reconheci que as brancas boninas teem mais aroma! Eil-a!

E o meu amigo, dando nova gargalhada, correu em direcção d'uma loura encantadora, que o acolheu com um sorriso, emquanto eu pensava como duas phrases originam a descoberta quasi total dos genios das damas, e o trecho fatal:

—«E' muita cousa junta.»

Que traduzido livremente quer dizer: uma mulher nunca pode ser um conjuncto de todos os bellos requisitos.

— Ha excepções! Clamarão todas as senhoras. Porém, nenhuma me perdoará o intempestivo da pergunta:

— Branca ou morena?

III

Nos Reinos do Amor

Arrastado por aquella figura branca, qual pallido phantasma, eu seguia sempre, tremendo. Queria fugir, escapar á pressão que sobre mim exerciam as potentes azas da minha mysteriosa conductora; porém o vacuo e o receio de parecer covarde faziam com que me deixasse puxar por entre nuvens.

Era uma noite de abril, rescendente dos suaves perfumes da primavera, tepida, serena e com o ceu marchetado de estrellas.

A lua subia no horisonte; o ar trespassava-se de brancuras luminosas.

Junto do argenteo globo havia uma nuvemsinha: era como o veu de prata de odalisca circassiana que o vento fizesse soltar de seus hombros de alabastro.

— Estamos a chegar...—disse o anjo com voz divinal misturada de suavissimos harpejos.

— Dize-me: porque me vieste acordar no principio dos meus sonhos? Porque me arrastas d'esta forma, levando-me errante pelos ares?...

Elle, por unica resposta, levou um dedo aos labios.

Decorrido tempo, senti affrouxar a carreira; fomos descendo, descendo até que o ente divino, que me acompanhava, exclamou, pondo os pés em terra e soltando-me:

— Olha!

Dei um grito de espanto.

— Meu Deus, estarei sonhando? Que vejo? Flores, avesinhas chilreando... a viração a ciciar ternas canções...

Uma mulher formosa, d'uma alvura rosea, appareceu n'este momento cercada por brilhante côrte feminil e disse:

— Sê bemvindo!

Depois, mandando affastar as que a rodeavam, perguntou ironicamente:

— Com que então escarnecias do amor, leviano mortal? Então porque soltaste esse brado de admiração ao entrares nos reinos que eu governo?!... E's do grupo dos descrentes. Apesar d'isso concedo-te uma graça: vou mostrar-te este imperio immenso, todas as suas magnificencias, todos os seus horrores... tudo conhecerás! Mas como é vedado aos que não amam perscrutar os seus mysterios, ficarás preso por floreos laços até que saibas o que elle é... Temos inimigos, queremos vingar-nos e portanto não convem que vás divulgar os nossos segredos!... Vem!

Puzemo-nos a caminho, e d'ahi a momentos estavamos n'um immenso jardim.

Alli as estrellas scintillavam com dulcissima luz. A lua, qual immenso brilhante suspenso na aboboda celeste, expargia sobre nós as suas scintillações.

As flores abriam aos primeiros beijos da fresca noite os seus calices.

Noite mysteriosa!

As auras suspiravam com voluptuosidade, e sobre as boninas mimosas, entre a verde folhagem, brilhavam alguns pyrilampos.

Os singulares e poeticos rumores nocturnos compunham uma verdadeira symphonia, animada pelo estranho conjuncto da sensualidade e do mysticismo. O rócio, que tremia nas folhas, parecia lagrimas de mulher apaixonada.

A brisa que fremia mansamente, a essencia que rescendia das flores, o orvalho que cahia sobre ellas, o concerto dos rouxinoes e o trinado das outras avesinhas, toda esta confusão de ruidos convidavam á esperança e da esperança ao amor!

— Como isto é embriagante! exclamei.

— Achas? O campo sempre se associou ao amor. Não ha painel que diga tão bem áquelles que amam, como o ceu azul, os perfumes e a solidão campestre! Aqui é a *Villa Namorada,* onde os amantes veem balbuciar mil palavras amorosas! N'este Eden, as paixões são eternas!

Subimos a um alto pincaro.

— Estamos no *Monte Coração*. D'este sitio avista-se quasi tudo que quero mostrar-te... Olha! Vês o precipicio que está a nossos pés? E' o *Despenhadeiro dos Não Correspondidos!* E' tenebroso, pois não é? Vae reparando... Vês aquella cidade cujos predios são

todos azues?... E' a do *Ciume!* O ceu alli está sempre negro, os relampagos perpassam de instante a instante... e, comtudo, tem muitos habitantes...

Depois, dando uma gargalhada:

— Os ares são magnificos e os proprietarios não querem o pagamento. Contentam-se que os seus inquilinos assassinem ou se suicidem! Repara como é lindo aquelle paiz, e o mar como se ostenta d'um bello tom verde: chamam-lhe *Esperança!* N'elle é tudo maravilhas, sonhos fagueiros, brilhos, explendores...

E em seguida, curvando-se, murmurou:

— Embala-te com a sua vista; porém, não te fies muito... é mulher, e como tal caprichosa! Mais adeante: eis a *Ilha das Paixões*. Formosa como poucas, mas as tempestades da alma que n'ella se desencadeam são sempre perigosas... Olha, olha! Um galante mancebo roja-se de joelhos deante d'uma das minhas fidalgas; pega-lhe na mão e beija-a... ella retira-a, e, depois de lhe dizer não sei o quê, affasta-se altiva e desdenhosa. Meu Deus, que vae elle fazer? Lança-se no rio negro, que se vê á direita da ilha... no *Rio do Desespero!*

— Salva-o!

A rainha do amor respondeu:

— E' impossivel. Aquelle rio terrivel conduz a umas cataractas em que as suas aguas se despenham ruidosamente... chamam-n'as da *Loucura!* Mais longe vês as ilhas da *Innocencia* com as suas hostes brancas, e da *Seducção,* com o seu exercito de mancebos bellos experimentados nas luctas do amor? E a fortaleza rodeada de torres! O *Castello da Virtude* é inexpugnavel!

Seguidamente accrescentou com voz subtil:

— Porém se o inimigo fôr poderoso e souber assestar bem as suas baterias, arvora bandeira branca e capitula... mas isso é raro! A'vante! Eis á esquerda o *Reino do Amor Ideal.* Tudo pensativo, de olhos fitos no chão: são loucos: até nas pedras da rua julgam ver os semblantes das eleitas do seu coração. Olha, ellas alli estão, sorrindo-se e escarnecendo um que está compondo uma faustosa poesia... O local em que estão chama-se a *Praia do Desprezo!*... Perto fica a *Villa do Desalento*... Perderam a esperança de serem amados e vão para lá passar o tempo. Vou mostrar-te agora duas lindas cidades: uma, a que está em festa, cheia de flores, ouvindo-se mil harmoniosos accordes, é a da *Felicidade;* a outra, que está egualmente ornamentada, mas que parece mais triste, é a da *Saudade!*

— Maravilhoso! Como é bom aspirar este ar, esta doce e mysteriosa quietude! — exclamei enthusiasmado!

— Estamos a chegar ao termo. Ha muitas cousas para mostrar, mas não posso descobrir os seus segredos, e mesmo a vista não alcança... Irás aprendendo á tua custa; farás a viagem por essas terras que te não mostro; sem guia, conhecel as-has por vontade. Prosigamos. Olha para além: eis a parte tenebrosa do meu reino, a cidade do *Adulterio*... As mulheres procuram repousar n'outros braços que não sejam os do marido; este faz a mesma cousa. Tenho n'elle um regimento para attender á serie de assassinatos quotidianos, que alli se dão; outro de advogados para tratar de desquites! Tiremos o pensamento d'esse logar!

Agora um pequeno concelho, repleto de habitantes: o dos *Sonhos!* Julgo-o o melhor do imperio; comtudo, elles, quando accordam e se encontram na *Realidade,* dizem mal das suas illusões, e vôam para o da *Ingratidão!*

N'isto, innumeros tiros me fizeram estremecer.

— Não te assustes... é o posto dos *Suicidios.* Vivem n'elles os desesperados do amor, os desprezados, e outros que taes.

Ouviu-se um côro de gargalhadas.

A rainha franziu as sobrancelhas setinosas.

— Oh! com que prazer me vingaria dos malditos philosophos e scepticos que de tudo riem! A culpada fui eu: deixei-os perscrutar os meus segredos, agora estão senhores dos nossos artificios e escarnecem! Ainda se curvarão! Olha para a frente. *Ilha dos Suspiros;* nada tem de interesse: são os namorados que, não podendo dizer que amam e recordando-se das suas bellas, suspiram. D'ahi lhe veiu o nome. Temos egualmente a do *Perjurio,* na qual habitam os que confessavam amor a um e depois vão casar com outro n'aquelle declive, chamado do *Hymineu!* No fim, tardios remorsos! Divisa-se tambem o tenebroso *Valle dos Desgostos,* cercado de espinhos; confina com o *Rio das Lagrimas!* Para completar ha a suprema felicidade d'este reino: a *Ilha Maternal.* E' o remate sublime d'um amor, que comtudo continua: apenas se retira uma parcella que se distribue a um pequenino ente que vem ao mundo e que une ainda mais os casados! Não te mostro o *Reino da Illusão,* por que deves conhecel-o. Os outros, como disse, ficam para mais tarde. Agora, ao meu palacio.

E conduziu-me, maravilhado, cheio de enthusiasmo, a um palacio magnificente, como os das *Mil e uma noites.*

Os degraus eram de flôres; mil festões de verdura o ornamentavam. Entrámos n'uma vasta sala. onde havia um throno composto de lindas grinaldas. Ao cimo ostentavam-se varios emblemas do amor, como a rosa, a hera, o lilaz e o myrtho.

Ella bateu as palmas.

Um mancebo formoso, de olhar magnetico, trajando á africana, e tendo na mão um arco acompanhado d'uma setta e ao lado um carcaz, se apresentou.

Era um pagem guerreiro.

— Cupido, chamae a minha côrte!

Elle retirou-se, e passados alguns instantes abriam-se varias portas occultas por uma tapeçaria de folhagem, e, emquanto a sala se illuminava com o brilho transcendente e alto das estrellas e com o resplendor meigo e pallido da lua que surgiu por sobre a cupula de crystal do palacio, appareceram mil formosas e encantadoras damas. Porém nenhuma egualava a bella e esculptural rainha.

Esta, travando-me da mão, disse:

— Como rainha e senhora d'estes reinos, cumpre-me tomar para mim o seu mais gentil visitante: eil-o! E como aquelle que eu preferir deve ser nobre, heide por bem agracial-o: com o *marquezado dos Meus Beijos;* com os titulos de *Senhor dos Meus Sorrisos* e *Barão dos Meus Olhares!* Egualmente lhe confiro o *Collar dos Meus Braços!*

Uma inesperada e florida chuva, que nos cobriu por completo, acolheu estas palavras. A rainha continuou,

offertando-me ao mesmo tempo as insignias e os brazões da minha fidalga nobreza:

— Temos um rei inimigo: o *Ouro!* Quer comprar este reino, mas engana-se; elle não se vende! Tu não te ludibries: o amor por dinheiro, o arranjado por esse rei, é falso: não tem nem a felicidade nem o prazer do verdadeiro!

E cingiu-me o collar, emquanto a sua côrte deslumbrante se retirava discretamente. Depois, o que ella me disse a meia voz, com a alma affectuosissima a transbordar-lhe dos labios, com a fluencia de palavra que dá a paixão, em todo aquelle indizivel tumultuar de idéas que lhe ia no espirito...

Foi o arrulhar ardente da pomba, a chuva quente e voluptuosa da primavera sobre jardim sequioso, mas repleto de verdura e flores...

As claridades de crystal, que escorregavam em ondas luminosas pelas purezas da atmosphera quente, envolviam-nos como um banho morno que amollentasse...

Respirava-se, no silencio d'aquella noite primaveral e na brisa que nos acariciava, uma embriagante meiguice.

Eu, revendo-me no olhar da rainha do amor, balbuciava:

— Que celestial ventura será passar a vida deante de ti, de joelhos, n'esta mystica e fervorosa adoração, n'este delirio de paixão tranquillo e puro... Reconheço, finalmente, que estou nos Reinos da Poesia e do Amor!...

E ao ouvido, murmurava-lhe:

A's chammas do teu olhar
Quem poderá resistir?...
Elle sabe fascinar...
E o amor ha de surgir...

E a lua, sempre risonha, contemplava-nos lá de cima, envolvendo-nos n'um abraço crystallino desprendido de seus raios...

IV

Os Dois Velhinhos

Queriam-se tanto!...

Causava prazer vel-os, ás noites, n'essas longas noites de inverno... ver a fórma como elles se fitavam, tão ternamente, talvez como nos primeiros tempos do seu amor, rememorando os passados desvaneios, repetindo as scenas que antecederam o seu enlace, o enlevo que ambos sentiam, isto cortado de quando em quando pelas perguntas feitas em tom de profunda saudade:

— Lembras-te?...

Ou:

— Recordas-te?...

E ella, a pobre velhinha, volvendo os olhos para o longe, como que a procurar além as paginas soltas d'essas epochas idas, de todo dilluidas nas melancholias saudosas do crepusculo da vida, em que ha ainda as venturas e alegrias da mocidade, retorquia:

— Tempos que já lá vão e não voltam...

E a mão enrugada affastava da fronte os cabellos

d'um branco puro, como se fôra para desvanecer essas lembranças queridas.

Outras vezes era elle. O cachimbo pendente dos labios dava-lhe o aspecto d'um veterano, o que era augmentado pela barba alvejante, que lhe emmoldurava o rosto cheio de rugas.

— E sou! affirmava quando lh'o diziam. Tambem combati pela liberdade d'esta nação, contra o maldito Junot, Massena, Ney e outros, todos esses francezes que nos flagellaram. Homens de tempera forte, como eu, não existem... velho, velho, mas são como um pero...

E batia no peito, para affiançar a sua força...

— A raça está pervertida. São todos uns devassos, uns estroinas, arruinando a saude e a bolsa. Qual de vocês, rapazitos d'agora, do seculo degenerado, chegará a esta edade?...

E sorria-se com orgulho.

Agora já as pedras do tumulo os cobrem.

Primeiro foi elle... apertei-lhe a mão ao dar o ultimo suspiro e o bom do velhote, ainda no instante supremo, me dizia: Chegaram os cem... é tempo, o ferro tambem se gasta. Rapaz, as pandegas... abomina-as; o trabalho é um bem. Mais tarde, quando te casares, fal-o com mulher que te comprehenda e que comprehendas, de modo que só para tua esposa tenhas caricias, que serão correspondidas com affecto verdadeiro; d'este modo, formarás um par feliz como o nosso. Nada de filhos, a vida está cara. e depois. quando isso succeder, é dar-lhes bons exemplos.

Homens da minha tempera, gente antiga, não ha...

E morreu, passando a mão pelos cabellos alvos da

sua desvellada companheira. Ella pouco tempo n'este mundo se conservou.

O seu velho amigo, chamava-a lá de cima, da linda abobada azul... Assisti-lhe egualmente aos momentos finaes, e ouvi-a murmurar o nome sagrado e consolador de Deus.

— Emfim!

Queriam-se tanto!...

V

Um Divorcio

N'essa noite, Emma estava mais pensativa do que costumava. Uma agitação febril lhe percorria de quando em quando os membros, provocada pelo cuidado em que estava, pela demora do esposo.

Mil pensamentos lhe assaltavam o espirito, produzindo-lhe um terrivel mal-estar.

— Ter-lhe-hia acontecido alguma desgraça? Meu Deus, quanto tarda!

Ella contava apenas vinte annos, e o esposo vinte e quatro.

Decorrido algum tempo, Jorge voltava do seu passeio, e Emma, alegre, correu para elle, e lançando-lhe os braços em volta do pescoço, deu-lhe um osculo de amor e disse-lhe:

— Demoraste-te!

— Tive umas voltas que dar... fiz-me desejado?... interrogou o marido, estreitando-a docemente, osculando-lhe os labios carminados.

— Sim, sim, muito!

Jorge começou passeando, emquanto a joven esposa, olhando-o amorosamente, ia de novo reclinar-se no sophá.

Subito, ao passar junto d'uma cadeira, o moço reparou n'uma carta que se achava cahida no chão. Uma suspeita terrivel lhe assomou ao espirito, e, debruçando-se, apanhou o papel.

Abril-o e lêl-o foi obra d'um instante.

Depois, Jorge, correndo para sua esposa, exclamou, com olhar fuzilante e apertando-lhe os punhos:

— Miseravel!

Emma admirada, redarguiu:

— Magôas-me!...

— Com que então, disse elle, largando-a, veiu beijar-me talvez com os labios ainda humidos pelos beijos do seu amante?... Não receaste a minha colera, infame?

— O meu amante?... Que queres dizer?...

— Pretende negar?... Como está pallida, como os labios lhe tremem, como o seu corpo estremece, desgraçada! E não vê que tudo isso são indicios condemnaveis? Que essa pallidez, esses estremecimentos indicam o temor? Mas, por que não tremia assim, por que não recuou quando me atraiçoava?

— Meu Deus, eu enlouqueço! disse ella extorcendo as mãos.

Jorge, cahindo exanime n'uma cadeira, murmurou, tapando o rosto com as mãos:

— E casei, casei, para um dia me achar deshonrado, saber que a mulher que amava havia calcado aos pés a minha e a sua honra! Carta infame, que vieste mudar o Eden em que vivia em horrendo inferno!

E o mancebo, abrindo de novo a missiva accusadora, leu soluçante:

Meu anjo:

«Desappareceste de subito, sem saber para onde. Procurei-te, e até que finalmente te encontro. Mas, oh! terrivel destino! casada com um homem que, apesar de não conhecer, mortalmente odeio. Poder-me-has esperar esta noite em tua casa, querida?...»

— Não... não posso ler mais... nem quero saber o nome do meu rival... adeus, felicidade! Adeus, sonhos de ventura!

E, mais socegado, ergueu-se e disse, tomando o chapeu:

— Minha senhora, o que havia de intimo entre nós acabou. Não lhe dirigirei nem mais uma unica exprobração... o mal está feito. Agora mesmo sahirei d'esta casa, deixando-lhe tudo que aqui está. Depois... separar-nos-hemos legalmente, pelo divorcio...

Emma, toda tremula, correu para elle, como louca, e rojou-se-lhe aos pés, soluçando, emquanto o marido ultrajado, commovido, tentava afastal-a.

— O divorcio? Que terrivel sonho! Mas, de que me accusas?... eu enlouqueço... ouve-me, por piedade...

— Não, minha senhora, não quero mortifical-a mais com a confissão d'esse crime... adeus...

— Jorge! Jorge!

E em seguida, erguendo-se, disse, n'um momento de coragem ficticia e agarrando-lhe nervosamente as mãos, que elle queria retirar:

— Quero saber tudo! Que infamia é esta, e quem se atreveu a accusar-me de tal perfidia!

O mancebo entregou-lhe a carta, dizendo:

— Leia...

A joven abriu o papel, que percorreu avidamente com o olhar...

Subito, deu um grito tremendo, prolongado...

O moço correu para ella, para a soccorrer, mas Emma, recuando, bradou:

— Para traz! Aqui, a pessoa atraiçoada não é o senhor, sou eu! Leia, e acceite a troca de posição!

E a esposa indicava-lhe a assignatura da carta denunciante.

— Jorge! O meu nome?!... disse elle boquiaberto.

— Sim, cavalheiro! Agora não é o senhor quem ha de requerer o divorcio, sou eu! Fez-me dois aggravos: primeiro, suspeitando de mim; segundo, mostrando-me ainda a carta em que pedia uma entrevista a uma mulher, demais sendo ambos casados! Um duplo adulterio!

Jorge, só então reconhecendo a sua lettra, e vendo que fôra uma carta que escrevera de manhã e que lhe havia cahido n'um momento de distracção, cahiu de joelhos, deante da esposa injustamente calumniada e disse:

— Perdão, Emma! Sou culpado, mas perdoa-me! Sê magnanima...

— Não! disse ella, inexoravel.

Uma creada, entrando, interrompeu esta scena.

Parando junto de Jorge, que se levantou rapidamente, ella entregou-lhe uma carta, trajada de negro.

O mancebo rasgou o envellope, e ao fim de alguns

segundos, depois de lel-a, pallido, mas com um pequeno sorriso de felicidade nos labios, disse:

— Lê, Emma, e perdôa-me!

A esposa ultrajada, correu a vista pelo papel, e em seguida, estendendo a mão a Jorge, retorquiu:

— Sim, perdôo-te, por que *ella* morreu e não póde tornar a eclipsar o sol da nossa ventura... Mesmo, foi antes de casado que a conheceste... Perdôo tudo... Estás perdoado...

Jorge cahiu-lhe de novo aos pés, e, entre infindos protestos de amor e fidelidade, osculava-lhe as mãos.

Sua esposa, ajoelhando junto d'elle, disse, olhando-o com amor, mas com voz triste:

— Oremos por *ella!*

E Emma, pondo as mãos, murmurou uma prece, pelo eterno descanço da que fôra amante do seu esposo e que se suicidara, esquecendo mesmo que seria essa amante a causa da separação, por um divorcio, d'aquelle que adorava...

VI

Flôres e Espinhos

Porque denominei assim este meu escripto?

Porque a propria feição d'elle fez nascer este titulo.

Flôres e espinhos!

Que poesia, que encanto...

Será, mas não para os que lidam com flôres e não reparam nos agudos espinhos que ellas teem e que se cravam, não nos dedos mimosos que as vendem, mas na sua sensibilidade, na sua honra, sempre sujeita a perfidos ataques.

Era noite de espectaculo. O primeiro acto acabava de findar.

Ouvia-se o bater dos assentos das cadeiras; um sussurro de confusas vozes, e o ruido dos passos dos espectadores que sahiam. Na platéa, uns, de pé, assestam os binoculos para os camarotes, olhando as damas, analysando os mais imperceptiveis detalhes de seus semblantes e toilettes. Outros, sentados, de perna traçada, conversam com um amigo ou um simples conhecido d'aquella noite.

As senhoras fazem ouvir de vez em quando os seus risinhos argentinos, como para chamar a attenção para a sua formosura ou para as suas resplandecentes joias. Emquanto umas olham amorosas ou com aspecto indifferente para algum cavalheiro que lhe dardeja olhares cubiçosos. outras segredam, refrescando ou tapando com o leque os rosados labios. talvez criticando, como de costume, a toilette ou os sorrisos ternos de qualquer joven para o seu namorado.

Louvavel intenção!

Cá fóra. percorrendo os corredores, veem-se diversos grupos de homens. fumando. cavaqueando. olhando pelas portas entreabertas de alguns camarotes. ou dirigindo uma galanteria a um pequeno grupo de senhoras que passeiam pela galeria.

Estava entretido na analyse de todos estes episodios, quando sinto tocarem-me no hombro.

Voltei-me.

— Como estás? perguntaram-me.

Era um dos meus amigos. Correspondendo á saudação de Alberto, estendi-lhe a mão que elle apertou, começando depois a fallarmos sobre a peça em scena. Subito, o meu companheiro disse-me. indicando uma florista que vinha subindo as escadas que conduziam á primeira ordem. onde nos achavamos:

— Eis um *borboleta*...

— Borboleta?!... interroguei admirado.

— Sim. Volita constante em redor de uma chamma potente que lhe hade queimar as azas...

Ia pedir-lhe a explicação. quando a ramalheteira se approximou.

Fra uma formosa rapariga. talvez de 18 annos.

Vestia de branco com singeleza e frescura como as rosas brancas da primavera. A sua estatura era mediana, a sua cintura delicada. O pallor das faces, e a elegancia do penteado encantavam, e no brilho dos olhos negros tinha fontes de amor, bastantes para inebriar aquelles que a fitassem.

— Compra-me este raminho?... perguntou-me ella.

Porém, o seu olhar não se desfitava do rosto do meu amigo, como se o magnetismo a estivesse influenciando.

Comprehendi tudo.

— Não, não! Não quero! disse eu com voz retumbante para tentar libertal-a d'aquelle jugo.

Ella affastou-se, voltando-se repetidas vezes, e eu, fitando Alberto, vi que os seus olhos brilhavam d'uma maneira extraordinaria fitando-os na que elle denominava «borboleta.»

— Alberto? que quer isto dizer? interroguei.

Elle, sem desfitar os olhos da rapariga, e cofiando o bigode, respondeu:

— E' que esta mulher rodeia, sempre approximando-se uma chamma que a attrae, e que lhe queimará as azas, impedindo-a de voar para mais alto.

— Alberto!

Elle continuou sem attender a minha exclamação e, como se estivesse prophetisando:

— Esta mulher, dentro de oito dias, será minha amante!

E ella, a «borboleta», lá andava, não se affastando do ambito onde pudesse ver aquelle que a acabaria de conduzir, quem sabe, ao ultimo grau da sociedade...

*

* *

Decorridos quinze dias, encontrei-o de novo.

No seu olhar li que triumphara.

— Então?

— Foi minha apenas por horas. Satisfez o meu amor... não, o meu capricho. Carmen, é este o seu nome, é uma mulher encantadora, pena é que a sua posição se torne dentro em pouco insustentavel!... vae lançar-se na corrente d'uma vida perdida, essa que conduz a mulher, mais tarde, ao cumulo do desprezo... percebes?...

— E serás tu a causa d'isso...

— Estás doido... se pensas que estas floristas são umas «immaculadas», desengana-te. As flôres occultam um fim, mais abjecto, mas mais rendoso: o amor que se vende! Atravez d'essas rosas, cravos, chrysanthemos, etc., está a belleza que se ostenta, os sorrisos que provocam, as phrases que dão a conhecer os desejos da ramilheteira, a qual, encoberta pelas flôres, se offerece impudicamente! Desillude-te, meu caro!

Breve te contarei scenas que mostram a veracidade das minhas palavras. A ramilheteira fére-se nos espinhos das flôres que vende, e que mais ou menos a conduzem aos confins da baixeza e da degradação...

Curvei a cabeça.

Alberto dizia a verdade.

VII

Alma Perdida...

A manhã era risonha.

O sol espraiava-se em longa e dourada facha pelo horisonte, derramando em torno de si o calor consolante desprendido dos seus raios.

Lá, n'aquella casita, onde floresciam lindas as rosas... ali, n'aquelle ambiente doce de familia, onde um rouxinol, em gaiola bella, parecia ennovellar canticos de ternura nos gorgeios seus, elles, os dois pobres velhos — pobres pelos cabellos brancos, rude espelho da velhice — recordavam o outr'ora, o tempo em que, mãos nas mãos, iam escutar á praia, fitando as ondas azuladas, o ceu esbatido ao longe, as cantigas dos barqueiros, simples, e como o seu todo, humildes e despretenciosas...

Era um evolar brando do sonho... um esvahir melancholico de illusão...

A *Ella*, o olhar velava-se-lhe, parecendo imprimir-se, quebrar-se n'um ponto decerto cheio de nuvens,

d'essas nuvens negrejantes, annunciadoras de borrasca proxima, de tormenta grandiosa...

— Em que pensas?... interrogou *Elle*.

— Em nossa filha... E' tempo, deves crer, de...

— Ah, sim! dizes bem, é tempo de...

E aquelle *de* exprimia uma enorme caudal de angustias, de desesperos para ambos e, quiçá, para essa lembrada filha, um horisonte seductor, rosas e cravinas, amor, sempre amor...

Ao almoço encetaram o assumpto com a joven, botãosinho risonho que brotava n'aquelle ar tão puro...

A's primeiras phrases, ella ria, ria, n'um rir de creança tonta, n'um rir de affagos aos ouvidos e á vista, no mostrar dos dentinhos seus, côr da lua e dos labios, côr da aurora...

— Sim, encanto nosso, é tempo de...

E não seguia a phrase...

— Ah, sim, é tempo, é tempo... rematava imperfeitamente o pae, n'um ondejar dos cabellos alvos.

Ella tornou-se séria, muito séria mesmo, assumiu uns tons graves de momento.

E, no ranger dos dentes, n'uma torrada:

—... De casar?... Seja! E quem me destinam?

Elles admiravam-se da pergunta...

A quem?!... Nem em tal pensavam... a quem?

E afinal:

— Vê: o Gustavo... o Carlinhos...

— Dize... dize tu... dá-nos a tua confidencia...

Ella, intemerata e risonha:

— Pois sim.

Apuraram os ouvidos... que iriam saber, que nome brotaria d'aquelles labios?

Até o rouxinol viera encostar a cabecita plumosa ás grades leves, suspendera os cantares, como para conhecer a confidencia.

— Querem saber? Seja! Não quero nenhum, porque a minha alma anda perdida...

— Perdida...

— Por sobre uns cabellos côr de neve, um rouxinol que canta amoroso, umas rosas que sorriem e um logar onde a felicidade gira cariciante...

E elle, o passarito, ao escutar a confissão, trinava, n'um saltitar alegre de ave contente.

E elles, os felizes velhos, sorriam tambem, n'um mover compassado d'aquelles cabellos côr de neve, sobre que aquella alma santa vagueava perdida.

VIII

A Filhinha Morta

(NA MORTE DE MINHA SOBRINHA ILDA)

Estreitavam-se as mãos... fundiam-se os olhares n'um triste esmaecer precursor das gottinhas prateadas que desprendidas vão rolando em silencio, indo cantar lamentos de saudade...

Reinava ali a triste nudez do soffrer, a que o entardecer dubio e mysterioso emprestava notas lugubres e gélidas...

Além, soava compassado e melancholico o bronze da egreja proxima, nos tres toques das Ave-Marias. Calam-se os passarinhos como que emmudecidos ante aquella dôr atroz... As flôres parecem dormitar e como que um véo, luctuoso e negro, pesa sobre esse horisonte para elles tão feliz e sorridente outr'ora!...

Estreitam-se as mãos... fundem-se os olhares...

Perto, desponta o caixãosito onde *Ella*, a filha estremecida, repousava, alva como um lyrio, com os labios d'um leve tom arroxeado, a cabecita circumdada pelos cabellos de louro escuro, a que servia de resplendor a corôa de rosinhas brancas...

Dir-se-hia que dormia, envolta na derradeira *toillete* côr de canario, da qual se destacava na cintura fina a fita azul que a cingia, tão azul, como esse céo para onde a sua alma pura se evolára, indo beijar dôce os pés sagrados da Nossa Celeste Mãe, a fimbria roçagante do seu manto, apóz o que foi formar grupo com os formosos cherubins que lhe formam côrte... os pagens do seu Grande e Insondavel Reino!...

Elles, os paes, contemplavam-a, e, de momento, as suas frontes uniam-se n'um beijo terno, impulsivo e mutuo á linda creança morta, á dispersa esperança do futuro!...

E as mãos estreitam-se de novo... fundem-se os olhares, emquanto os soluços lhes estalam emfim dos peitos opprimidos...

*

* *

Occulta-se o sol por entre as nuvens: os seus raios agora lembram o olhar de anceio de quem muito ama e receia ver fugir-lhe o vivente ideal dos seus desejos!...

Soou a hora fatal...

A pobre mãe volve os olhos para o esposo... *Elle* encara-a tremendo...

O padre, indifferente, aspergindo o pequeno cadaver, entoa canticos que vão echoar triste, gemebundos, como um comprido ai, um longo gemido de alguem que padece...

Ella dá-lhe o derradeiro osculo... um, dois, cinco, dez, constantes, na mais cruel rapidez... O pae beija-a de leve...

Não póde, fallecem-lhe as forças, como lhe fallece a ventura que sonhára com esse ente que ia perder...

Sae o caixão... estruge o ruido pesado e funerio dos passos dos convidados...

A mãe olha para a scena, como se não a comprehendesse, e comprime o coração... encara tudo e todos e... desenlaça a corrente commovedora e sentida dos seus suspiros, das lagrimas de desespero...

Tudo fugiu! desvaneceu-se o quadro horrido... apenas no espirito se conserva vivido.

N'aquella casita, que n'outros tempos estava sempre tão alegre, suspenderam os risos a sua marcha rosea, os cantares o seu meigo desprender!

Falta a carinhosa animação da creancinha adorada...

Repousa além, no cemiterio, coberta de flôres que morreram com ella, que se lhes desfolharam sobre o corpito gracil, como ultima homenagem de quem se não esquece...

Nas tardes quentes, sob o sol que deixa cahir magestoso a torrente dourada dos seus fios; nas noites que a lua vae illuminar com os raios suavemente pallidos, esmaecidos como a açucena, os paes recordam as palavras que ella dizia, os gestos infantis, as suas mil graciosidades.

E longe, n'uma visão que a voz do outro filho tão

querido, que as suas gargalhadas frescas e argentinas vão fazer murchar, parece-lhe ver a campasinha formosa, aquelle rostosinho lindo da Ildasinha, que a lua compadecida vae visitar, innundando-a com a luz serena e limpida, encantadora e terna...

IX

Aquella Casa Triste...

Foi n'uma das aldeias da provincia da Beira Alta.

A noite, com seu manto de negruras, recamado de phantasticas sombras, veio desdobrar-se lentamente, firmando sobre o pittoresco logar, onde nos achavamos, o seu dominio de trevas. A escuridão tornava-se pouco a pouco compacta. A atmosphera estava pesada, nevoenta, e nem o triste lampadario de uma estrella errante brilhava na abobada celeste.

A poucos passos, comtudo, avistava-se uma casinha, fazendo conjuncto com a escuridão da noite, tanta era a tristeza que ella fazia sentir, ao contemplar-se o denegrido de suas paredes. Nem uma só luz ali brilhava, indicando que tivesse moradores.

O meu companheiro, Guilherme da Silveira, vendo a minha muda contemplação, disse-me, indicando a isolada e triste habitação:

— Vês, ali, n'aquella casa, deu-se ha annos uma scena pungente de que fui espectador involuntario...

— Já o coração me adivinhava isso... conta-m'a...

— Vou satisfazer-te...

As trevas invadiam já por completo o logar onde estavamos.

Guilherme principiou:

— Na noite da minha chegada á Beira, fui hospedar-me na casa que além se avista, tendo sido recommendado por pessoas de Lisboa, que conheciam os seus moradores. Eram donos d'ella, um velhote de sessenta annos e a mulher, tambem de avançada idade. Tinham em sua companhia uma filha de dezoito annos, chamada Bertha. Pouco tempo depois de me terem servido a ceia, encaminhava-me para o aposento que tinham destinado para mim.

Mal tivera tempo de dormir talvez dez minutos, quando fui desperto por um barulho insolito de gritos, ameaças e supplicas. Estranhei aquelle ruido, pois, como sabes, nas aldeias, assim que anoitece, tudo é silencio.

Apurei o ouvido e eis o que logrei saber: Bertha, que se achava apaixonada por um rapaz, que devia partir para Lisboa n'essa noite, resolveu abandonar o lar paterno e fugir com aquelle que amava. Ia já a realisar os seus intentos, quando foi presentida pela mãe, que, abraçando-se a ella, supplicou-lhe não commettesse aquella loucura, ao que Bertha respondia tentando affastar sua mãe. O pae acordára, e, levantando-se, irado, deu duas bofetadas em Bertha, que começou a soluçar e a gemer, que causava dó. A mãe oppôz-se ao castigo da filha, mas o velho, para evitar nova tentativa de fuga, fechou Bertha no seu quarto. Nenhum d'elles poude dormir, nem eu, pois os ouvi

fallar durante muito tempo. Seriam duas horas da madrugada, echoou no espaço um grito tremendo e lancinante...

Guilherme interrompeu por um momento a sua narrativa e eu, ávido de saber o fim d'aquelle drama intimo, perguntei:

— Quem o tinha dado?...

— Vaes sabel-o. Todos nos erguemos, e a velha levada por um presentimento, correu ao quarto onde a filha estava fechada. Deu volta á chave e, ao abrir-se a porta, demos um grito de espanto... o aposento estava deserto! A velha, comprehendendo tudo, deu um grito, e redopiando sobre si, cahiu no chão, murmurando com voz tremula:

— «Suicidio... o valle...»

O quarto de Bertha, tinha uma janella que deitava para um profundo despenhadeiro, e ella, levada talvez pelo remorso, ou mesmo por terem contrariado os seus planos, abrira a janella e despenhara-se no valle. Fôra de Bertha o grito que ouvimos. Minutos depois, a mãe d'ella erguia-se e, chorando cruciantemente, cahiu nos braços do esposo. No outro dia, encontrava-se no fundo do valle o corpo despedaçado e sangrento de Bertha. A mãe pouco lhe sobreviveu, e o pae andou muito tempo como louco, e um dia, encontraram-no morto, junto do valle... Que scena, meu amigo!...

Ainda estremeço quando a recordo...

Eu soluçava, contemplando aquella casa triste que emergia por entre as trevas da noite...

X

Duas Rosas

Estavam ambas no canteiro, cercadas de verdejantes folhas.

Uma era branca, d'uma pallidez que encantava, a outra era encarnada, d'um vivo colorido.

A brisa fresquissima da manhã beijava-as, meiga e docemente, impregnando-se de seus aromas, de seus perfumes suavissimos.

O ceu estava d'um azul claro; o astro rei principiava a despontar com os seus raios vermelhos e faiscantes. Uma chilreada alegre dos rouxinoes parecia festejar o aureoloso surgir, emquanto os sinos das torres mais proximas deixavam ouvir os seus sons vibrantes.

Os passarinhos, as flôres, a natureza, emfim, parecia estar em festa.

Aquelles, faziam ouvir os seus melodiosos gorgeios, os diversos trinados festivos e ternos, d'um encanto, na realidade, bello, cheio d'uma poesia inexcedivel;

aquellas, abriam as suas corolas aos zephyros, espalhando no ambiente um perfume inebriante.

Nas arvores, ostentavam-se innumeras e variegadas folhas, como para convidar ao descanço debaixo das verdejantes e copadas abobadas.

Nos pequenos e frageis arbustos, que vergavam ao sopro do vento, viam-se as mais bellas flôres, despertando ao erguer do sol, ao adejar das andorinhas, ao doce e terno arrulhar dos pombinhos.

A rosa branca, que se deixara pender entristecida sobre a sua fragil haste, ergueu-se, e, reparando na muda contemplação da sua companheira, que com um aspecto compadecido a encarava, perguntou:

— Porque me olhas d'esse modo?

A outra, em logar de responder, interrogou:

— Porque és tu tão pallida, minha irmã?...

— Ah! era por isso que me olhavas d'um modo tão estranho? Pois bem, vou satisfazer-te...

A rosa purpurina, ficou silenciosa, aguardando as palavras da sua companheira.

Esta principiou:

— Ao tempo ainda estava em botão. Apesar de ser muito nova, já comprehendia que o mundo me apresentaria coisas bellas, admiraveis, e que fariam a minha felicidade. Uma manhã, admirando as mimosas e innumeras flôres que me rodeavam, vi, perto de mim, um lindo e almiscarado cravo, que me olhava d'uma maneira que me tornava orgulhosa, alegre, sem mesmo saber de quê. A fresca viração murmurou-me ao ouvido: elle ama-te! Senti que uma coisa inexplicavel, me impellia para elle...

— Continua... pediu curiosamente a purpurea rosa,

vendo a companheira interromper as suas palavras.

— Passados instantes, reparei n'uma flôr bella que se achava junto d'elle, e que o olhava com ternura... era minha irmã. Subito, a aragem soprando, uniu-os n'um beijo de amor... então, de ciume empallideci...

A outra rosa, purpureou-se ainda mais, o que foi notado pela mais pallida.

— Que tens? interrogou ella.

— E' que essa rosa, a quem a meiga brisa fez unir ao cravo, era eu, que ao sentir o seu osculo amoroso córei, de pejo...

— Foste então a causa do pallor, que me desfigura...

— Não, que te torna mais bella ainda... mas perdôa-me minha irmã...

O sol, n'esse instante formou por sobre ellas uma aureola brilhante, as avesinhas fizeram ouvir os seus canticos cheios de harmonias, e, as duas rosas, esquecendo tudo, uniram-se n'um abraço, emquanto o vento susurrava nas ramarias das arvores.

XI

Adeus!

A hora de se separarem estava a chegar, porém os dois amantes ainda se conservavam ternamente enlaçados, ciciando palavras de amor e despedida.

Luciano era filho d'um rico proprietario alemtejano, o qual, influenciado pela idéa de augmentar os seus terrenos e propriedades, começara contrahindo emprestimos e realisando operações financeiras, as quaes deram em resultado, em logar do esperado augmento dos haveres, uma perda incalculavel.

Em face do abysmo que se lhe apresentava, e explorando o amor d'uma menina, cujos paes eram possuidores de regular fortuna, o pae de Luciano suggerira a seu filho a idéa d'um casamento, e como elle resistisse a essa proposta, pois amava uma joven que lhe correspondia com ternura e fanatismo, ameaçou-o de o fazer casar á força. Seguidamente explicou-lhe que, se esse consorcio se não effectuasse, estava fatalmente perdido, e que só assim lograria salvar os seus creditos e interesses.

O mancebo, então, conscio do seu dever, curvara-se perante as exigencias paternaes, porém com o coração dilacerado pela amargura e maldizendo o destino.

Ilda, abraçada ao amante, soluçava.

Era cruel a despedida.

Achavam-se ambos no jardim. Estavam sós, bem sós.

Era bello e ao mesmo tempo desolador o conjuncto formado por aquellas largas ruas de arvores, completamente despidas de folhagem e que pareciam mil negros phantasmas que estavam assistindo funebres e silenciosos a essa separação.

A noite, noite de novembro, estava negra e triste, e não tinha o brilho scintillante e animador das estrellas. A lua, que tão suave e meigamente nos allumia no outomno, conservava-se occulta pelas nuvens que lhe interceptavam os raios pallidos, mas bellos.

— Ilda, são duas horas, é tempo de nos separarmos... para sempre, pois logo já não pertencerei só a mim...

Ella, apertando-o ainda mais nos braços, murmurou com voz suffocada:

— Mais um momento... concede-me ainda alguns instantes felizes, suaves... deixa-me contemplar-te, beijar-te de novo... Oh! a lembrança de que essa mulher, que vae ser tua esposa, ha de receber as tuas caricias, os teus beijos, enlouquece-me! Ver-te encostado ao seu braço, olhando a talvez com amor... é impossivel!... Depois, nos meus sonhos, hei de julgar ouvir o susurro dos osculos que tu lhe dás, as tuas palavras doces, ver os teus sorrisos e ella, toda palpitante, ebria de emoção, abandonar-se-te nos bra-

ços, apertando-te fremente, sentindo as palpitações do teu corpo... não... não... Luciano... mata-me antes de se realisar esse casamento, de que não posso lembrar-me sem estremecer... desobedece a teu pae, abandona-o e fujamos...

O mancebo, affastando-a com brandura, retorquiu:

— Ilda! Amo-te com entranhado affecto, porém acima do nosso amor, está aquelle a quem devo tudo que sou: meu pae! Era feliz, porque estava junto de ti, podia chamar-te minha, pois me adoravas... porém a felicidade nem sempre dura, e uma nuvem negra, surgindo de repente, eclipsou-a por completo. Dizes que o abandone, que lhe desobedeça? Queres então vel-o alquebrado pela desgraça, ouvindo as ameaças dos credores que o despojariam sem piedade? Querias ver aquelle a quem devias egualmente amar, por ser meu pae, vivendo n'uma misera choupana, triste, pobre, sem ter quem o ampare na desventura? Desejas que amaldiçoe o filho ingrato que o abandonou n'um transe angustioso da vida?...

— E eu?! eu! murmurou a joven estorcendo as mãos.

Luciano, com o semblante pallido, mas com serenidade, disse:

— Tu... já sabes... lembra-te a todo o instante do que te amou e amará sempre... Nutre a esperança de que ainda voltarei a pertencer-te... recorda-te de que só por meu pae te abandonei!...

E os dois abraçavam-se soluçantes.

Nas arvores susurrava a brisa, produzindo um prolongado suspiro, e o firmamento tornava-se escuro, d'um aspecto medonho.

Ilda, fitando-o com um olhar avelludado, de languidez profunda, perguntou:

— E lembrar-te-has sempre de mim?... Não me esquecerás, meu Luciano?... Nunca?...

Elle, affastando-a de si alguns passos, para a contemplar de longe, e tomando-lhe as mãos, respondeu:

— A tua imagem ostenta-se firme no meu coração, o meu pensamento só se occupará de ti... e ELLA, apenas achará um homem que a trate com amisade... mais nada!

— Bem, salva teu pae... e... não resistas a um só pedido de tua esposa, obedece-lhe, não lhe amargures a existencia, porque a infeliz não tem culpa e ama-te talvez como eu te amo... vae e torna-a feliz, peço-t'o!...

O moço, comprehendendo o seu dever, e admirando aquella abnegação sublime, apertou-a novamente nos braços e depois affastou-se com precipitação, soluçando.

Ella, pallida e tremula, seguiu-o com o olhar, e em seguida, murmurou com voz imperceptivel e entrecortada:

— Partiu para não mais voltar! Que sejam felizes, já que eu não o posso ser!...

Depois, como o seu coração de mulher lhe dissesse no bater apressado, que Luciano ainda se voltava, pois o escuro da noite não lh'o permittia ver, bradou, agitando um lencito branco:

— Adeus! Adeus!

XII

A Primeira Amante

Elle, o amigo dilecto, chegara da sua viagem á Suissa, inesperado...

Penetrou no jardim, cujas portas encontrara abertas e onde as arvores sacudiam preguiçosas, ao sopro da brisa agreste que rumorejava de continuo, as folhas amarellentas que vinham, borboleteando, roçar-lhe as as faces, o chapeu, as mãos, descendo depois ao sólo para dormir o somno derradeiro...

A paisagem era encantadora.

As extensas alamedas, o tapete verdejante que além despontava, o canto suavemente triste d'um rouxinol que tremia friorento nos galhos semi-nús, tornavam o o logar captivante pela propria singeleza...

A atmosphera apresentava-se diaphana, parecendo de gase leve...

Annunciando-se como um desconhecido, mandaram-o esperar no gabinete de Carlos.

Que surpreza... cahiriam nos braços um do outro,

contaria as suas aventuras, as conquistas que fizera... tudo, tudo!...

Mas... demorava-se...

Quem era o culpado?... para que não dissera o nome verdadeiro?...

E percorria com a vista os quadros, os moveis...

— Bravo!... Ganchinhos de mulher... perfumes... ora... ora o maganão... governa se pelos modos... Um album... vejamos...

Voltava as folhas orladas de ouro em que as photographias sobresahiam...

Olá!... Que quer dizer isto... como viria...

Mirava, remirava um retrato de mulher...

Era divinalmente pallida, mas com umas tranças negras, opulentas e uns olhos tambem negros, rasgados, que lhe davam ao rosto como que uma irradiação nitente... Parecia fitar o olhar melancholico, ao longe, como o anjo da Saudade o fitaria na flôr da sua personificação...

—... Como estará aqui...

Carlos entrou. Reconhecendo o amigo abraçou-o, contente, feliz...

— Henrique! Finalmente!

E apertaram as mãos, alegres pelo regresso.

— Mas Carlos... porque motivo tens tu no album...

E apontava-o, aberto sobre a mesa...

Elle, estremeceu...

— Tu conhecel-a... conhecel-a...

O outro respondeu, admirado do ar estranho, dos movimentos febris:

— Foi a minha primeira amante!...

Carlos, deu um grito, repetindo:

— A tua... a... tu... a...

— Que tens?

O infeliz, tremulo, desfolhou o livro, apresentando-lhe um outro retrato, perguntou com os labios cheios de espuma:

— Conheces... de quem é?

— Enlouqueceste... E's tu!...

Carlos, retorquiu, cahindo na *chaise-longue*, cobrindo o rosto com as mãos, soluçando:

— Vae-te... não a vejas... não se vejam... o retrato não é o meu... não... é o... do marido da tua primeira amante!...

XIII

Vencido!

— O amor?!... O que é elle?... perguntara-me Alberto, sorrindo-se ironicamente.

— Queres sabel-o?...

— Sim.

— Pois bem. O amor é uma attracção mysteriosa, um affecto mais vivo e ardente que nos conduz muitas vezes, a ser escravos d'uma mulher. E' uma fonte de doçuras, que nos consola a existencia ou nol'a torna amarga, se esse affecto que sentimos não é retribuido pela pessoa a quem é dedicado.

O amor é uma palavra santa, pois a elle devemos o balsamo das palavras d'uma namorada, os sorrisos meigos d'uma noiva, as ternas caricias d'uma esposa e mais tarde, as alegrias e as recordações saudosas do nosso passado...

— Que mais?...

— Desejas saber mais? Procura uma joven, formosa, bella, elegante: deixa que, primeiro o desejo,

depois o amor, se aposse do teu coração, e então saberás comprehendel-o... se fôr correspondido, eis-te feliz; no caso contrario, vergarás, desesperado, ao peso do teu amor, como um tenro arbustosinho vérga ao sopro potente do vento...

— Vou tentar conhecel-o... procurarei uma donzella, e envidarei todos os meus esforços para conseguir amal-a...

— Cautela, Alberto! Teme as contrariedades, forceja antes por não conhecel-o, pois podes ser obrigado a arder eternamente nas chammas d'um amor não correspondido...

— Mas o amor não é tão bello?

— E' sim, é o raio acalentador da mocidade, mas contudo lucta contra elle, para não seres desgraçado...

— Muito agradecido, sr. apologista do amor!

E Alberto, sorrindo, affastou-se.

Decorridos mezes, encontravamo-nos de novo, e a conversação recahiu sobre o mesmo assumpto, isto é, o amor.

— Que tens Alberto? Estás pallido; andar vacillante... que sentes?...

— Os teus conselhos perfidos são a causa do meu abatimento: amo...

— Amor ou desejo?... interroguei.

— Ambas as coisas... apaixonei-me por uma mulher que me corresponde, mas não tanto como desejava...

Alberto fez um esforço, depois, alçando a cabeça, disse, batendo o pé:

— Hei-de recalcar no fundo do coração este amor; hei-de vencel-o e vencer-me!...

— Talvez sejas vencido...

— Nunca, nunca! Juro-te!

Abanei a cabeça incredulo.

Tempo depois, Alberto passava junto de mim, dando o braço a uma joven, de rosto alvo, emmoldurado por louros cabellos, olhos azues, d'uma terna suavidade, nariz aquilino, bocca graciosa, entre-aberta n'um sorriso terno. O seu olhar, dirigia-se de vez em quando para seu esposo, envolvendo-o n'uma atmosphera magnetica.

O meu amigo, apenas me viu, dirigiu-se me e apresentou-me sua esposa.

— Os teus conselhos foram magnificos; sou feliz!

— Então, na batalha contra o amor...

— Fui vencido!

E olhando ternamente aquella a quem dera o nome, accrescentou:

— Quando alguem te perguntar o que é o amor, responde: é a união de duas almas, operada pelo destino; é a felicidade e a ventura dos casados!

XIV

Fatalidade!

Emquanto o trovão echoava ao longe, n'um sussurro medonho e raios azulados, verdes, côr de fogo illuminavam o espaço em trevas, a velha horrorosa desenrolava deante de mim um planispherio de martyrios, cheios de tormentos...

— Sou a prophetiza da *Desgraça!* Hei-de envenenar-te a existencia, maldito filho da *Poesia!* clamava ella batendo no peito com os punhos cerrados, produzindo um som cavo, surdo como o rumorejar da tempestade lá fóra desencadeada.

Os cabellos brancos, hirtos, a prumo, parecendo sustentados por occulta mola; os olhos encovados, rodeados d'um circulo sanguineo no meio do qual alvejava uma bolinha immovel; o nariz afilado, o labio inferior cahido, mostrando os dentes agudos, grandes, que pareciam querer saltar das gengivas; a côr violacea do rosto, os dedos afilados, guarnecidos de unhas negras e aduncas, tornavam-a horripilante!...

— Vai-te, oh! vai-te! Não me mortifiques, deixa-me em paz! pedia desfallecido, torturado por aquella visão esmagadora.

— Não! Nunca! Vou dizer-te, que essas imagens de amôr que esboças, e que julgas maripozas, brotadas do lindo Abril, não são mais que pallidas figuras d'um presente illusorio e d'um futuro risonho que é ephemero, que jamais se realizará! Eu é que o saberia descrever, eu, que sou um cadaver!...

A chuva batia nos vidros e o vento em uivos semelhava um gemebundo carpir a finados.

Soára a hora em que é dado aos phantasmas levantar-se das suas gelidas campas: a hora tetrica da meia noite!

O rolar do trovão ouvia-se a todo o momento, e o raio, em fitas vermelhas, brilhava com estranha luz.

A horrenda megéra proseguiu com voz sepulchral, acompanhada pelo ruido dos dentes que se entrechocavam rijidos:

— Vou fazer desfilar deante de ti as tres virtudes theologaes...

E na verdade, vi-as approximar. A *Fé*, vinha á frente, sempre cega, seguindo ávante, confiante em que daria com o caminho que buscava: o do meu coração oppresso! Apoz, a *Esperança*, envolta n'um véo da côr das algas: a mãosinha pequena estendia-se para mim, procurando a minha, para eu lhe conceder um logar no peito apaixonado. Depois, a *Caridade*, distribuindo rosarios de mil coraçõesinhos, que tantos eram os que com carinho unira pelo hymineu!

— Bemditas sejaes, oh Fé, Esperança e Caridade!...

Sinistra gargalhada, parecida com um tilintar de campainhas agitadas com phrenesi, se fez ouvir.

Era a velha maldita!

— Enganas te! disse ser as trez virtudes, mas não são as que pensas, mas sim as do livro da *Desgraça!*

Derradeira illusão! A primeira não era a *Esperança:* essa de ha muitofu gira para além, mas a *Tortura,* que me cravou os espinhos do infernal subdito de Satanaz, o Ciume!

A segunda era a *Infelicidade:* o véo cahira-lhe e, no rosto aureolado de mysteriosa luz, notava-se bem patente o estygma fatal da *Desdita.*

Avançou e depositou-me na alma enluctada as flôres que ella personificava! A terceira, a *Malmequerença,* arrancou-me o que procurava e juntou-o aos outros, fazendo-os vibrar phreneticamente e contar os segredos que encerravam.

Novo relampago scintillou. Ellas desappareceram, servindo-lhe de companhia o fragor da trovoada...

— Eis o alvo da tua paixão!

Vinha excessivamente pallida. Leve mancha azul partindo das palpebras, tornava-lhe mais scismadores os olhos bellos!

O busto semi-curvado, inclinado para o solo, davalhe um aspecto de triste melancholia. A seu lado, outra joven, a *Belleza,* quasi apagada, perdendo o todo estonteante... A *Candura* fitava-a com vago olhar e ia-se affastando... A *Modestia* julgar-se-hia querer voar... E um ente maldoso, precipitava-se para ella, querendo arrebatar-m'a: era a *Desconfiança!*

Apesar de tudo estendi-lhe os braços...

Porém uma alluvião de demonios se lançou entre

nós e a levou pelos ares, emquanto a *Ventura*, agonisante, soluçava a meus pés, em brados que me dilaceravam :

— Morro ! morro !...

Então bradei :

— Ainda a amo ! Entreguem-m'a !

Mas a velha disse, pizando mimoso lilaz, symbolo do *amor nascente* e o da *Amizade* : acacia côr de rosa :

— Não a possuirás... Em troca... dou-te duas amantes ternas, que te hão de adorar !...

— ? !...

— Uma sou eu, que te quero, que desejo me pertenças... a outra é aquella que te encara com tão mago sorriso...

E a *Desgraça* enlaçou-me nos seus rigidos braços, dando-me o primeiro beijo...

A *Indifferença*, approximou-se e, pondo a mão fria sobre o meu coração ardente, fez com que as suas palpitações parassem !...

Fóra, o vento sibilava, açoutando lugubremente as vidraças e a chuva, despenhando-se, fazia escutar como que um longo psalmear a finados !...

Ao longe os sinos das egrejas parecia murmurarem nos dobres plangentes :

— Fatalidade ! Falleceram as ultimas esperanças d'um crente ! Fatalidade !

XV

A' Luz das Estrellas

....

Uns microscopicos pedacitos de papel revoluteavam impulsionados pela brisa fresca. que meiga e doce os bafejava, entoando canticos lindos. canções fervorosas, apaixonadas...

A dança era macabra. estonteante, produzindo ligeiro *frou-frou,* qual tenue zumbir de mosca...

Umas vezes, corriam, corriam velozes, como que fugindo... outras, amontoavam-se. brincando juntos, n'um adoravel desprendimento. parecendo loucos collegiaes á hora do recreio...

Acerquei-me.

O ceu azul arqueava-se risonho. formando encantador docel em que as estrellas abriam scintillantes buraquinhos...

— Como estão contentes!... exclamei.

Elles reuniram-se muito depressa. e bradaram *una voce,* dando pequenas risadas:

— Seria este?!...

Interroguei-os perplexo, mas sorridente, porque a alegria é quasi sempre contagiosa.

O maior então, cavalgando sobre todos, explicou em tom faceto, gaiato, *canaille,* fazendo mesuras:

— Tem v. ex.[a], na sua presença, os bocadinhos d'uma carta *chic,* côr de rosa, como vê, galante, mesmo nos seus fragmentos dispersos...

— E... porque a rasgaram?...

No meio de gargalhadas, elle historiou:

—...Louro mancebo, n'um momento de sentimental lyrismo, sentando-se á secretaria, escreveu, com o cerebro em chammas, varias linhas á sua primeira conquista. A graciosa missiva recebeu assim cinco *amo-a,* dez *adoro-a,* infinito numero de phrases tontas, arrancadas aos romances.

N'um instante de ternura, deu-lhe o baptismo: duas lagrimasinhas, perfeito *bijou* no genero... A carta quiz chorar, mas riu-se... d'ahi, apoz o repouso quente da carteira do enamorado, passou para as mãos callosas de certo gallego, mercenario imbecil, que a apertou n'um vehemente desejo de a desfazer, emquanto malicioso sorriso lhe assomava aos labios grossos.

Seguidamente viu a veste olorosa e rosea, rasgada por breve mãosinha... percorridas as paginas, com anceio. De subito, a joven, arrebatando-se, correu á janella e desfez a infeliz, que transformada n'estas migalinhas (as nossas humildes pessoas), veiu voando, voando, até cahir solta, desfeita, aos pés do desditoso, que meio louco, fugiu... Tudo isto apenas por dizer:

— *Os vossos olhos, senhora, são dois carvões accesos no branco fogareiro do seu rosto!...*

— E brincaes tanto, assim rasgados, mostrando ser tão felizes?...

E elles olhando-me zombeteiros:

> D'esses mil sonhos d'amor,
> Nós nos rimos com prazer...
> São quadrosinhos sem côr,
> Que n'um canto vão morrer
> Quando se é melhor pintor!...

— Pudera não... vemos a doce perspectiva de sobre nós não mais se escreverem essas mentidas palavras apaixonadas, a tolice manuscripta, o verdadeiro lado comico do amor theorico, tola armadilha ao coração das donzellas...

E os microscopicos fragmentos de papel, que eu vira á luz das estrellas, dançavam impulsionados pela brisa, que meiga e doce os bafejava.

....

XVI

O Ultimo Acto

Ella, a *estrella,* recolhera já ao camarim, languida, alquebrada pelo declamar, com uns amuos occasionados pelas poucas ovações que o publico lhe dispensara n'essa noite.

Atirara-se furiosa sobre a *chaise longue* e ahi rememorava as scenas principaes, os gestos, as palavras de effeito, que deviam ser melhor accentuadas e não descobria motivos d'esse desagrado...; nada lhe escapara, antes, pelo contrario, accrescentara umas coisas propriamente suas, estudadas, analysadas detidamente e que deviam produzir maravilhas...

Porque seria então?...

E ella, a actriz tão querida das platéas, apontada como a mais habil, a mais comprehendedora dos papeis que lhe confiavam e a que dava um realce nunca visto, um *tic* particular, perdia-se n'um rio de confusões, em que as ideias se baralhavam n'um labutar confuso, procurando anciosa adivinhar a causa d'aquelle mysterio!...

Não teria, porventura, frisado, como nas demais noites, as phrases do ultimo acto, a sentimental e derradeira despedida ao esposo, arrancado de seus braços na propria noite de nupcias, para partir para onde o dever o chamava?...

Não, antes, como se se incarnasse verdadeiramente na personagem que representava, déra mais cruciante ainda o grito de dôr, ao vêl-o correr para a porta, e desapparecer... Parecera-lhe, na realidade, que era seu marido, que a partida não era mero producto da imaginação fecunda d'um auctor, o fecho do drama, mas sim uma pagina, um transe doloroso da sua vida!...

Porém... se não commettera incorrecções. porque não fôra tão festejada como de costume, porque não ouvira echoar as repetidas salvas de palmas com que sempre era acolhida?

Pensava. miudamente. emquanto, em repellões febris, ajudada pela creada, a loura Fifi, despia a *toilette* de seda branca com grinalda de flôr de laranja, com que apparecera na ultima scena e envergava a da sahida, um vestido leve, tambem branco, com enfeites, que a metamorphoseava em linda borboleta.

. . . .

Duas pequenas pancadas, dadas na porta do camarim, despertaram-na. Mandou abrir...

O protogonista do drama, e seu fervoroso adorador, que muitas vezes lhe confessara uma paixão a que ella soubera resistir, apresentou-se.

— Minha querida, são horas... que demora hoje...

Mas a *estrella,* estremecendo, bradou, agarrando-lhe nervosamente nos pulsos, fitando os seus olhos d'um brilho magnetico nos d'elle:

— Comprehendo tudo... és tu... foste tu!...

O primeiro actor, quedou-se extatico, boquiaberto, ante as incomprehensiveis apostrophes.

— Sim, foste a causa dos applausos faltarem... adivinho tudo: perdi o enthusiasmo, o fogo com que devia dizer as palavras finaes, sabes porquê?...

— Vamos, menina, explica-te...

— ...Porque, depois de dizeres o derradeiro adeus, devias voltar de novo, correr a meus braços e dar-me um beijo, esse beijo quente que todas as noites recebo...

— E' verdade!

Ella, porém, inflexivel, fez-lhe repetir a scena final, recebeu o osculo esquecido e em seguida, exclama irada, apontando-lhe a porta:

— Cumpra-se á risca o desejo do auctor: parta, não mais me falle... *adeus, minha vida! Perdi o meu esposo!*...

E cahiu desfallecida...

....

Minutos depois, accrescentou n'um riso sardonico, voltando-se para a creada:

— Applaude isto hoje, rapariga, porque a olvidada caricia do ultimo acto jamais esse publico imbecil a applaudirá!...

E ambas, fizeram estrugir por instantes os seus frageis applausos...

XVII

Um Leilão

No mercado da *Vida* ia pôr-se em praça um objecto, o meu chronometro de sentimentos, de altos sonhos, de faustosas ambições!...

O leiloeiro sinistro que d'elle fazia venda, o *Destino,* bradava com voz que se repercutia ao longe, na amplidão immensa do Infinito, indo quebrar-se gemebunda e triste nas nuvens azulinas:

— Ninguem quer mais?... Vae-se arrematar!...

E eu lançara-o ao olvido, não lhe permittindo a expansão das suas maguas, o entoar lamentoso de saudades, fazendo d'elle uma cousa nulla, sem valor...

Só agora que um crédor, vendo que tão mal o tratara, m'o ia arrebatar para *alguem* ser d'elle um administrador, é que me revoltava, maldizendo o meu constante doudejar quebrado, desfallecido como as folhas das arvores se contrahem e amarellecem ao cahirem em terra, depois de bem alto mostrar o seu tom esmeraldino, como os das ondas que balanceam!...

A voz fatal proseguia constantemente, gemente e pausada:

— Vae-se arrematar! Ninguem quer mais?...

As compradoras passavam... olhavam o que se expunha e seguiam melancholicas e serenas, dolorosas e indifferentes...

Desejara o adquirisse esta... ou aquella mulher de olhos azues...; a dos cabellos louros como o sol festivo, a dos negros, como o manto em que a Noite se recata pudica...

Oh! a morena que vejo distante... como cuidaria d'elle!...

Mas o doce devaneio interrompeu-se ao som das 3 pancadas na mesa do *Amor!*

— Está arrematado!...

E o leiloeiro ordenou-me entregasse ao comprador, o que então arrependido desejava ter ainda...

Foi assim que commovido lancei aos pés d'uma mulher louca o Coração, que já não era meu, o Coração que *ella* arrematara!...

Além chilreavam os rouxinoes... cantavam as fontes... floresciam lindas as rosas...

XVIII

A Pombinha Branca

Impávido, de olhar fito e espingarda apontada, o caçador, ouvindo um pequeno ruido, aguardava o apparecimento da caça.

— Enganei-me mais uma vez... estou *feliz,* não ha duvida... disse elle, decorridos minutos, pousando a arma.

Luiz era um mancebo de vinte e dois annos, de aspecto sadio.

Retirado do mundo aos quinze annos, sem ter gosado nenhum dos seus prazeres, vivendo até aos vinte com sua mãe, no isolamento de uma aldeia, o moço passava os dias ou lendo os poucos livros que possuia, ou caçando e percorrendo a cavallo as circumvisinhanças da povoação.

Adivinhava, porém, mil esperanças e desillusões, tendo esse enthusiasmo precursor do desalento, sem ter experiencias crueis, apenas pelas revelações intimas do seu coração.

Todas as paixões jaziam adormecidas na sua alma,

e uma simples scentelha, que brotasse, devia accordal as energicas e impetuosas.

O fertillissimo valle de *** estava quasi despovoado de flôres e fructos. As arvores sacudiam, ao impulso do vento, as folhas amarellecidas, e a brisa annunciava, com os seus suspiros humidos, a approximação das neves.

Aquella solidão tranquilla, os galhos das arvores despidos de folhagem, pareciam convidar o espirito á suave meditação, em que elle se desprende dos laços mundanos e vôa para as regiões da poesia, onde se povôa de sonhos côr de rosa, de phantasias, de mil recordações queridas, esquecendo o gelido frio do inverno, a aridez das terras, o rugido sibilante do vento...

O mancebo, encostado á arma, meditava. Parecialhe que no seu espirito havia relances de clarões e obscuridades; sentia dentro de si como que uma luz viva, que ora empallidecia, ora se avivava de subito...

Talvez fugitivas esperanças...

No seu intimo surgiam os alvores de mil desejos, uns jubilos que pareciam saudar o brotar da felicidade...

Um ligeiro bater de azas dissipou, como por encanto, o quadro bello do seu devaneio. Luiz, erguendo os olhos, viu adejando a pouca altura uma ave innocente, que não esperava o tiro traiçoeiro.

O moço, mettendo a arma á cara, comprimiu o gatilho, e uma detonação se fez ouvir...

A infeliz, aos rebolões, veiu d'ahi a momentos cahir aos pés do caçador que, dando um grito de dó, murmurou, erguendo-a do solo:

— Pobre pombinha! Conheço-te... sahiste do pombal da quinta das Rosas, voaste para que eu te ferisse... má estreia...

Depois, mirando-a tristemente, accrescentou:

— Estás ferida apenas n'uma aza... socega, vou levar-te aos que te amam...

E Luiz, pondo-se a caminho, de espingarda a tiracollo, achava-se, passados instantes, n'uma magnifica herdade, onde se fez annunciar depois de alguma hesitação.

Conduziram-no para uma sala baixa bastante espaçosa, e que recebia luz por duas grandes janellas, quasi tapadas de folhagem e de algumas flôres silvestres.

N'aquella casa respirava-se um ar fresco e perfumado; das janellas via-se o mar e o campo.

Luiz, terrivelmente impressionado com o acontecimento que elle reputava fatal, aguardava o momento de ser recebido. Subito, um leve roçagar de sáias fel-o erguer a cabeça e soltar uma exclamação de espanto.

— Ella... a que tenho visto em sonhos, a que me perturba a existencia...

Na sua frente achava-se uma encantadora menina de dezoito primaveras.

— Ah! E' o visinho...

O mancebo, enleado, depois de cumprimentar a joven, disse, apresentando a pombinha:

— Minha senhora. Por uma desgraçada fatalidade acabo de ferir a sua pombinha predilecta, pois tem uma fitinha pendente do pescoço... Perdoar-me-ha?...

Ella, soluçando, tomou-a nas suas mimosas mãos e murmurou:

— Não... Tudo lhe perdoaria, menos isso...

N'este instante a pomba, soltando-se das mãos da donzella, deu um pequeno vôo para o hombro de Luiz, onde foi pousar.

Elle, ajoelhando, supplicou:

— Perdôe áquelle que fervorosamente a ama... Repare, a propria victima perdôa-me; porque o não fará tambem?...

A joven, purpureando-se, respondeu:

— Bem... concedo-lhe o meu perdão...

— Se me désse uma prova... a maior que me póde dar...

— Qual é?... perguntou a donzella adivinhando a resposta.

— O seu amor... a sua mão de esposa... peço-lhe por *ella*...

A joven, com voz sumida, disse:

— Tudo lhe concedo, porque tambem o amo...

O moço beijou com fervor a mão que lhe era apresentada, e a pombinha, elevando-se, formou por sobre as suas cabeças como que uma alva corôa.

O coração do mancebo despertara ao contemplar a belleza e a formosura de Estella, que o amava egualmente, mas que, como todas as mulheres, occultara no intimo o segredo do seu amor, até lhe ser possivel revelal-o.

— Luiz, não esqueçamos que é a *ella* que devemos a confissão da nossa felicidade e ventura.

Elle, olhando a infeliz avesinha, disse:

— Sim, é a ti que devo a alegria que estou gosando... a ti devo o possuir uma pomba como tu, alva, carinhosa e bella...

E a pobresinha, apesar de ensanguentada, adejava meigamente, e parecia, com as suas azas de puro arminho, que os estava abençoando, e na brisa que agitava, julgava-se ouvir dizer:

— Amae-vos; estaes sob a protecção da pombinha branca!

XIX

Phantasias d'Amor

Como é cheia de douradas visões a alma d'um crente!...

...No luar que despontava com doce suavidade, indo aconchegar-se sobre as petalas flacidas das boninas, julguei ver os fios magneticos de doçura desprendidos brandamente do olhar da minha amada!...

...O descer calmo e sereno da noite, o ondear do seu mysterioso manto estrellado confundi-o eu com o cahir das ondas negrejantes, escuras, do seu cabello, meigo élo que me prende e em que a minha vista punha vibrações scintillantes, como que os reflexos do brilho do mais bello diamante negro!

...No raiar vermelho da aurora, essas linguas de carmim, da côr das chammas que o fogo ergue, julguei ver o surgir subito da sua bocca entreaberta, sedenta de osculos...

...Na lua diaphana e pura que subia lenta na linha azul escura do horisonte, vi o seu rosto de encantada

pallidez, na sua *nuance* esmaecida, que a todos captiva!

...No arrulhar dos pombos, na mutua confidencia de enamorados segredos, no gorgear terno dos passarinhos entoando canções de altisona paixão, percebi a sua voz cheia de magia, espreguiçando-se divina pela campina silenciosa, immersa na solidão do Indecifravel!

...Nas petalas dos jasmins que dormitavam acariciados pela aragem que fremia encantadora, julguei ver o branco resplandecente dos seus dentinhos desejosos de morder...

No ceu tudo convidava ao meditar. O quadro explendido do Universo desenvolvia-se phantasticamente...

Cedi ao lethargo, imaginei repousar nos braços *d'Ella*, no barco da *Ternura*, embalado pelas vagas do rio da *Felicidade*, que no mover compassado murmurava preces pelo confundir de dois corações tão mutuos!...

....

Depois um vulto limpido se ergueu da herva côr de esmeralda que matisava o solo...

Ajoelhei e adorei em extasis...

Mas... soou uma tossinha de escarneo e elle começou subindo, subindo, até que se desfez n'uma poeira fina e brilhante, que foi morrer ao longe, subtil, como o polen fugido das azas das iriadas mariposas...

Era o anjo da minha phantasia que remontava ao ceu do pensamento, onde nascera radioso!

XX

Perfida!

Antes a morte!

Eram pouco mais ou menos as palavras que todas as noites, ao transpôr a porta do seu aposento, murmurava o elegante visconde de ***.

Gustavo amava loucamente a viuva do capitão Honorato de Sousa, fallecido no Ultramar, e era esse amor a causa d'elle desejar morrer.

Mathilde era orgulhosa, e como todas as damas, ufanava-se de se ver alvo de todas as attenções da parte do joven titular e portanto não pretendia quebrar tão cedo, pelos laços do matrimonio, a fascinação que sobre elle exercia.

O mancebo era frequentado, assiduo da casa da encantadora viuva, que comtudo lhe não permittia ultrapassar os limites d'uma conversação amorosa, sim, mas um pouco banal, e o fazia permanecer a respeitosa distancia sua. Gustavo desesperava-se, porque

queria que Mathilde lhe pertencesse a todo o transe; ella, porém fugia a todas as suas tentativas.

Eram estas as causas que o faziam sinceramente pensar em pôr termo á existencia.

— Hade ser hoje que pedirei uma resposta! dissera o visconde uma noite.

Encaminhou-se para a rua onde residia a mulher que amava e passados momentos achava-se em sua casa.

Mathilde, vestida de negro, o que fazia realçar a alvura deslumbrante do seu rosto, ao ver o visconde, levantou-se e estendeu-lhe a sua pequena e nivea mão que elle levou respeitosa e ternamente aos labios.

Decorridos instantes, o mancebo interrompendo a conversação sobre o tempo, assumpto futil e intempestivo para quem ama, disse:

— Mathilde, não me é possivel esperar mais tempo...

Ella fingindo não entender o sentido d'estas palavras, retorquiu:

— Já se retira?

— Não zombe. Mil vezes lhe tenho dito que a amo, que a adoro...

— Sim, mil vezes m'o tem repetido...

— E repetil-o-hei... por sua causa tenho desejado a morte...

— Por minha causa?... mas que lhe fiz eu?...

— Não sabe, que sem a senhora, a vida para mim é um fardo impossivel de acarretar? Não sabe que a quero para minha esposa?...

— Ainda é cedo...

— Não me dá, ao menos, uma esperança?...

— Ouça, Gustavo. Eu casei aos vinte annos com o capitão Honorato de Silveira, julgando que o amava... Enganei-me. Deu-se egualmente uma coincidencia fatal e que me tornou infeliz.. eu não sentia amor por Honorato e elle sentia-o mas era... pela minha fortuna... Diga-me, poderei sentir desejos de contrahir novo enlace?...

— Mas se ama, porque não o contrahirá? Serei seu escravo, creia-o...

— Sim, creio-o, apesar de todos dizerem o mesmo e depois...

— Concede-me então a sua mão?... perguntou Gustavo julgando já possuil-a.

— Não estamos bem assim?...

— E' uma recusa?...

A travêssa viuva não respondeu.

O visconde, então, erguendo-se, perguntou com voz tremula:

— E' a minha morte que deseja, não é?

— A sua morte?! Para quê?

— Ainda zomba. Pois bem, socegue; não mais ouvirá as minhas importunas phrases; não mais a fatigarei, fazendo-lhe ouvir as minhas declarações de amor, porque hoje deixarei de existir!

Mathilde, zombeteira, repetiu:

— Ainda é muito cedo...

— Vale mais acabar cedo com a existencia, do que padecer eternamente! retorquiu o visconde, sahindo como desvairado.

Mathilde deu uma gargalhada, que Gustavo ainda ouviu.

— Oh ! virá cair-me aos pés dentro em pouco ! murmurou ella.

O mancebo, entrando como louco, no seu palacio, encerrou-se no quarto ; em seguida, abrindo uma gaveta da sua mesa de cabeceira, tirou d'ella um rewolver que engatilhou.

— Vou terminar com este inferno !

Gustavo appoiou na fronte o canno da arma...

Subito, a porta abriu-se e uma senhora appareceu no limiar.

— Que fazes, Gustavo ?! bradou ella, correndo para o mancebo.

Este recuou, depois, arremeçando a arma para longe de si, ajoelhou, e disse, ao mesmo tempo que beijava respeitosamente a mão da recemvinda :

— Perdão, minha querida mãe !

— Levanta-te, meu filho !

E após uma pausa :

— Já te não lembras de mim ?... perguntou ella n'um tom de censura.

— Desculpe-me, minha santa mãe, foi uma loucura que ainda chegou a tempo de evitar... as illusões, os devaneios desappareceram, cedendo o logar ao raciocinio e á comprehensão de que devo viver para a que me adora estremosamente, que sois vós, minha mãe !

Depois em voz baixa accrescentou, lembrando-se de Mathilde :

— Não mais me verás, perfida !

XXI

A Agonia da Violeta

A manhã abrira risonha, sorrindo explendida desde a aurora. No ambiente vagueavam perfumes mysteriosos, respirando-se um ar fresquissimo e cheio de fragrancia.

O céu estava sem nuvens e o sol, qual brilhante farol expargia alegremente os seus multicolores raios, comparados ás scintillações do olhar da mulher, quando a alegria, a felicidade, o amor ou o receio lhe provoca essas intermittencias.

O jardim que *ella* possuia era pequeno, um Eden em miniatura, porém, ao vêr o seu bem cuidado, ao contemplar as flôres que n'elle vicejavam e se ostentavam com todos os seus aromas e primores, quem não pensaria:

— «A jardineira deve ser decerto uma joven bella, meiga, enthusiasta pelas maravilhas da natureza, um anjo que allia á sua formosura, a candidez da sua alma...»

E não se enganava.

O silencio era completo.

Subito, por entre o fraco sussurro da brisa matinal, ouviu-se um ruido tenue. As flores inquietas, abriram as corollas e percorreram com o olhar o espaço, prescrutando d'onde partira aquelle murmurio.

Era no canteiro das violetas.

Estas agrupavam-se melancholicamente em redor d'uma companheira, que estremecia sobre a fragil haste :

— Que tens, symbolo da modestia ? interrogaram as rosas.

— Minhas amigas, minhas irmãs, presinto ser chegado o fim da minha existencia feliz . . .

— Louquinha, disseram as margaritas.

— Não me enganam. Não mais sentirei os bafejos da tepida viração, nem contemplarei á noite a argentea lua, fazendo ondear o seu melancholico véu ; a noite, com a fronte cingida pelo seu diadema de estrellas, banhando os pés preguiçosos no crystal das aguas da nossa fonte, cujas ondinas que alli devem repousar entoam na primavera o hymno do mysterio cheio de suavissimas harmonias !

— Louquinha, murmuravam ao longe os amores perfeitos e os myosotis.

Ella continuou :

— Os meus olhos já não poderão gosar a vista das bellas rosas brancas, que representam o amor puro, dos candidos lirios, das perpetuas, que symbolisam recordação eterna, das minhas irmãs, que são a modestia ! Oh ! o sonho de hoje . . . foi esperançoso e por isso mesmo desappareceu rapido . . . Era em pleno ou-

tomno, estava rodeada por vós todas, que expargiam no ambiente mil suaves e subtis aromas... ; porém um mancebo arrancou-me da vossa convivencia, offertando-me a uma donzella que o acompanhava e que osculando-me com ternura me collocou no niveo seio... absorvia embriagantes e estonteadores perfumes... insensivelmente as minhas petalas collavam-se com languidez aquella mimosa epiderme levemente humedecida... Oh! como é bom ser feliz! Em seguida despertei, porém mal, muito mal... Que de illusões perdidas, que de amarguras apoz um sonho de ventura!

— Louquinha! ciciaram os lilazes e os jasmins.

Ella depois de os encarar, proseguiu:

— Adeus sol que me illuminaste e acalentaste sempre com carinho, procurando não crestar as minhas pequenas e frageis folhas... faltas-me e eu... morro!

O astro poderoso como se pretendera aviventar a moribunda vibrou sobre ella os seus raios fulgurantes.

Esta murmurou ao sentir aquelle contacto ardente:

— Tudo é inutil, o meu fim está proximo... porém, a minha gentil jardineira porque não vem? .. Esquecer-se-hia da flôr modesta?...

— Eil-a que apparece... disseram ao longe as verbenas.

Leonor descia n'esse instante, acompanhada do seu noivo ao jardim. Elle apertava entre as suas a sua mão mimosa e diaphana.

— Já viste as violetas como estão lindas? perguntou — Olha mais uma que quer abandonar-me.

A violeta entreabrindo ainda por instantes as suas petalas fanadas balbuciou:

— A ti que me trataste carinhosamente, resguar-

dando-me de tudo quanto me fizesse emmurchecer, eu te agradeço... ama o que está a teu lado, sejam um casal de andorinhas e poisem só onde a primavera lhe sorrir, livre de desgosto e de zelos... adeus! Adeus, oh Sol! Adeus recatadas irmãs e formosas companheiras! Recebei todas este eterno adeus!

E depois d'um estremecimento, que fez vacillar a delgada haste, abriu as suas folhas já d'um roxo muito claro e deixou-se pender... Murchara... fallecera!

Perante aquella despedida, as ultimas gottas do orvalho cahiram das plantas como se fossem lagrimas de saudade.

A brisa, ao longe, psalmodeava ternas orações pelo seu eterno descanço...

Leonor, cortando com as suas unhas rosadas a extincta flôr, disse:

— Socega... o teu tumulo será o meu livro predilecto, a terra que te cobrir a palavra AMOR que n'elle buscarei! Os teus desejos serão cumpridos, seremos um casal de andorinhas e iremos gosar o nosso amor n'um sitio cercado de companheiras tuas que te farão recordar...

Por unica resposta *elle* beijou-lhe as mãos que ainda apertava entre as suas, revendo-se no seu olhar puro, em que se não via a minima scentelha de hypocrisia.

Entretanto um susurro, como de longinquos gemidos, se fazia ouvir; eram as flôres d'aquelle pequeno Paraiso Terreal que choravam, recordando-se da agonia da violeta...

E o sol n'esse momento, encobriu-se tristemente por entre uma nuvem azulada... talvez para esconder al guma lagrima...

XXIII

Mimi

Era tão linda a Mimi, tão encantadora, na sua figura diaphana como uma folha de rosa, tão delicada como a aza d'uma abelha prestes a partir-se...

E eu, amava-a tanto, sentindo infinito prazer ao passar os dedos pelos seus cabellos d'um louro ardente que fazia lembrar a aurora...

Tambem, quem não amará os pequeninos sendo elles tão parecidos com os anjos que cercam o throno do sublime Redemptor? Aureola-lhes os rostosinhos, a innocencia, aquella luz mystica, que é amor, virtude, mimo, paz, doçura! As suas acções respiram ingenuidade.

A Mimi era assim, era uma candida e debil vergontea de formosa arvore que aspira á vida como a flôr em botão procura desabrochar aos raios do sol.

Tinha apenas trez annos, a edade em que os campos seduzem para correr doidamente após as borboletas; para colher boninas que se apertam nos de-

dos mimosos e que depois se arremeçam ao pó do caminho ; os annos em que ainda se não pensa, em que se faz mil extravagantes descobertas, algumas das quaes semeiam, por vezes discordias no meio conjugal !

Pobres innocentes !

E como eu gostava de passear com ella.

— Que é isto ? E' tão lindo aquelle *totó !* Dás m'o ?... Pedia n'um garrular incessante, parecido com o das avesinhas, perguntando, querendo saber tudo, dando uns gritos argentinos, satisfeitos, quando lhe comprava uma boneca !

E depois — que era preciso vestidos, que lhe comprasse fazenda para fazer uma *toilette* muito *chic* á sua boneca ! dizia com vozinha meiga, muito seria, consciа de si !

Satisfazia-lhe os caprichos, e então era vêl-a correr para mim, acariciando-me, pulando para os meus joelhos, até conseguir sentar-se sobre elles, para lançar-me os braços franzininhos em volta do pescoço.

— E's muito meu amigo, não és ?... Eu tambem o sou !

E accrescentava logo que — as rendas estavam enxovalhadas ; que se tornava preciso comprar outras, para a boneca ficar melhor quando sahisse...

Quantas vezes ella me não perguntava indicando-me a *sua menina :*

— Parece a mamãsinha, não parece ?

E parecia.

Tinha os cabellos alourados, resplandecentes como o sol, as mesmas cores roseas, os labios d'um vermelho vivo. Era tal e qual !

Um dia fômos passear todos.

Quando chegámos ao jardim onde costumavamos ir, a Mimi corria, dando gritinhos de alegria; em seguida se me via mais pensativo, parava, pegava na minha mão, e olhando-me, dizia:

— Passeêmos mais devagarinho... Em que pensas?...

E os seus olhos de creança, pareciam querer perscrutar os meus pensamentos.

— Em nada.

Ella callava-se como se comprehendesse que a origem do meu meditar, lhe não era dado saber. Pensava na mãe, que me adorava e me estremecia... e ia a meu lado, murmurando phrases inebriantes que eu ouvia com a alma!

— Calla-te, louquinha, que tudo perguntas! dizia-lhe a que lhe déra o ser, sorrindo-se para mim, pois adivinhava que aquella abstracção era determinada pelas suas palavras.

Veiu uma primavera. As mudanças de estação são perigosas na vida. As arvores vestiram-se de folhagem, as cearas adornaram os campos, com a sua opulenta alcatifa de verdura; os jardins e os prados matisaram-se de flores.

Uma quarta-feira, á hora em que o sol mais resplandecia, entrava n'esse formoso Eden em que mãe e filha viviam verdadeiramente felizes; porém n'esse dia, a primeira appareceu-me com as lagrimas a aljofrarem-lhe as faces.

Inquieto, perguntei — que tinha, porque chorava...

— A Mimi...

Não quiz ouvir mais. Corri para a creança que já vinha ao meu encontro e ergui-a nos braços.

— Sabes?... disse ella, estou muito doente. Tenho tosse, dóe-me o peito... a cabeça... logo trazes rebuçados, sim? A mamã diz que é bom e que havia de comprar, mas tu compras tambem, não é verdade?...

Sahi e comprei-lh'os.

A doença progredia assustadoramente. Recolheu ao leito, chamaram-se medicos, tudo em vão! Até que um dia fatal, quando a primavera ostentava as suas melhores galas, encontrei aquella que adorava, soluçando, apresentando-me a infeliz Mimi...

Ajoelhei e beijei muitas vezes a loura cabeça que tanto amava, aquelles olhos fechados á luz, porém abertos para essa região immensa, que se denomina a Eternidade.

Ao longe, o maravilhoso astro, penetrava por entre as nuvens, e um pintasilgo deixava ouvir o seu trillo mavioso, n'esse momento repassado de tristeza.

Mais tarde, via-a deposta n'um caixãosito pequeno, muito pallida com os cabellinhos soltos sobre a alvejante almofada, coberta de flôres!

Formosura, innocencia, amisade, tudo estava encerrado no caixão que vi a meus pés e que depois desappareceu!

Quando elle sahiu, eu e a mãe desditosa, olhámonos e insensivelmente cahimos nos braços um do outro, chorando a mutua dôr, a mutua perda!

Como é enganadora esta vida! Que de amarguras nos cercam! Quantas venturas destruidas n'um momento pela mão do destino!

Julga-se, muitas vezes, um dia formoso por que elle raiou brilhante, mas n'um instante tolda-se o céu de

nuvens, chove, fusilam relampagos, desencadeia-se a tempestade.

Ella, lá está, no seu tumulosinho, sobre o qual o explendido diamante diurno, fazendo incidir os seus raios ardentes, ajuda a brotar as primeiras folhas!

A brisa, perpassando por entre os cyprestes que lhe ensombram a campa, vae murmurar-lhe as suas saudades, e, quando a lua, noite alta, fôr illuminar o seu tumulo, e quando ao alvorecer, os passarinhos entoarem seus melodiosos gorgeios, como o coração nos confrange!

Aquelle anjo, jámais volverá, porque elles queremse no céu, vôam para as celestiaes cidades e lá ficam adormecidos e acalentados pelos affagos da Virgem e pelos ternos carinhos de Jesus!

Como ainda hoje nos recordamos d'ella...

Era tão linda, a Mimi, tão encantadora na sua figura diaphana qual uma folha de rosa, tão delicada como a aza d'uma abelha prestes a partir-se!...

XXIII

Questionando . . .

No espaço infinito, a pallida Lua e o radiante Sol disputavam com ardor, vibrando-se mutuamente os seus raios esplendidos: os da primeira, d'um meigo pallor, porém vivos como os olhares coriscantes d'uma mulher costumada a ser obedecida e a quem contrariassem; os do segundo, resplandecentes, d'um brilho magnifico como só elle os sabe dardejar.

A tarde começava a escurecer nas melancholias doces do crepusculo. Nas alturas, os ultimos toques sanguineos reflectidos pelo sol poente, diluiam-se em tons violaceos, que esmoreciam qual cinza arrefecendo ao expirar do derradeiro brazido, e aquelle esvair suave de tintas esplendidas, evocava vagamente a idéa de amenidades indefiniveis que nos deliciam como a saudade d'um amor extincto que se reaccende vivaz e impressionador em hora de irresistivel enternecimento...

A Lua, que despontava ao longe, com o seu cortejo de estrellas, murmurava com orgulho:

— Sou a rainha da Noite, o enlevo dos poetas, terror dos malfeitores! O astro que recebe mil namoradas confidencias...

O sol, porém, que ainda se não sumira de todo no horisonte, retorquiu:

— Tu, rainha?!... disse, dizes bem; mas das Trevas! E's a que consente que se digam phrases de perjuro amor; que as donzellas, enganadas, succumbam nos braços d'um vil seductor. E's tu que encobres, ajudada pela tua subdita, a Noite, muitos segredos que eu devia conhecer, permittindo que ella occulte nas dobras do seu manto, os jogadores, os falsarios, a mulher impura, a pobreza que se envilece a troco d'uns miseros cobres... Tambem que poderias fazer com esses raios tão pallidos, tão esmorecidos? Quem poderá ter receio de Ti, vendo o teu semblante, tão pouco de impôr respeito, pois é bondoso, suave e puro como o das santas?...

A formosa Phebe, sorrindo-se ironicamente, respondeu:

— Agradeço-te. Mas, porque não fallas dos teus dotes?... Talvez porque não tens de que te orgu lhar...

— Enganas-te. O meu fulgor magnifico não conhece rival. Avivento, rejuvenesço, acalento os infelizes que só a mim adoram e suspiram de desespero, quando sou obrigado a abandonar umas paragens para ir a outras consolar outros entes que ardentemente me desejam. Quem faz viver as flôres?

— Oh... e quem as embelleza com as lindas pero

lasinhas do rocio? A Noite. Quando ella chega, pendem os ramos e as flôres ficam adormecidas... escondem-se e callam-se as aves que trinaram o hymno da Manhã; encosta a face á mão e reclina-se a Mulher vencida pelo magnetismo que lhe accende a formosura e que do olhar avelludado se entorna em fluido fascinador para o homem. Tudo que vive, como que se compraz na sombra d'um eterno desmaio, cujas delicias se envolvem em silencio cheio de mysterio! Que suave magia, que sublime encanto...

— Sim. Para o amor, és tudo, para os poetas tens immenso valor, mas para a vida laboriosa... Os cegadores quando é que fazem a ceifa? O pastor quando é que sahe com o gado que lhe confiaram, para o conduzir ás pastagens? O homem de negocios, o operario, o caixeiro a que horas vae para os seus labores? E' quando esparges os raios bellos, no azul em que estamos, cercada de luzeiros scintillantes? Não. E' quando eu me ostento, cheio de luz, formoso, nobre e com os raios tão potentes que ninguem pode erguer para mim os olhos. Sou o Rei do Dia, posso dizel-o bem alto! Sou o que conduz o Homem ao Trabalho, que lhe dará sustento; as mulheres aos arranjos domesticos, ao trato da sua casa, o que as tornará queridas do esposo, pae ou irmãs; as creanças, aos bancos escolares, onde a intelligencia se lhes hade desenvolver... Sou tudo! E tu, és apenas, servindo-me das phrases dos teus adoradores, que tão mal te apreciam: «a pallida e discreta confidente dos namorados!»

E dizendo estas palavras, o poderoso astro, ia descendo, descendo na linha do horisonte, para seguir a

lei da gravitação... A lua, cada vez mais pallida, com as lagrimas a tremularem-lhe nos olhos, ainda retorquiu:

— Porém, tens estrellas que brilhem com luz intensa, brisa a suspirar mansamente, os poeticos rumores que durante a noite se ouvem?...

E elle, orgulhoso:

— Calla te. O gallo cantará para acordar a emplumada familia quando tu chegas? Serás saudada pelos canticos dos passarinhos, pelo mugir dos bois, o ballar das ovelhas, os gritos dos carreiros? Ouvirás aos domingos os sinos tocando festivamente? Não. Apenas tens como consolo, a musica e o ladrar dos cães, ao presentirem estranhos, porque todos os mortaes, tarde ou cedo se deixam cahir em pesada somnolencia, desprezando-te, só tornando á vida quando a Alva me annuncia...

— Despota, cruel! murmurou Phebe, soluçando, se possues tanto poder, porque te não conservas durante a Noite, illuminando o espaço, para dares alegria, vida, impedires crimes?...

O Sol, irritado e subjugado por aquella verdade, teve só como argumento:

— Acontece-te o mesmo!...

E em seguida colerico, dardejou sobre ella, um ultimo raio, que iria com certeza feril-a, se uma nuvemsinha escura, se não colloca entre elle e a Lua, recebendo o golpe mortifero...

Uma catadupa d'agua se despenhou das alturas, e a nuvem, em farrapos, desfeita, desappareceu acompanhada pelas gargalhadas do aureo facho, que se sumiu egualmente, diluido em côres de um purpurino pallido...

A Noite, desdobrou o seu manto azul escuro, e ordenou:

— Estrellas, brilhae! Espalhae-vos por esta immensidade que nos pertence. Hoje, deve o ceu apresentar-se lindo e quero que as vossas scintillações augmentem!

E continuou, dirigindo-se á Lua, fazendo ondear suavemente o véo em que se recatava:

— Quem campeia aqui, sois vós, Senhora. Soberana da Noite, só vós n'ella mandaes. Se o Sol tem muitas maravilhas, tambem nós, mas elle em maior grau possue inveja, da nossa formosura, da nossa belleza, d'estes ruidos, e do que presenciamos...

E as estrellas brilhavam... brilhavam...

XXIV

E' Tarde!...

Era um encanto vel-os, passando sob as arvores cobertas de folhas, as madresilvas deixando-lhes cahir nos cabellos as suas florinhas gentis, envolvendo-os n'uma atmosphera odorante e pura...

Mãos nas mãos, n'um apertar sereno e meigo, ciciam promessas, idealisando paraisos, sorrindo, ao ouvir o rouxinol buliçoso que n'um galho, troçava d'elles, voltejante e cheio de malicia...

— Dás-me um beijo?...

Ao que *ella*, purpurisadas as faces luarinas, semelhando rubores de aurora em madrugada de chrystal, retorquia:

—... Mais tarde!...

E o rouxinol ainda buliçoso, troçava d'elles, voltejante e cheio de malicia...

....

Além no campo, as ceifeiras amontoam as espigas louras. louras como sol de verão, em maços captivantes.

N'esse mar que ondeia, navegam de quando em quando vermelhas papoulas, embarcações roseas a quem os malmequeres rendem galanteios finos no curvar respeitoso das hastes...

Ha desafios ali, quadras que a brisa ennovella no seu correr sem tino:

Não quero o goivo, é tortura,
Nem saudades que são dores,
Quero a ti, lyrio, candura,
Ou cravos que são amores!...

— Oh, Maria da Freixella, porqu'andará a menina tam amuada?

— Sei lá, rapariga, amores... demais afóra o noivo arrasta-lhe a aza o morgado do Azial, que é foguinho para as cachopas...

— Aquillo dá em droga... deixal-o...

E:

Olhos, olhos são magia,
Livre mar sem ter escolhos...
Teus olhos são o meu dia,
São o meu dia teus olhos...

— Mas, oh, Maria... então o morgado...

— P'los modos tem mais lume do que o noivo... para esse não ha o *mais tarde*, que eu ouvi uma manhãsinha...

— Conta... conta... pranta p'ra ahi...

— Ora filha... não m'alembra...

E:

Na minha alma semeei,
Um pésinho de açucenas...

Fui hoje vel-o e achei,
Triste canteiro de penas!...
....

Começava de entardecer...

Os raios do sol appareciam já d'uma pallida côr de ouro, por entre as ramagens. Os passarinhos cantavam felizes, vibrateis, em côro, o mais fervoroso e terno cantico apaixonado...

—... Estou perdida, sabes?...

Elle, olhava-a inerte, mudo...

—... Tudo se conhecerá em breve... perdoa-me tu!... Enlouqueci... fui induzida...

E submissa:

—Dás-me um beijo?

A ceifeira terminava além:

....
Fui hoje vel-o e achei,
Triste canteiro de penas...

Elle, encarou-a por instantes, mirando as primeiras demonstrações da falta e disse:

—Não!... E' tarde!...

O rouxinol, ao longe ainda saltitava, malicioso, emquanto soava ao longe, de novo, em toada melancholica:

....

Fui hoje vel-o e achei,
Triste canteiro de penas...

XXV

A Baroneza

Eram um encanto as suas reuniões.

Fallava-se de tudo; litteratura, artes, modas, politica; tocava-se, cantava-se, um sem numero de passatempos que faziam decorrer com rapidez as horas que ella concedia aos seus intimos.

N'aquella noite o salão estava quasi deserto, o que não admirava visto ter começado a estação calmosa, a epocha das praias, dos casinos, da fuga para os logares onde se respira uma brisa mais amena e menos corrompida que a da cidade.

Portanto apenas se viam dois banqueiros, um politico, a qnem o barão consultava sobre a marcha governamental, um chefe de secretaria, meia duzia d'esses enfatuados mancebos chamados *leões*, e algumas senhoras que a custo retinham um movimento de enfado, ante as suas pretenciosas adulações.

Era tarde já.

Pouco faltava para a meia noite e o momento da retirada estava a chegar.

N'um grupo formado junto da janella principal, tres mancebos conversavam, interrompendo-se por vezes para escutar as palavras d'um amigo, de verdadeiro aspecto nobre, alto, de bigode louro e ar acerado, motejador.

— Diga-me, visconde, já conhecia a sympathica promotora d'estas festas, que bastantes saudades nos hão de deixar?... perguntou-lhe o mais novo.

— Sim... respondeu elle negligentemente.

— E... que pensa a seu respeito?

— E' uma senhora comprehendedora dos deveres que presidem ás reuniões, animando-as, não abandonando os convidados, tendo sempre um sorriso, uma phrase lisongeira, uma pergunta que lhes enalteça a intelligencia ou demonstre a orientação lilteraria ou politica, finalmente, o que se chama ser senhora de boa sociedade, demais com os attractivos da belleza e da formosura.

— E o marido...

— O marido, disse elle com ironia, esse é um fidalgo sem titulo, pois foi a esposa — e accentuava a palavra — quem lh'o levou. Apesar de seu amigo, e visto pedirem a minha opinião a seu respeito, vou dizel-a. E' factor ingenuo dos seus caprichos, um homem que ao minimo gesto seu, ajoelhará deante d'ella, e pedir-lhe-ha perdão do que não commetteu!

— Não é tanto assim... Repare lhe no olhar, volitando sempre, o que denuncia ser homem perspicaz, observador...

— Sim... talvez seja...

E sempre o mesmo modo duvidoso.

O barão approximou-se n'este instante do grupo.

— O' visconde! O sr. deputado Cerveira acaba de teimar que os regeneradores estavam ha dez annos no poder, exactamente por esta epocha...

— E o barão consultava-me...

— Sim.

E o Cerveira muito conscio:

— E posso affiançal-o, sr. de Itabuca. Como membro do parlamento e do partido, conheço a fundo as suas subidas á gerencia das pastas...

E o brazileiro — que não sabia, nunca se dedicava á politica; demais não se preoccupava com essas coisas...

E os dois affastaram-se questionando ainda.

Além, a dona da casa, trajando uma *toillette* clara, festiva, afogada na garganta, fallava com duas das suas mais intimas amigas.

— Tivemos tão pouca gente! disse uma deixando cahir as palavras methodicamente como para as avaliar.

— Que queres? Não admira, é a ultima reunião d'este inverno... A Lucinda, a viscondessa, o Carlinhos, faltaram! a maioria dos nossos *habitués*, foram já para as thermas; restam-me apenas os admiradores que só me abandonarão no instante final e os que querem fazer-me côrte até á proxima partida, em que formarão o meu esquadrão volante, a minha ala dos namorados!...

Tinha um defeitosinho, a baroneza.

Era *coquette*, cheia de pretensões, em extremo orgulhosa. Quando começava franzindo o labios, e o olhar

se lhe velava languido, era signal de que pretendia mais uma vez expor a multiplicidade dos seus adoradores, que faziam a tolice de lhe declararem amor, a ella, uma senhora casada.

E a proposito contava scenas miudamente, alegre, como se o coração se lhe rejubilasse com as narrativas.

Adorava a realeza e ufanava-se de fallar com muitos dos elementos da aristocracia.

— Meu Deus, como estou aborrecida! Ainda bem que se approxima alguem para me vingar!...

Era terrivel n'esses momentos de nostalgia! Dizia mal de tudo, descobria segredos, contava escandalos, depreciava, procurando por todas as fórmas ferir ou melindrar, fosse quem fosse; o que queria era cravar o agudo espinho do seu espirito mordaz, mas nada subtil, e portanto offensivo.

Era terrivel!

Um rapaz se encaminhava para ellas.

— Tem-nos olvidado, talvez por essas formosas meninas... Apresento-lhes, minhas queridas, um mimoso poeta. Compõe versos d'uma inspiração ardente, todos consagrados a um ente ideal, a um anjo, que vôa sobre odoriferas flôres, agitando-as com as pontas roçagantes da sua branca e virginal tunica, a uma mulher encantadora, que os ceos lhe mostram coroada de estrellas sobre o ether azul, não é verdade? interrogou sorrindo-se ironicamente.

E em seguida occultando o acerado do sentido, com a bonhomia affectada:

— E' tudo ideal. Acho-o comtudo muito facil de contentar, porquo o encanta o mediocre, a quem a sua

imaginação de poeta aureola magnificamente. Se não houvesse maus gostos...

— Mas, baroneza...

— As suas poesias são lindissimas, insinuam-se na alma e eu tenho sempre presente uma que a todo o instante recito... começa... começa por... ai, não posso recordar-me...

Elle protestando qualquer cousa affastou-se.

— E's cruel! disse uma das amigas da travêssa fidalga. E' verdade, recita agora os versos.

— Estás louca, Emma? Como? Ainda não li, nem um verso d'aquelles que elle me tem dedicado, e sabes porque? Porque isto não é um poeta, é um pateta!

O barão, homem de estatura regular, tambem de bigode louro, ar bondoso, chegou n'este momento junto d'ella.

— Minha querida, em nome dos nossos convidados, e especialmente no do visconde de Itabuca, rogo-te que toques aquella sublime valsa de que gostamos tanto...

A gentil baroneza, estremeceu ao ouvir fallar no brazileiro, mas esboçando um sorriso contrafeito, exclamou encaminhando-se para o piano:

— Ah o visconde é muito amavel!

Depois, arrastou o banquinho coberto de setim verde e sentou-se, folheando o livro das musicas.

Ouviram-se os primeiros preludios d'aquella toada triste e melancholica, que nos enche o coração de saudades, aquella valsa estonteadora, terna e languida da Boheme.

Era tão captivante o gemer das teclas sob a pressão dos lindos dedos da executante...

O visconde que se collocara a seu lado, voltou sollicito a primeira folha.

— Pois ainda o sr. ? Não lhe disse que desapparecesse do meu caminho? julguei que já tivesse sahido como devia.

— Que quer? E' tão bella, tão seductora que não posso fugir do logar em que se encontre, para vel-a, e recordar-me do tempo ditoso que passei junto de si, n'esta mesma casa, apertando-lhe a mão, revendo-me nos seus olhos que me fitavam enternecidos, cheios de caricias...

A baroneza, nervosa, talvez pelas recordações evocadas, deixou de tocar e balbuciou com os dentes cerrados :

— O sr. é um demonio.

Deseja escandalo?... Se o quer...

Ella então remediando a repentina paragem, que provocara um movimento de curiosidade, continuou em voz alta :

— E' negligente, visconde! Esqueceu-se de voltar a pagina!

E elle cerimonioso :

— Perdão, baroneza, a culpa é de V. Ex.ª. Interpreta tão bem a musica, que arrebatado por ella olvidei o meu dever...

A juvenil senhora, proseguiu, tocando a melopéa sentida da Boheme :

— Por Deus, affaste-se... se o barão vê...

— Ora não penses n'isso... O barão é um simples, um ingenuo, que não verá senão o que lhe quizeres fazer ver... crê em ti, como n'um oraculo...

— Sr. é meu marido e essas palavras...

O brazileiro curvou-se como se fôra para seguir as notas descriptas no papel, e deixou cahir as ouvido da orgulhosa fidalga, umas phrases que a fizeram empallidecer e córar ao mesmo tempo.

— Bem vê... *sei tudo*, e portanto no meu pensar esse pseudo esposo nobre nada vale! Vamos, meu anjo, acede ao meu pedido, volvamos a essas epochas risonhas em que apesar de tudo me pertencias...

— Meu Deus!

— Lembra-te de que uma só palavra basta...

— Pois bem, seja assim.

E ergueu-se.

Uma salva de palmas se fez ouvir.

— Realmente, disse o visconde, nunca ouvi esta linda valsa tão artisticamente executada, permitte, baroneza, que lhe beije a mão?...

E depoz n'ella um osculo ardente, apaixonado, murmurando em tom sumido:

— Obrigado pela concessão!

Mais alegre, ella agradecia, garrulante, as felicitações que lhe dirigiam, e olhava o brazileiro, que a um canto da sala conversava com o poeta.

— Meu caro Itabuca, mais uma que se prendeu.

— Não, dize antes, uma que voltou ao ninho, apesar de eu estar consorciado, embora com mulher que é feia, e de quem apenas cubiçava o dote...

— Felizardo!

— Ha tantos felizes no meu caso... e *ella* que o diga...

E os dois sorriram-se disfarçando sob um aspecto differente, o intimo da conversação.

A maioria dos convidados tinha sahido.

O barão, n'outra sala, despedia-se do deputado Cerveira.

No salão estava só o visconde, que ficara para ultimo, sob um protesto qualquer, desculpavel n'um amigo da casa, e a baroneza.

— Meu amor, murmurou elle cahindo-lhe aos pés. Não faltarás á promessa que me fizeste junto do piano?...

Ella, passando-lhe as mãos pelos cabellos, perguntou:

— E essa romantica, que se apaixonou por ti e que foi causa da nossa desintelligencia, abandonal-a-has?...

— E's louca! nunca a amei, nem amo... quem eu quero, é a ti, só a ti!

— Como te adoro! Porém, ergue-te, ergue-te... póde vir...

— Não ha perigo... conhece tudo, ha pouco chamei-lhe ingenuo, não, é consciente, e como tal o desprezo...

Elle ergueu-se, emquanto a gentil dama, sem defender o marido apenas dizia:

— Deixa-o — Infeliz!

Depois d'ámanhã, parto para as praias e lá... serei tua!

O brazileiro cingiu-a nos braços, e osculou-a, no instante em que o barão entrava sorridente.

— Acabo agora mesmo de apresentar os meus respeitos á baroneza, que me disse quaes as thermas preferidas para passar a estação calmosa...

— E' lá que de Itabuca, vae tambem... rematou ella.

— Então, disse o barão, dar-nos-ha o prazer de nos servir de companhia, partiremos juntos...

Os dois trocaram um olhar de amor e um sorriso de intelligencia.

Segundos depois o visconde sahia, apoz uma calorosa despedida, e apertando a mão da alegre reconquistada, a quem disse em voz subtil:

— Adeus querida viscondessa!...

E ella envolvendo-o no luminoso do olhar, cheio de ternura e de promessas:

— Oh! se fosse possivel... se eu pudesse deixar de ser baroneza...

XXVI

O derradeiro vôo

Fugira a pombinha do ninho encantador, onde nas noites esplendidamente aluaradas ia cantar paixões nos arrulhos ternos...

Era bella no andar cheio de magestosa gravidade, de soberana collocada no mais aureo throno, mostrando ufana as pennas côr de neve, que a envolviam como n'um monte alvejante e candido...

Fôra por uma d'estas manhãs lindas e ridentes da primavera, em que as folhas, se bem que já cubram as ramarias, ainda não ostentam os seus formosos tons verdes onde o sol põe notas de esmeralda; em que o astro da Alegria, fulgente e soberbo de luz, começa a fazer scintillar os telhados na chuva de perolas de ouro que sobre elles derrama, e o ceu sorri anilado, que *ella* batera as azitas brancas, voando até... quem o sabia?...

O pobre abandonado suspirou ao deparar com o pombal só, immerso no silencio triste d'uma alma que

padece, na escuridão mysteriosa e melancholica que a falta da companheira semeara n'aquelle logar tão feliz outr'ora!...

Ingrata!...

O pombinho voou tambem... procurando-a, n'um desejo ancioso e febril de encontral-a, supplicar-lhe que volvesse a fazer fulgida a tão solitaria habitação...

Voou... voou... voou... tanto e tanto que as trevas nocturnas o foram surprehender n'um vergel gracil em que as flores vicejavam contentes.

A noute estava serena e estrellada.

No ambiente percebia-se o vago aroma das violetas, que a brisa trazia nos mansos suspiros de delirio...

Parecia dormitar a Natureza nos braços do Silencio, acariciada pela extensa faxa de prata que, descendo do alto, vinha descahir serena sobre as boninas e as fontes em que corriam lentas as aguas de crystal...

O desditoso pombinho, alheio áquelles encantos que o circumdavam, desfiava o rosario da sua odysseia de amor, os largos tempos passados com a companheira saudosa que desapparecera...

— Para onde... para onde?... Viste-a, borboleta que volteias em meu redor?... Viste-a, flores minhas?... Tu, oh Lua, aragem que me affagas, rouxinol que gorgeias?...

Subito, elle estremeceu... sentia além um arrulhar... e conhecia-o, tinha a certeza... oh se tinha!...

A pesar seu, as azas entreabrem-se-lhe, ergue vôo,

e guiado pelo ruido cada vez mais proximo e que o surprehendera, chegou ao ponto...

Olhou... prescrutou, e... depois n'uma reviravolta, veiu rebolando até cahir morto no seio d'um canteiro de verbenas, que o recebeu entristecido...

Ali... ali estava a pombinha perfida que fugira do ninho encantador, onde nas noutes aluaradas ia cantar paixões nos arrulhos ternos, ensaiando com outro *romanzas* apaixonadas, canções fervidas, suffocadas n'um beijo mutuo!...

Ao longe, um descrente murmurava:

Ter amor é como um crime,
E' como a nós dar a morte!...
Eu quiz amar e perdi-me...
Hoje choro a negra sorte!...

XXVII

Divida de gratidão

— Conta-nos, Facho, conta-nos uma das tuas historias... — pediram em côro os marinheiros.

Facho do Mar era um homem alto, espadaúdo, a quem as fadigas de bordo não cançavam. Tinham-lhe posto aquelle nome pela sua loquacidade, pela alegria que d'elle emanava e que de todos tomava posse, quando repetia as suas aventuras maritimas.

— Pois bem, rapazes, ouçam... — disse elle.

Os marujos rodearam-no, e Facho, na linguagem rude, mas franca e pittoresca d'um homem do mar, principiou:

— Ao tempo andava embarcado na *Perola*, ha de haver talvez seis annos. Uma noite, em que as vagas principiavam dançando ao som da musica que fazia o vento, eu, enfastiado da faina e de ter galgado mil vezes o traquete, fiquei de braços cruzados, vendo o marulhar altaneiro das ondas. Subito, no melhor da

festa, eis que se ergue uma muralha de agua e apanhando-me de travez, lança-me ao chão e alija-me pela borda fóra...

— Ah!... fizeram os marinheiros unisonamente.

Facho proseguiu com voz commovida:

— Parecia-me um sonho, mas o frio da agua mostrava-me a realidade... tentei alcançar o navio, mas qual, as ondas arrastavam-me para longe d'elle... Estava desfallecido, sentia os braços pezados, a respiração faltava-me... queria gritar, mas a falla prendia-se-me... prestes a servir de presa aos peixinhos, consigo emfim dar um grito...

Os marinheiros, com os olhos fitos no narrador, escutavam ávidos as suas palavras.

— Um homem apparece no tombadilho, vi-o ao clarão d'um relampago. Percebeu que alguem luctava pela vida e elle, sem pensar no perigo, despiu-se e atirou-se ao mar... chegou nadando até junto de mim, e na occasião em que sem forças, com a barriga cheia de agua salgada, ia desapparecer para sempre, sinto uma voz que me fez reanimar, dizer:

— «Coragem!»

— Aquella palavra fez com que luctasse com os vagalhões, para ir ao encontro do que me vinha salvar, mas de repente, fiquei de papo para o ar, como um tubarão arpeado. Não soube de modo como fui salvo. Quando tornei a mim, achava-me estendido n'uma cama no alojamento da tripulação...

— E elle, o teu bravo salvador?... perguntou um marinheiro.

— Sim, sim, elle quem era?... interrogaram todos curiosamente.

Facho respondeu com voz tremula:

— Elle, talvez não creiam, era um official!

— Um official?!

— Sim, o homem que se arrojou á immensidade da agua, e n'uma noite de tempestade, para salvar um simples marujo, foi o tenente Alvaro de Sousa, então guarda-marinha!

— Como ainda te recordas, Facho! disse um mancebo approximando-se.

O marinheiro estremeceu, e limpando com o canhão da blousa uma lagrima que lhe escorregou pela face bronzeada pelo ardor do sol, disse, ao mesmo tempo que os outros abriam alas respeitosamente:

— Sim, meu tenente; contrahi para comsigo uma divida que nunca poderei pagar, mas conte que já que me salvou a vida, tem direito de dispôr d'ella...

E Facho do Mar, ajoelhando deante do tenente Alvaro de Sousa, que voltou a cabeça commovido, accrescentou:

— E' uma divida de gratidão!

XXVIII

O Cura

O campo ostentava as suas melhores galas, todo o seu esplendor de verdura.

As florsinhas modestas e graciosas entreabriam seus calices rescendentes, levemente orvalhados, ao contacto da brisa matinal.

Por entre as arvores de saborosos fructos, divisava-se o povoado, com as suas casinhas rusticas, alvejantes de frescura, denunciando asseio, — que a limpeza é o luxo dos albergues campestres.

Lá estava ao fundo da paisagem, a graciosa ermida perto da qual mãos piedosas ergueram uma cruz de pedra...

Ouvia-se o balar dos cordeiros nos verdejantes prados, e o som da flauta pastoril que o zagalsito imberbe fazia vibrar.

*

O cura n'essa manhã, linda manhã de sol, fôra espraiar seus olhos maguados na contemplação da natureza sempre bella e sempre nova, e, junto ao presbyterio, sentado n'um banco de carvalho, assistia n'uma contemplação doce, ao desfilar dos trabalhadores que seguiam para a labuta do campo, e a cujo cumprimento respeitoso, elle respondia sempre, de sorriso nos labios :

— Deus vos salve, meus filhos !

*

Sentiu o bom cura que alguem lhe tomava as mãos e as beijava com filial carinho, e despertando do extase em que a sua vista se prolongava, reparou na creaturinha que d'elle se acercára.

— Ah ! és tu, Maria ! ?... Sempre alegre e buliçosa, rapariga... canta e ri, que um dia, a mocidade passada, has-de lembrar-te com saudade do bom tempo ido ! Diz-me o que te trouxe a procurar o velhote ! Mas agora reparo que choraste ! Quem te fez mal, cachopa, quem fez mal á minha afilhada ?...

A rapariga n'um convulsivo choro, contou-lhe a sua desdita, os maus tratos que recebia da madrasta, a indifferença do pae, e os seus projectos de abandonar a casa paterna, ir para muito longe, para onde podesse ter descanço e socego....

O bom do senhor cura dissuadiu-a do seu intento, aconselhando-a paternalmente a que tratasse o melhor possivel a madrasta, esquecendo os maus tratos, e in-

cutiu-lhe confiança em Deus, que por tudo e por todos olha, e que não permitte injustiças.

A rapariga socegou, e affastou-se já confiada nas palavras do bom cura que, olhos no ceu, murmurava uma prece ao Deus dos crentes, pedindo-lhe com todo o fervor da sua fé, interviesse em favor da desventurada creança, que já não tinha mãe a acaricial-a e que era victima do pessimo genio da madrasta.

*

Decorrera um mez.

Era de manhã tambem. Ouvia-se o canto das avesinhas por entre as ramarias do arvoredo.

De joelhos, ante a cruz do presbyterio o cura reza.

N'isto um vulto feminino, surge perto e ajoelha junto do sacerdote.

— Tu aqui, Maria?...

— Senhor cura, respondeu a rapariga, já nossa conhecida; venho agradecer-lhe as suas orações. Deus escutou as suas preces, restituindo-me o socego. A minha madrasta mudou de procedimento para commigo; começou de tratar-me como a uma filha e eu de respeital-a como se fosse minha mãe.

O cura interrompeu-a, dizendo-lhe que as suas preces nada haveriam feito se não fossem as rezas da rapariguita e a sua ardente fé, e terminou pedindo-lhe que agradecesse ao Altissimo o milagre que operara.

Mãos erguidas, os dois oraram por largo espaço e o sol, a prumo, envolvia n'uma aureola de luz os cabellos brancos do sacerdote e as tranças cendradas da rapariguita...

No ceu Deus sorria do luminoso quadro...

XXIX

Malmequer

Era no campo.

O dia estava bello, cheio de sol; os passarinhos chilreavam nas arvores frondosas: a natureza parecia estar em festa.

— Malmequer... bem me quer... muito, pouco... — murmurava ella sentada n'um banco musgoso, desfolhando com seus dedinhos delicados as petalas da flor.

— Pouco, não sou amada... continuava n'um leve tom de melancholia.

Gabriella era de estatura mediana, tão esbelta e airosa, que só o talhe namorava as attenções; tão ondulante e flexivel, que mais parecia haste de bonina; um rosto alvo e puro, olhos negros, avelludados, mysteriosos como a noite, scintillantes que nem astros. As pestanas eram tão recurvas e longas, que se lhe emboscavam n'ellas, os raios desprendidos do seu olhar,

umas vezes humidos, quaes os reflecte o orvalho, outras fulgurantes quaes os exparge a aurora; parecia o correcto arco das sobr'olhos traçado por habil pincel e medido a compasso. Uma bocca cheia de sorrisos, que dissereis ser rubi partido ao meio para servir de engaste a dois fios de aljofares. Uma profusão de azevichados cabellos, ondeando naturalmente e tão bastos e compridos que n'elles se poderia vestir. Mão e pé de princeza. Jovialidade infantil e no semblante transparecia uma alma limpida, d'essas em que os anjos se debruçam para no seu crystal se reverem.

Um vestido branco apertado na cintura por larga fita azul celeste, augmentava o tom gracioso do seu elegante busto.

— Oh! quanto sou infeliz! disse ella com voz argentina e melodiosa, arrojando para longe o desfolhado malmequer.

Subito, sente-se um ligeiro adejar e uma mariposa multicolor, veio pousar n'uma roseira silvestre a poucos passos da joven. Gabriella ergueu-se, e anhelante, avançou para a incauta borboleta. Mal, porém, estendeu a mão para a arrancar á liberdade, ella, n'um rapido esvoaçar, foi acolher-se n'um ramo mais distante. Eis a donzella perseguindo-a sem descanço, desejosa de a possuir. Tinha avançado alguns passos, quando deu um grito de alegria: um formoso e elegante mancebo, trajando á caçador, apresentava-lhe segura pelas azas a fulgida mariposa.

— Luciano! murmurou a joven, baixando os olhos cheia de rubor.

— Gabriella! disse o recemvindo, envolvendo-a n'um amoroso olhar.

Depois continuou:

— Eis a que fugia á felicidade de ser presa pelos teus dedos mimosos, querido anjo...

— Solte-a. Era cruel em querer subtrahir esse meigo insecto á liberdade dos campos... disse a joven.

— Sim... voae, voae borboleta... disse o mancebo abrindo os dedos.

Esta, adejando, foi pousar sobre a cabeça da donzella.

— Oh! por todos sois amada...

— Ha pouco, Luciano, colhi um malmequer...

— Prosegue... prosegue, querida...

— Depois — continuou Gabriella com voz terna, e não desfitando os olhos do semblante do moço — desfolhei-o e elle indicou que me amavas pouco...

— E' impossivel...

N'este instante, a mariposa, voando de sobre a cabeça da joven, foi pousar sobre um malmequer

— Gabriella, vou mostrar-te o contrario do que disseste...

E o mancebo foi colher a flor em que a borboleta pousara e entregou-a á donzella.

Esta, sorrindo-se, principiou desfolhando-a...

— Mal me quer... bem me quer... muito... disse terminando.

— Muito! repetiu Luciano apertando e osculando com ternura as mãos da joven.

D'ahi a mezes, Luciano era o venturoso esposo de Gabriella.

Esta, frequentes vezes, repete sorrindo-se para aquelle que adora:

— Se não fôra o malmequer...

XXX

O ultimo beijo

Era ao descahir da tarde.

Um bello ceu azul, em que ainda brilhavam mil raios de sol, e uma aragem tepida, que punha no meu organismo uma invencivel languidez, fez-me ter desejos de dar um longo passeio pelo mar.

Encaminhei-me para o caes e d'ahi a minutos, achava-me dentro d'um pequeno barco, governado por um ancião, typo de verdadeiro maritimo, tendo comtudo, uma linguagem elegante, por vezes poetica.

A fragil embarcação, principiou vogando aos impulsos de dois remos, manejados pelos seus braços ainda possantes.

Eu, contemplava, ora os cabellos brancos do barqueiro e os seus compassados movimentos, ora as extensas franjas de espuma desenroladas ao longo da costa, e que denunciavam o quebrar das ondas.

Subito o velho marinheiro, ergueu os olhos, e vendo

a minha muda contemplação, sorriu-se, com aquelle sorriso de bondade, peculiar ás pessoas idosas e disse :

— Está reparando nas minhas encanecidas barbas ? Estão brancas, mas não é verdadeiramente a idade que assim m'as pôz... foi o soffrimento... o antigo, porque agora posso orgulhar-me de ser feliz... O senhor sorriu-se ao ouvir dizer que eu tinha sido feliz... és ainda muito novo, muito inexperiente, mancebo, para descreres... eu, porém, se o disse, é porque tenho razão para isso... possuo a minha querida barca, a minha «Elvira», que me tem ajudado a viver e livrado das ondas que pretendem arrastar-me para os immensos confins do oceano ; tenho mulher, tenho filhos, que me adoram e tratam com carinho ; tenho para distrahir a velhice, o inverno da vida, dois anjinhos, que figuram o tempo de flôres e dos sorrisos, a primavera : são os meus netos... não é n'isto que se encerra a felicidade ?... Que mais poderei desejar ?...

— Porque me não conta a sua historia ?

Uma nuvem obscureceu a fronte do ancião, desapparecendo logo, como fugitivo clarão de relampago.

— Não queria recordar-me d'uma parte da minha vida, um só momento d'ella, mas que me fez transformar... queria occultar sob uma mascara de ventura a lembrança d'um drama bem triste, mas contal-o-hei, para tu, mancebo, aprenderes, e não caminhares ás cégas pelo caminho fatal e espinhoso do amor e da imprevidencia...

— Deixe a sua *Elvira* vogar a seu sabor...

Paulo, era este o nome do barqueiro, pousou os remos, tirou o cachimbo da algibeira, accendeu-o, e in-

clinando o corpo para a borda do barco, contemplou, por instantes, melancholicamente as ondas.

Ao longe, uma longa facha encarnada, cerca o horisonte: são os reflexos pallidos dos ultimos raios de sol, já a despedir-se e que dão um tom sublime e phantastico ao quadro.

Paulo, descançando a face direita na palma da mão começou:

— Uma noite em que o mar estava um pouco picado, uma joven linda como os anjos, e um elegante rapaz, pretenderam dar um passeio pelo mar na *Elvira.* Mostrei-lhes a inconveniencia d'elle, em vista da agitação das ondas, mas tudo foi baldado. Os dois embarcaram e fizemo-nos ao largo. Emquanto eu, com os remos cortava vagarosamente as vagas, um murmurio confuso me chegou aos ouvidos: eram elles que fallavam... logrei perceber estas palavras: «juro te que o meu amor será eterno; se morreres, irei fazerte companhia, porque não sobreviverei á tua perda!» Parecia uma predicção... Deus, as ondas que faziam balancear o barco, as estrellas, e eu, foram as unicas testemunhas de seus protestos de amor, de mil juramentos apaixonados...

O velho interrompeu-se para respirar.

O sol, acabava de mergulhar os ultimos raios no occidente. A noite ia reinar nos espaços.

O ancião, proseguiu:

— O mar havia ido socegando a pouco e pouco, e uma tepida brisa, como a que nos bafeja agora, deliciava os dois namorados. Embebida em suaves pensamentos, ella, contemplava o desenrolar das vagas, e elle, fallava-lhe amorosamente, de joelhos, beijando-

lhe as mãos, vendo os seus sorrisos, escutando as suas palavras... De repente, o barco, ao impulso d'uma onda, inclina-se para o lado... oiço um baque na agua, seguido de dois gritos: um lancinante que me fez arrepiar os cabellos, outro de desesperação...

O barqueiro, erguera-se, de olhar desvairado, e de braços estendidos como se ainda estivesse assistindo aquella scena.

— Abandonei os remos e olhando para o logar occupado pelos dois amantes, vi que *ella* havia desapparecido! Cahira ao mar no momento em que elle lhe fazia novo juramento de amor... infeliz creança!. .

Como os soluços lhe embargassem a voz, ficou silencioso uns instantes para acalmar os impetos de seus soffrimentos.

— Rapido como o pensamento, ia lançar-me á agua, quando o moço que a acompanhava me precedeu. Fiquei, para os salvar a ambos, mas por fatalidade, assim não aconteceu... perdi-a... perdi-a...

A noite desdobrara sobre a immensidade da agua, o seu manto de negruras, recamado de estrellas.

A lua, espargia os pallidos raios por sobre a superficie do oceano.

— Cursei longo tempo com o meu barco, o logar onde elles haviam desapparecido. Que fiz durante elle? Ignoro, porque foi tal o torpor que ao amanhecer, ainda estava de remos na mão, prompto a soccorrer os dois infelizes um dos quaes tinha o meu sangue!

E o velho soluçava cruciantemente.

— Durante todo o dia andei errante sobre as vagas procurando, investigando. Nada logrei.

Dois dias depois, o mar arrojava á praia dois cada-

veres, estreitamente abraçados, com os labios unidos n'um ultimo beijo. As suas feições estavam pallidas, mas tranquillas, e elles, sorriam-se amorosamente!... Sabes quem eram os dois namorados, mancebo? Elle, era um dos nossos mais bellos rapazes... ella... era a minha querida e adorada filha!... a minha Elvira!...

Os soluços irromperam de novo, e ao dizer as ultimas palavras, o barqueiro apertou-me nervosamente o braço.

— Foi ali! ali! Recordo-me de ver o redemoinho da agua ao receber o seu corpo. . Foi ali!...

Commovido perante aquella dôr sincera e real, puz-lhe a mão no hombro, e disse:

— Socegue, sr. Paulo... lembre-se d'aquelles que o adoram... de seus netos...

O luar cahia como chuva de prata sobre as aguas tranquillas. As estrellas scintillavam com vivo fulgor e a brisa mal tinha força para gemer sobre as ondas adormecidas.

— Sim, agora os meus netos, podem tornar-me feliz, mas não apagar do meu pensamento a lembrança de minha filha... Mancebo! Quando em teu coração, amanhecer a aurora do amor, não te deixes deslumbrar pelo seu brilho; a illusão passa, o fogo arrefece, mas o facto que elle produz, repara, fica eterno. O amor é a mais credula das paixões. Resguarda-te e lembra-te do que lhe aconteceu a elle... O amor, o mais pequeno incentivo pode accordal-o, e quando despertar, é sempre energico, impetuoso, fatal!... escuta os conselhos d'um velho, que é quem melhor os pode dar...

— Retrocedamos...

Paulo, tomou de novo os remos, com faces orvalhadas pelas lagrimas.

Eu olhava as vagas, em que me parecia ver escriptas as ultimas palavras do barqueiro:

—«... o mar arrojara á praia, dois cadaveres estreitamente enlaçados, com os labios unidos n'um ultimo beijo...»

XXXI

Sob os cyprestes

O cemiterio, áquella hora, estava quasi deserto. As negras cruzes davam-lhe o tom tristonho que faz pulsar mais apressado o coração do que pisa o solo de aquelle logar santo e de respeito.

Eu, ao lado do meu antigo companheiro de estudo, Francisco de C..., contemplava uma lapide singela, em que se liam as seguintes palavras:

Aqui jaz
quem de amor morreu.
A. M.

— Estás pensativo?

— Sim, respondi, porque as phrases que vejo escriptas n'esta campa assim me tornam... Eis decerto mais uma victima d'um amor infeliz...

Francisco, depois de olhar para a singela inscripção, respondeu, abanando a cabeça tristemente:

— Enganas-te, meu amigo... é uma victima do amor, concordo, mas d'um amor que deve sentir todo o coração que saiba comprehender os seus deveres, que saiba o que é ter mãe e quão sensivel é a sua perda...

— Pois...

— Adivinho a tua pergunta. A. M., ou por outra, Augusto de Miranda, é uma victima dos desregramentos, a que poz fim a morte da mãe. E' um grande culpado! Vou contar-te essa historia, apesar de ser muito extensa.

Eu e elle avançamos um pouco, e sentamo-nos nos degraus marmoreos d'um jazigo, e ahi, sob os cypres-tes que se elevavam negrejantes por cima das nossas cabeças, o meu amigo principiou:

— Ha perto de 3 annos, quando cheguei de Evora, fui apresentado a um rapaz que me disseram ser um modelo de bondade e virtude. Tornamo-nos amigos, e raro era o dia em que me não achava em casa d'elle. A mãe, Lucinda de Miranda, parecia comtudo que não vivia feliz.

Comecei reparando com surpreza, que ella me lançava olhares de colera, quando eu sahia com o filho.

Um dia, como de costume, fui procural-o a casa. Appareceu a mãe que me mandou entrar, e depois disse-me que Augusto havia sahido, e, seguidamente, a soluçar, pediu-me não perdesse o filho! Pasmei, e realmente surprehendido, inquiri as causas de tão estranha supplica.

Lucinda explicou-me que o filho não ficava uma só noite em casa; que todo o dinheiro que tinha, elle o havia gasto em ceias, jogo, etc....

Augusto, esse rapaz que me apresentavam como um dos melhores, era então dissoluto, jogador, estroina! Custava-me a vêr. Declarei á infeliz senhora que eu nunca o acompanhava mais que até ás 10 horas da noite, hora regular a que recolhia, e desde esse tempo ignorava o que Augusto fazia. Depois prometti, envidaria todos os meus exforços para conduzil-o a melhor caminho, promessas que a pobre mãe agradeceu chorando. Assim fiz. Fallei com Augusto, aconselhei, pedi, ameacei até, mas não consegui fazel-o affastar do caminho da perdição. A mãe minada pouco a pouco pelo desgosto que qual verme roedor lhe ia corroendo o coração, morria passado um mez, amparado unicamente pelos meus braços, pois o filho andava banqueteando-se com os amigos, amigos falsos que o aconselhavam ao desperdicio, aos amores faceis e á deshonra. A infeliz mãe comtudo, perdoou-lhe e exhalou o ultimo suspiro, balbuciando o nome d'elle, e apertando a minha mão. Fiquei só com aquelle cadaver que ainda palpitava... subito, a porta abre-se, e um homem avança a passos cambaleantes... Era elle! Ao vêr a immobilidade de sua mãe, as minhas lagrimas e o meu olhar de colera, comprehendeu tudo, a embriaguez dissipou-se-lhe como por encanto e Augusto, soluçando caiu de joelhos diante do cadaver de sua mãe, estendeu a mão direita sobre o corpo exanime de Lucinda, murmurou apertando com a outra a minha mão:

— «Juro regenerar-me d'esta vida maldita que tem sido a minha perdição, e foi a causa da morte da minha querida mãe!»

Mezes depois, victima do amôr que votava áquella

que lhe dera o ser, e a quem matara com desgostos, Augusto falleceu.

A lousa que ali vês, foi deposta por mim, um dos seus leaes amigos que bastante forcejou por retiral-o da vida que elle julgou ser bella, e que se tornou mais tarde em espinhosa e cruciante...

Eu retinha na memoria a triste narrativa, contada sob os cyprestes, n'aquelle logar de amargas recordações, e insensivelmente uma lagrima se me desprendeu dos olhos indo cair na lousa, sobre a singela inscripção...

XXXII

Victima do Amor...

A noite d'um aspecto temeroso, invadia o navio: grossas e negras nuvens faziam pesar sobre elle uma atmosphera abafadiça.

A fragata era veleira.

Encostada á amura de estibordo, Estella contemplava as ondas que balanceavam mansamente, como para ganharem mais força na tempestade que se avisinhava. Subito uma voz interrompendo aquella contemplação, fez estremecer a joven.

—Pense, minha senhora... no alto mar quando o temporal arrepia e ennovela as vagas, e o velame bate nos mastros com o ruido molhado das azas de uma ave que se afoga, e a marinhagem corre executando com a sua costumada presteza as ordens que o capitão dá com voz tranquilla, não cuidando senão de salvar das garras do Oceano o navio e a equipagem que lhe foram confiados—tudo que está acontecendo agora—

n'esse momento é que se deve pensar nos perigos... dissera um mancebo aproximando-se de Estella.

— Pois ainda o senhor?... Quando deixará de perseguir-me com suas propostas?...

— Minha senhora, bem deve comprehender quanto soffro. Amo-a. Por sua causa, tenho feito mil sacrificios... via-a em Lisboa, e o amôr irrompeu momentaneamente no meu coração... concedi-lhe todas as attenções de que era merecedora; embarcou na *Medusa*, eis que deixando familia, patria, amigos, digo um adeus talvez eterno a Portugal, e acompanho-a como subdito fiel. E vós, despresais-me como se fôra um ente vil, que nem merecesse o obsequio d'um olhar, mesmo de commiseração, pelo seu soffrimento!... Sois cruel...

— Nem mais uma palavra!... Abusou da casualidade de me achar só, sem o appoio de meu pae, para me offender... retire-se... senão, retirar-me-hei eu...

E a joven avançou alguns passos.

O mancebo, então, ajoelhando, agarrou febrilmente as mãos da donzella, e murmurou:

— Estella... estou a seus pés... supplico-lhe, pelo Deus que nos ouve, que nos perscruta o coração, que não me vote ao despreso...

Não poude continuar, porque esta retirou precipitadamente as mãos, e disse com voz em que se lhe adivinhava a colera:

— Infame!

O seu interlocutor então, levantando-se de chofre, retorquiu com voz sibilante:

— Quer saber então de quanto é capaz Jayme de Miranda?... Pois bem, sabel-o-ha... Calculou mal...

por estar um momento supplicante a vossos pés, não sou escravo. O amôr converteu-se em odio. Pedi uma resposta até ao Brazil. O Rio de Janeiro está apenas a algumas milhas de distancia, mas a *Medusa*, não chegará a vencel-as, porque irá ao fundo servindo de tumulo a vosso pae, á senhora e á tripulação!

Morte verdadeiramente digna d'uma alma como a sua, é a que lhe preparo...

— Meu Deus! exclamou Estella.

Assustar-vos-ha o meu plano?... Será talvez, por eu morrer na sua companhia... veja, nem na morte a quero abandonar...

Um clarão azulado sulcou o espaço, seguindo-se um ribombar longiquo.

Jayme agarrando de novo as mãos da joven e apertando-lh'as com força, proseguiu:

— Quereis pertencer-me ou que a minha vingança faça perder a vida da marinhagem, e de vosso pae, sacrificados a uma recusa pueril, aos seus loucos caprichos?...

— Soccorro! Soccorro! bradou a donzella, atemorisada pelo olhar faiscante de Jayme.

— Quero uma resposta. Os marinheiros estão na manobra, o vento rugindo nos encharcias e o estrondear dos trovões não deixarão ouvir a sua voz debil ...podeis gritar, pessoa alguma acudirá...

— Enganas-te, miseravel!

E dizendo estas palavras um mancebo fardado de 1.º tenente caiu sobre o interlocutor da joven, fazendo-o curvar rudemente.

— Ajoelha, reptil, e supplica perdão do que ias com-

metter! disse o moço official, carregando-lhe com força sobre os hombros.

— Socegue, minha senhora, o perigo está passado... acrescentou:

— Pedir perdão? Nunca!

E Jayme, soltando-se, correu a amurada e lançou-se ao mar.

O joven marinheiro e a donzella, deram simultaneamente um grito de espanto e de terror, e levados de instinctiva compaixão correram para a murada d'onde mergulharam anciosos olhares perscrutando as vagas. Nada puderam vêr.

— Homem ao mar! bradou o vigia.

Apesar da tempestade, arriaram-se os escaleres e varios maritimos, com risco da propria vida tentaram arrancar ás ondas o infeliz, mas nada conseguiram.

Jayme de Miranda não foi encontrado. O mar guardára a presa que voluntariamente se lhe entregára.

Decorridos dias, quasi desmastreada, chegava ao Rio de Janeiro a fragata *Medusa*, e d'ahi a mezes celebrava-se na mesma cidade, o consorcio do 1.º tenente Jorge da Silveira com a joven de quem fôra poderoso auxiliar.

Estella olhando seu esposo, murmurou á saida da egreja apertando-lhe febrilmente o braço:

— E elle morreria?...

— Sim, Estella. Todas as pesquisas foram inuteis. Jayme de Miranda não appareceu. Foi uma victima do amôr!

XXXIII

Os tres castellos

(Lenda antiga)

Corre, corre, o moço cavalleiro, sobre o seu corcel negro, negro, negro como as azas dos corvos grasnantes...

A noite é de inverno, fria, cheia de vento cortante, que, em lamurias, vae entoar além canções tristonhas, replectas de melancholia inextinguivel...

— Aonde vaes, oh! celere corredor? perguntavam-lhe os furacões, em furias sacudidas...

— A' busca do Castello da Esperança, por mando da minha amada!...

— Pois corre, corre, vôa; vôa, oh! moço cavalleiro...

E a noite fazia-se mais negra, negra, negra como se sobre a natureza se desenrolassem mil véus de sinistra luctuosidade...

*

Em tempos que já lá vão, cobertos pela poeira da antiguidade, eras quasi esquecidas, vivia no seu palacio submarino, rodeado d'um sem fim e formoso jardim de algas, uma formosa princeza, branca como os fios de luar que á noite se espreguiçam pelas petalas das flôres adormecidas. Chamavam-lhe Perola de Thetis. O principe arabe chamado dos Negros Olhos enamorara-se d'ella loucamente, mas o tutor da formosa dama, o rei Neptuno, puzera como ponto condicional á posse desejada mão, a entrega d'uma flôr arrancada ao gibão resplendente de cada um dos governadores dos Castellos da Esperança, do Heroismo e da Felicidade.

Tendo-as, todos estes predicados viveriam eternos no lar dos dois amantes...

Por isso o Principe dos Negros Olhos, cavalgava e voava, voava, desejoso de cumprir o fado imposto...

*

Corre, corre, o moço cavalleiro, sobre o seu ginete negro, negro, negro como o céu em momento de fragorosa tempestade...

Além vê-se já o primeiro castello... O luar dilata-se pelas sua ameias, pondo-lhe uns tons suavemente brancos... Gorgeiam lá dentro os passaritos...

O enamorado eleva o espirito ao Deus dos Amores e precipita-se em correria doida contra a porta, que sob impulso sobrenatural se lhe abre...

O castellão dorme... Avança, arranca-lhe a rosa rodeada de heras que elle tem ao peito, e protegido

decerto por aquelle que evocára, monta de novo e desapparece, no brado de:

— E' minha a Esperança!...

— Aonde vaes, oh! léve trotador?... perguntava-lhe pelos campos a brisa sussurrante...

— A' busca do Castello do Heroismo, por mando da Minha Dama!...

— Difficil é, mas corre, corre, vôa, vôa, oh! bravo cavalleiro...

*

Corre, corre, o amante audaz, sobre o seu corcel negro, negro, negro como os seus olhos...

Annos, annos muitos, andou errante.

Avista, porém já o logar desejado. Nas torres avultam milhares de guerreiros.

O Principe dos Negros Olhos, corre, corre sempre, desdenhando os dardos, os alfanges, as cimitarras que se agitam...

Invoca Mavorte: a porta da fortaleza abre-se como por encanto... Acutila de montante em punho... Todos o cercam...

— Allah! Allah! Só Deus é Deus e Mahomet o seu propheta!... grita.

Cae ali, ergue-se acolá, desbarata, vence apoz porfiada lucta.

Curva sob o joelho o denodado castellão, arranca-lhe formosa açucena, e montando, vôa de novo no exclamar de:

— E' meu o Heroismo!...

— Aonde vaes, oh! esforçado cavalleiro?... interrogavam as nuvens, semeando gottinhas de agua...

— A' busca do Castello da Felicidade, por mando do Meu Amor!...

— Bem difficil é, mas corre, corre, vôa, vôa, soberbo cavalleiro...

Mas n'elle já a coragem não é tanta...

*

Corre, corre, o gentil campeão, sobre o seu ginete negro, negro como esses brilhantes raros. Annos vagueou, perdido, porém já disponta além o cubiçado castello. Vagueam nos ares embalsamados, gracís pombinhas, trinam rouxinoes, freme deliciosa a brisa...

O principe avança a custo, subindo asperos desfiladeiros. Alcança emfim o ponto appetecido. Tudo aberto, noute de baile: o castellão dança. O heroe irrompe subitaneo, colhe do peito do poderoso senhor uma rosa, e, aproveitando o espanto causado pela ousadia, desapparece, monta de novo, no exclamar:

— E' minha a Felicidade!...

— Aonde vaes, oh! heroico, esperançado e feliz cavalleiro?... perguntam-lhe os ramos carregados de flôres do larangeira.

— A' busca da minha amada, pois é cumprido meu fado!...

— Pois vôa, vôa, corre, corre oh! cavalleiro!...

*

No seu palacio submarino, rodeado d'um sem fim e formoso jardim de algos, a deslumbrante princeza, Pe-

rola de Thetis, esperava ha muitos annos o eleito da sua alma.

Certa noite luarenta, sente qualquer ruido que lhe dá alegria. E' elle! Chega, abrem-se as ondas para recebel-o.

—Eis-me, oh! minha amada, com o meu fado concluso...

Mas, oh! desespero!... da flôr da felicidade, apenas restavam folhas!...

Neptuno, irado, recusou a mão da princeza.

—Tudo ou nada!... Perdeste grande somma da felicidade.

Onde estará agora?... Dispersa! Jámais ella poderá ser completa!...

Assim é...

A Princeza repousa no seu palacio, esperando eternamente, mas desalentada, que lhe apresente alguem a inteira felicidade, hoje fragmentada, e o Principe dos Negros Olhos ainda se vê, nas noites de outomno, montando o seu corcel negrejante, á procura das folhas cahidas pelo caminho, que não vê, e murmurando desesperado as phrases de Neptuno:

—A felicidade jámais será completa... jámais!...

XXXIV

O Cumprimento d'um Dever

Minada ainda pela lembrança da morte do seu esposo, Maria de Mendonça passava os dias reclinada n'uma chaise-longue, com a mão na face, meditando.

Maria era formosa. De estatura franzina, rosto oval, d'uma pallidez poetica, olhos negros grandes, sombreados por compridas pestanas, nariz aquilino, bocca suavemente modelada e labios nacarados, era realmente encantadora.

Contava 22 annos quando lhe apresentaram o moço poeta Alberto de Mendonça. Este sendo empregado n'uma das secretarias do estado, ahi conhecera Julio de Seabra que era chefe da repartição, e que agradado do genio jovial do mancebo, do seu bom comportamento, da sua febre de trabalho, começou tomando-lhe amizade; sahindo juntos, palestrando largamente até que um dia Julio o convidou para ir passar um bocado de noite em sua casa.

Alberto acceitou e acompanhou o pae da joven á sua residencia. Este morava no 1.º andar d'um predio á Magdalena.

Depois das devidas apresentações, e de tomado o chá, Julio encareceu a sua esposa e filha. o eximio rimado das composições do novel poeta.

Maria com a confiança que lhe dava o ser Alberto amigo de seu pae. supplicou-lhe recitasse alguns versos.

— Um improviso, pedia ella.

O mancebo accedendo ao pedido, recitou graciosa e pausadamente um bello soneto improvisado, louvando a formosura e a gentileza da joven, que gostando immenso d'elle lhe agradeceu em phrases que tinham mais de poeticas que de vulgares.

A's 10 horas o moço retirou-se impressionado pela belleza da donzella e tendo sempre no pensamento o seu rosto suave, que na sua imaginação devaneadora, se lhe figurava entreabrindo os labios n'um doce sorriso que lhe era dirigido.

Durante a noite, Alberto não conseguiu conciliar o somno.

Soffria.

Porque? Porque amava.

Fôra sufficiente duas horas de conversação para se apaixonar por ella loucamente.

As visitas repetiram-se, e um dia o mancebo n'um transporte de paixão caiu-lhe aos pés confessando o seu amor.

A joven recebeu com agrado a confissão.

Decorrido algum tempo, o moço poeta pedia a mão de Maria a seu pae, que lh'a outhorgava abraçando-o e dando-lhe o nome de filho.

Passado um mez celebrava-se na egreja da Magdalena o consorcio de Alberto de Mendonça e de Maria Amelia de Seabra.

Passado mais algum tempo, o mancebo era promovido a chefe de repartição.

Foram felizes, mas a felicidade ecclypsou-se com rapidez.

Quatro annos depois de casado, Alberto fallecia victima da ruptura d'uma aneurisma, deixando como recordação á inconsolavel esposa um filhinho contando trez primaveras.

Maria desde então ficou sempre pensativa. Frequentava a casa de Alberto um mancebo de 30 annos chamado Alfredo de Castro, e como fôra intimo amigo de seu marido, a desolada viuva apesar da morte d'elle continuara a recebel-o.

O pequeno Carlos, acostumado desde que nascera a receber as caricias de Alfredo, sentando-se-lhe até nos joelhos, balbuciava continua e docemente:

— Papá...

Maria, córava e impallidecia ao mesmo tempo ao ouvir aquella phrase nos labios do filho e olhava o mancebo.

Este um dia, notando que a mãe de Carlos ia definhando pouco a pouco pegou-lhe n'uma das mãos, e perguntou a causa d'aquelle desfallecimento progressivo.

Ella levantou-se e não lhe retirou a mão.

O moço começou fallando-lhe em voz persuasiva magnetisando-a gradualmente...

Maria reclinou a cabeça no hombro d'elle, que lhe osculou as faces.

Ella, ao sentir aquelle osculo, disse recuando e sacudindo o torpôr moral que a perdia:

— Alfredo, sinto que está proximo o fim da minha existencia, que vou reunir-me a Alberto de Mendonça, meu chorado esposo e seu amigo... era um crime sem nome que iamos commetter... Alfredo peço lhe uma cousa... jure-me, que quando eu morrer. Carlos será seu filho adoptivo...

O mancebo caíu de joelhos e supplicando-lhe perdão da acção que commettera, jurou que tornar-se-hia pae de Carlos.

Mezes depois, Maria recolhia ao leito e passado tempo a morte arrebatava-a d'este mundo.

O moço cumpriu o seu juramento.

O pequeno orphão é como se fôra seu filho, e as suas palavras são sempre para insinuar-lhe no pensamento o respeito por seus paes, e que o juramento que se fizer é sagrado.

Quando os amigos de Alfredo lhe perguntam porque razão trata Carlos de Mendonça como filho, elle responde, assomando-lhe as lagrimas aos olhos:

— E' o cumprimento d'um dever!

XXXV

A Sereia da Praia

As ondas rolavam de manso, n'um confuso ciciar, indo de quando em quando dar um beijo humido nos seixinhos da praia...

Tudo silencio... tudo torpôr...

A sereia, emergindo do fundo das aguas, erguera o collo e olhára anciosamente o espaço immenso...

Depois avançou rastejante, com ar de dôce melancolia...

Um pequenito corria folgasão, apanhando as conchinhas lindas que o mar arremessava do seu seio...

A sereia fitou-o amorosamente e supplicou:

— Creança! prende-me a ti... dá-me um fio dos teus cabellos louros como o sol...

Mas a creança, fugiu temerosa, emquanto a ondina era arrebatada por uma vaga medonha, que gemente a levou de novo para o crystal das aguas...

*
* *

O astro sublime contempla risonho do alto, o verde chão que ululante balanceia...

Insensivel ás pequenas ondas que lhe vão oscular os pés, um moço, a creança feita homem, medita, sentado n'um rochedo que a bella toalha liquida, bordada nos extremos com uma franja de prata, vae com meiguice humedecer...

A sereia surge de novo e n'um suspiro exclama:

— Mancebo! prende-me a ti... dá-me um fio dos teus cabellos negros como a noite...

Elle ergueu-se e retorquiu:

— Não quero... sou novo, preciso de divertir-me, de folgar... prisões... nunca!...

— Ah! dá-me um fio dos teus cabellos...

Mas o mancebo fugiu, sem olhar para traz...

O mar deu um rugido e a ondina a esbracejar, sumiu-se chorosa no Oceano!...

*
* *

Na praia encantadora passeia um velho, appoiado á sua bengala. Avança devagar, fitando a linha azul do horisonte, relembrando com saudade o passado feliz, o breve desvanecer dos primeiros tempos...

Abrem-se as ondas... apparece de novo a sereia que d'esta vez pede rancorosa:

— Ancião! prende-me a ti, dá-me um fio dos teus cabellos brancos como a lua...

Elle levou a mão á cabeça, e arrancando o derradeiro, arremessou-o ao espelho verde que se movia compassado...

— Agora, querias... é tarde! bradou a ondina, apontando o cabello que boiava tranquillo. Creança, mau homem, velho decrepito, devias dar-me o que te pedia nos teus primeiros tempos... hoje não tens valor para me prenderes...

Uma onda envolveu-a como n'um manto e emquanto a sepultava nos reinos de Amphitrite, ella ainda poude dizer:

— Eu era a *Mocidade* e esse cabello a cadeia que a ti me prenderia!...

*

* *

As ondas vêm sempre de minuto a minuto, quebrarse no plano pedragoso da praia...

O sol exparge as suas mil scintillações. de indifinivel encanto.

Tudo apresenta o mesmo ridente aspecto de outr'ora, apenas a formosa sereia da praia, a quem hoje todos procuram para a prender a si, já não apparece. para dar a eterna juventude!

....

XXXVI

Desfolhando Malmequeres...

Fremia brandamente a aragem por entre as searas...

As louras espigas de trigo, ondejavam de manso, ao seu sopro ligeiro, emquanto além uma multidão ullulante, contemplava o doce balancear das ondas d'esse mar encantador...

De longe a longe um barquinho vermelho, rubra papoula, se via ancorado sob o sol, que do azul de turqueza, espargia os seus mil fios tão dourados, scintillantes de alegria...

E distante, alguem cantava n'uma toada plangente a que a guitarra fazia dolorosamente echo:

Choro as venturas perdidas,
Que jámais a mim virão...
Choro lagrimas sentidas,
Tormento do coração!...

Bandos de burguezes, de cabaz no braço, olhar satisfeito, procuravam logares para expor á vista os *farneisitos* trazidos de casa, e as creanças sempre desejosas de correr, voavam aos enxames, colhendo aqui uma espiga, ali uma papoula, acolá um malmequer...

Pares felizes, de mãos dadas, embebem-se na vista do panorama campestre, suavemente risonho, que os rodêa... depois, seguindo a tradicção, vão consultar o oraculo, o mal-me-quer, anciosos que elle diga *bem!*... ou *muito!*

Mas se lhes sae um *nada!* ou *pouco!* então... que de desenganos, de amuos, de tristezas!...

Quadro sublime!...

Abençoados os que creem em futilidades, os que vivem de illusões, e podem tel-as!...

Comtudo... quiz experimentar, não para saber se seria *querido*, mas *ditoso* e emquanto açoitava os ares o ruido infrene das gargalhadas, o vozear d'essa gente que se mostrava contente de tal fórma, fui desfolhar egualmente uma flôr.

As petalas cahiam-me compassadas aos pés e ao desprender a derradeira, vi então que sempre adivinhára o meu destino:

— *Muito* desditoso!

E a mesma voz, ao longe, cantava:

Canta, guitarra, a tortura,
D'um *alguem* que muito chora!...
Canta guitarra, a ventura,
Que de mim se foi embora!...

Esta vida são dois dias,
Mas não é para quem padece

Pois quem não tem alegrias,
O que quer é que ella cesse!...

E no momento em que todos passavam o tempo desfolhando malmequeres, eu desfolhava o livro interminavel do meu viver d'outr'ora, cheios de vãs chimeras!...

XXXVII

O Modelo

Elle sonhava com a gloria. Ver os seus quadros expostos, receber elogios, ver-se admirado, como seria bello!

Henrique de Lencastre, era filho segundo d'um fidalgo da Estremadura. As suas unicas ambições encerravam-se em ser pintor.

No tempo que frequentava as aulas, era rarissimo o dia em que o professor o não reprehendia asperamente, porque livros, carteiras, cadernos, tudo lhe servia para fazer alguns esboços, reconhecendo-se já n'elles, que quem os fizera tinha uma verdadeira inclinação para a pintura.

Findo o curso, o pae de Henrique, perguntou ao filho qual a carreira que pretendia seguir, dizendo achar melhor a das armas ou a das lettras. O mancebo respondeu que a unica arte, que seguiria com prazer e amor, era a de pintura.

O velho fidalgo, recusou redondamente o consentimento para Henrique seguir a vida que ambicionava.

O moço, a quem a paixão e os desejos da arte davam coragem, retorquiu, que seria pintor e não militar, ou homem de lettras.

O ancião colerico, indicou-lhe com um gesto a porta, e disse-lhe:

— Siga a carreira que entenda, mas não cruze mais o limiar d'esta casa. Parta para Lisboa, que lá lhe será entregue a sua legitima. Eu não o quero ver mais.

Henrique soluçando, rogou a seu pae revogasse aquella decisão, mas elle perguntou só:

— Armas ou lettras?

O joven respondeu, pensando no objecto de seus sonhos:

— Pintura, meu pae!

O fidalgo retorquiu. indicando novamente a sahida:

— Sr. Henrique, Lisboa está aguardando a sua chegada!

O mancebo sahiu da casa paterna, e partiu para a capital. Apenas chegára começou tratando de satisfazer os seus anhelos, e depois de cursar as aulas da Academia das Bellas Artes, expoz um quadro representando uma formosa vista das margens do Tejo.

Realisára o seu sonho, era pintor!

Alguns mezes depois, Henrique era procurado na sua casa da Rua de D. Pedro V, por uma senhora que lhe desejava fallar.

O mancebo estava sentado n'um aposento que arvorára em *atelier*, dando uns retoques n'uma aguarella, quando ella se lhe apresentou.

Henrique, indicou-lhe uma cadeira, e pediu-lhe dissesse ao que vinha.

A joven depois de contemplar com olhos chorosos o quadro que estava no cavallete, perguntou:

— Senhor, não precisa d'um modelo?

O mancebo não desfitando os olhos do rosto angelico da joven, respondeu:

— Mas não é possivel que...

— Não me acha digna de servir de modelo para os seus quadros?

— Acho e muito porque sois formosa, sois um anjo. faria de si uma *Madona*...

— Então, por Deus, acceite-me...

— Mas não sabe que para modelo, uma menina que se preza não se deve offerecer?

— Não sei. Só sei que quero salvar minha mãe...

— Que diz?!...

— Que minha mãe, morre de inanição se eu lhe não acudo... as modistas não me dão que fazer; as lojas de fazendas egualmente, e ella morre... acceite-me para modelo...

Henrique levantou-se e pegando nas mãos da joven, perguntou:

— Como se chama, meu anjo?

— Margarida...

O mancebo abriu uma gaveta, e tirando d'ella algum dinheiro, disse:

— Margarida, receba esta importancia, vá salvar sua mãe...

— Mas eu não posso receber assim este dinheiro...

— Receba, é o preço da primeira sessão...

— E quando terá logar?

— Brevemente...

Margarida apertando-lhe as mãos, disse:

— Quanto sois bondoso! Comprehendo a sua delicadeza; a primeira sessão nunca terá logar, este dinheiro devo-o ao seu bom coração, mas recebo-o comtudo, porque m'o offerece o homem que apenas conheço ha cinco minutos, e a quem já eu amo...

Henrique, cahindo de joelhos, disse:

— Amas-me, Margarida, amas-me?

— Sim..., balbuciou ella.

Decorridos alguns dias, Henrique de Lencastre, pedia a mão de Margarida a sua mãe e passados dois mezes, realisava-se o consorcio na egreja do Soccorro.

Henrique hoje utilisa-se de sua esposa, para os seus quadros, pintando ha pouco um, a que poz o nome de *Estygma de Bondade*, que lhe mereceu justos louvores, sendo além d'isso todos os seus trabalhos muito apreciados.

— Sou bom modelo? pergunta Margarida, quando seu esposo depõe os pinceis.

Elle, osculando-lhe as faces, responde:

— Bello! E's modelo de bondade, de doçura e de amor, e tambem o modelo das esposas e das filhas!

XXXVIII

Desengano

Foi n'uma quinta feira. Impallidecera já o brilho das estrellas que durante a noite tinham matisado a abobada celeste. Surgira do oriente luz suavissima a dizer ás flores que despertassem e abrissem suas corollas, e ás avesinhas que saudassem com seus cantos e requebros o apparecimento do sol, que se não faria esperar.

Nas capoeiras desperta o gallo com seu canto estridente a emplumada familia, e annuncia-lhe que é chegado o dia. Sahem dos ninhos os passarinhos voando alegres e contemplando aquella dourada chamma, que o astro sublime sobre elles derrama e começam entoando festivos canticos como se fora uma prece fervorosa, agradecida...

Nos ramos da acacia que de seus cachos lindos exhala aromaticos perfumes, balouça-se o rouxinol na-

morado, soltando dulcissimas melodias, de infinda ternura, qual uma eterna confissão de amor...

— Meu Deus, é dia! disse Henrique espreguiçando-se — E as rosas?... Vamos, a pé, dorminhoco incorregivel!

E dizendo isto, o mancebo ergueu-se, vestiu-se, e desceu ao microscopico jardim, em que cultivava varias flores da sua predilecção.

A brisa matutina, beijava-as meigamente, impregnando-se dos seus perfumes, e o sol, deixava ver já os seus brilhantes sorrisos, lançando dos olhos mil fios dourados.

O moço dirigiu-se para as roseiras e admirou durante momentos aquellas flores rosadas, como uma aldeã, alegres como as andorinhas, tentadoras, como amores que symbolisam. Depois, a mão profana e cruel, pousou-se sobre uma mais formosa que as outras, e joven, pois ainda as suas petalas de vivo carmim, não pendiam como maculadas, e as unhas, procuraram a fragil haste para arrancar d'alli a bella rosa.

— Que me queres? Qual o teu fim, cortando-me d'este arbusto, o que equivale a matar a minha existencia? interrogou ella altivamente.

Henrique boquiaberto perante estas perguntas respondeu:

— Umas formosas e gentis damas pediram-me que lhes levasse duas flôres que em formosura e fresquidão nada as egualasse e nenhuma outra me agradou como a sua rainha...

— Ah!... e para que me querem?...

— Uma vai satisfazer hoje, o maior ideal da mulher: casa-se com um homem que adora, por quem

daria toda a sua vida... e é para seres collocada no seio d'uma d'ellas, que pretendo furtar-te aos scintillantes raios solares, á fresca brisa que está correndo, aos doces trinados das avesinhas, ao clarão da lua, que á noite te inunda com a sua luz pallida, a tudo emfim que te dá prazer...

— Na verdade, estou desejosa de conhecer novos mundos... o sol é tão velho, a brisa tão conhecida, os passarinhos não arranjam melodias novas, que realmente seduzida acceito a separação das minhas companheiras... Eis-me ao teu dispôr...

E um sorriso lhe fez entreabrir os purpurinos labios, dos quaes se desprendeu ainda uma gotta de orvalho...

O moço, cortou-a delicadamente, fazendo-a acompanhar de algumas folhas verdejantes, que compunham a sua côrte...

Depois dirigiu-se para outra rosa, porém esta quasi em botão.

— Cortar-me? Nunca! bradou ella ao ver os manejos do mancebo.

— Deixa-me dizer-lhe duas palavras... disse a que fôra recentemente subtrahida ao arbusto em que se ostentava.

E em seguida, na linguagem florea, seu idioma usual, referiu tudo quanto se passára momentos antes.

— Custa-me acreditar n'esse plano tão sorridente...

— Oh! eu acredito! Quem sabe se serás tu, (já não fallo em mim) quem irá embellezar com a tua côr viva a *toilette* alva e festiva da noiva?...

— Estás illudida, respondeu a segunda dando uma gargalhada — Todos sabem que somos sufficientemente vermelhas e irrequietas e que expressamos paixão ar-

dente, creadora, eterna, para nos irem collocar sobre o peito d'uma noiva... isso é bom para essa planta mimosa, branca, como a virgindade e a pureza que significa: a flôr de laranja!

— Tens rasão. Mas não sentes desejo de estar junto do seio d'uma donzella?...

— Vamos. Adivinho que seremos desgraçadas, porém assim o queres... Corta-me, arrebata-me do que mais adoro!

Henrique tirou-a da haste e as duas unindo-se, beijaram-se, murmurando a recem-cortada:

— Só por ti, consenti n'este sacrificio...

O moço satisfeito por ter realisado o que queria, correu para casa d'aquellas que lhe tinham pedido as flores.

A noiva, achava-se já reclinada n'uma *chaise longue*. O seu vestido branco, com grinalda de flôres de laranjeira, augmentava-lhe a pureza do rosto de deslumbrante alvura, e no qual sobresahiam d'um fundo azul pallido, os seus olhos negros, como a noite, e como ella, mysteriosos...

Ao lado, duas jovens, diziam-lhe phrases amigaveis, que a faziam córar.

Elle, depois de as cumprimentar e felicitar a que ia receber a benção matrimonial, disse:

— Eis as rosas satisfazendo todos os requisitos: frescura, belleza e perfume!

As donzellas, respondem:

— Chegaram tarde, agora levamos camelias!

Mas guardam-se!

E pegando n'ellas, depuzeram-nas n'um jarro com agua.

As rainhas do floreo reino, estremeceram e uma murmurou:

— Vês? Quem tinha rasão?...

— Pobre amiga e fui eu que te perdi...

— Mas perdeste-te egualmente... paciencia, que venha a morte... olha como as orgulhosas camelias nos contemplam desdenhosas...

Sahiram todos.

....

A' volta quando alegres e garrulantes regressaram da egreja, rodeando a recemcasada que pallida e tremula escutava os ditinhos maliciosos das suas companheiras, foram ver as rosas, deram um grito de espanto... Estavam pendentes, desfallecidas...

— Infelizes... murmurou Alberto — Tão frescas, tão viçosas, tão rescendentes, como as ceifou a negra sorte... e fui eu a causa!...

As jovens, pegaram nas duas flôres... porém as suas petalas desprenderam-se e vieram cahir como ultimo preito de homenagem aos pés da gentil desposada...

E as camelias altivas e cheias de orgulho, que representam, e não fazendo reparo no perfume que as rosas espalharam no ambiente, perfumes que não possuem, murmuraram ironicas, resplandecendo-lhe as folhas:

— Queriam occupar o logar de honra em que estamos... quanto eram vaidosas!... Que bella licção! Que magnifico desengano!...

XL

A Adultera!

... Era aquelle o seu marido, o homem a quem entregára todo o seu ser, todos os latejos do seu sangue, ardente de seiva! Era com elle que haviam de exhaurir-se as exhuberancias da sua juventude!

E ella antevia uma cousa nova que a attrahia e irritava, alguma cousa de superior que a seduzia, que se lhe revelava irresistivelmente aos vividos clarões d'aquella noite bella, no meio d'aquelle ambiente aromatisado e penetrado das febres do prazer.

Voltou á sala do baile.

Viu o esposo encostado a uma das portas, quasi tomando-a com a sua gordura, cambaleando n'uma meia somnolencia, quem sabe se embriaguez...

Um movimento de despreso lhe escapou ao vêr tal scena.

— E casei com *isto!*

A soirée attingira a nota aguda do enthusiasmo. Os

vinhos tinham circulado profusamente, e o seu perfume lançava ainda mais perturbação n'aquella atmosphera quente. As luzes como que tinham jorrado de repente uma irradiação mais jubilosa; os espelhos refletiam no seu seio, com claridades vivas e lubricas, os hombros e os peitos decotados.

A cabeça d'ella, n'um cháos ardente, andava-lhe á roda. O rythmo impulsivo d'uma valsa fez-lhe vibrar os nervos:

— Vou dançar!

Alguem se approximou, offerecendo-se-lhe para cavalheiro, e d'ahi a momentos, eil-a voltejando doidejante, sentindo a respiração offegante d'elle, o febril comprimir dos seus braços e um desejo, uma molleza inexplicavel se apossou do seu corpo...

Abandonara-se lhe... entregara-se-lhe alliciante, vivendo como n'um sonho feliz, de que só acordou ao terminar do estonteador redemoinho; ao achar-se sentada no meio d'aquellas amigas que a desconheciam, tanta era a sua agitação!... Sentia o coração palpitar-lhe com violencia, correr calido o sangue nas veias e trepar-lhe ao cerebro n'uma onda de delirio...

Ergueu-se, correu á larga varanda e sorveu a largos haustos o ar frigido da madrugada.

— Acha-se doente, minha senhora?...

Estremeceu. Era o seu par da valsa ultima, um rapaz elegante, de maneiras distinctas, fidalgo de nascimento.

— Um pouco!

— Porque não desce ao jardim... este ar quente, viciado...

Não se fez rogar: deu-lhe o braço e passados ins-

tantes penetravam no vasto e negrejante planispherio d'arvores. Elle, n'uma excitação nervosa, explicavel pelo contacto do braço nú, pela contemplação dos hombros alvejantes, dos quaes se emmanavam perfumes desconhecidos, como de essencias orientaes brandamente diluidas, murmurou-lhe ao ouvido, por entre um beijo apaixonado, abafado pelo rumorejar do arvoredo:

— Amo-a! Serei a seus pés um escravo, um ente que se envilecerá se necessario fôr para lhe alcançar um sorriso...

E outras phrases se lhe seguiram...

A má esposa não resistia. Subiu-lhe á mente um turbilhão de pensamentos e a bocca irritada, abrasada por estranha sede, golphava uma respiração que se misturava á do seu interlocutor como que na confidencia d'um pedido intenso, avassalador...

E d'ahi, talvez tivesse visto perpassar, como uma sombra a figura rotunda, os cabellos encanecidos do marido, os seus bocejos, as palavras anti-aristocraticas, e a comparação se estabelecesse entre elle e o que lhe confessava amôr!

No receio de que viesse alguem, procurou fugir, mas o seductor embriagando-a pouco a pouco com os olhares e as phrases balbuciadas mui baixinho, conseguiu leval-a para um pequeno caramanchão de folhagem...

O jardim estava deserto... lá dentro dançava-se... ouviam-se ali, n'um echo longiquo os accordes d'uma quadrilha... Achavam-se sós, bem sós...

Cahiu-lhe aos pés...

Os olhos d'ella brilhavam com irresistivel fogo...

o seio abalado por viva commoção mostrou-se offegante de ardor e voluptuosidade. O rival do marido esquecido olhava-a tambem, deixando os olhos presos ao seio que tão provocante arfava... As suas boccas uniram-se e o som d'um prolongado beijo, foi despertar os rumores d'aquella noite linda...

Ao longe, a orchestra continuava executando os diversos passos da contradança...

....

— Perdida! Perdida!... clamava ella.

— Porque, anjo meu? Ter por marido um velho, debil, só dado aos prazeres do somno e do vinho, olvidando que possue uma mulher nova, formosa, bella, sedenta de tudo que é amor, que não deve ser despresada e não...

A phrase completou-se, por entre sorrisos ironicos. A esposa traidora, conscia do seu crime, soluçava, com a cabeça sobre esse rustico sophá, testemunha da sua deshonra...

Comtudo estrugiu novo osculo; murmurou-se um «até breve» e voltaram á sala do baile. Ali, deu o braço ao esposo, que a contemplou com ternura, envolvendo-a n'uma aureola de contentamento, sem lhe reparar nas fundas olheiras, no branco dos labios, no estremecer continuo...

Sahiram e metteram-se na carruagem que os aguardava.

— Hein! Estás contentinha, divertiste-te, não foi assim? Ainda bem!

— ... Muito, oh! muito... respondeu ella n'um tremor convulso, rodeando-lhe o pescoço com o braço, escondendo o rosto no peito do pobre velho e retendo,

por inaudito esforço de vontade, o soluço prestes a estalar...

De que tinha medo?... Ninguem soubera... apenas as arvores, a lua, mas essas nada diriam, tinha a certeza, seriam mudas... Mas então, porque chorava?

Porque no ruido surdo das rodas, no estalar do chicote, no bater das patas dos cavallos sobre a calçada, na brisa que lhe açoutava as faces, em tudo, finalmente, julgava ouvir estas phrases terriveis, que formavam como que uma condemnação:

— Adultera! Adultera!

XLI

Sorriso de Mulher

Ella havia-lhe sido apresentada poucos momentos antes.

Lucia, com os seus cabellos negros, bastos e setineos, com os seus olhos grandes, provocantes, as sobrancelhas finas e regulares, o seu rosto oval e um tanto moreno, era uma d'essas mulheres que fascinam e encantam; uma d'essas creaturas lançadas no turbilhão do mundo para amarem e serem amadas; um d'esses entes, que nos fazem suspender os passos, para os admirarmos e que depois de passarem, quando o assombro se dissipa, nos obrigam a recordar instantemente, o seu rosto, e a sua belleza.

Fôra o que acontecera a Alvaro de Noronha.

— Como é formosa... que sorriso tão angelico e innocente é o d'esta mulher... murmurara elle.

Ainda se conservava debaixo d'uma suave impressão produzida pela mulher que lhe tinham apresentado,

quando sentiu uma estridula gargalhada, e estas palavras ditas em voz alta:

— Bravo, Alvaro! Fica-te a matar, essa abstracção... já pareces um poeta pensando nas suas composições, ou nas suas imaginarias desventuras... até as damas, já olham para ti, como para um ente raro...

— Ah! és tu, Frederico?... Que tem de extraordinario que olhem para mim?...

— Com certeza, que tem isso, quando se foi apresentado a uma senhora formosa, como é a Luciasinha?...

— Pois tambem a conheces?!... Quaes os particu lares da sua vida?

— Conheço e todos a conhecem... Coincidencia curiosa: Todos aquelles que a vêem ou que ouvem fallar d'ella, desejam logo saber, se é solteira, casada ou viuva; se tem meios de fortuna, qual o seu viver, emfim uma serie de perguntas a que muitas vezes não respondo...

— Mas quem é ella, afinal? perguntou Alvaro impaciente.

— Como te disse, todos ou quasi todos a conhecem. Com respeito ao seu estado, casado não é, porque nunca se lhe conheceu marido certo...

— Certo?!... interrogou Alvaro boquiaberto.

— Certo, sim, porque tem muitos... viuva, não é, pelo mesmo motivo, ou melhor dizendo, tem enviu vado frequentes vezes... e portanto, tambem não é solteira...

— São incomprehensiveis as tuas palavras!

— Não tenho tempo, para te informar melhor. Se pretendes conhecel-a mais intimamente, disse Frede-

rico accentuando a ultima palavra, procura-a, offerece-lhe o teu amor, que ella acceita-o... sobretudo se a presenteares bem, pois Lucia é muito egoista, e não gosta do desinteresse...

E Frederico, afastou-se, rindo, emquanto Alvaro murmurava:

— Sim, procural-a-hei, porque me encantou aquelle seu sorriso ingenuo, sorriso de creança...

*

*   *

São decorridos apenas quinze dias.

A' porta d'um dos cafés frequentados pelo *High-life*, acha-se Frederico, seguindo com o olhar as evoluções caprichosas do fumo do seu charuto.

— Perfido, mil vezes, perfido! disse de subito, uma voz, junto d'elle.

— Alvaro! Mil parabens! disse Frederico, apertando-lhe a mão.

— Felicitas-me por ter já quasi gasta a minha fortuna, obrigado! A tua Lucia, arruinou-me...

— Ninguem te mandou arruinar... mas é adoravel, não é?...

— Deixa-te de zombarias... tu, devias-me ter declarado qual o grau que aquella mulher occupava na sociedade... .

— Que logar occupava então? interrogou Frederico sorrindo-se.

— Era uma *lourette*, uma *cocotte!*

Frederico, não poude conter uma gargalhada e retorquiu:

— Eu expliquei-te... não quizeste comprehender! Alvaro, murmurou, apertando-lhe a mão:

— Sim, elucidaste-me e claramente, mas eu estava louco... enganei-me, julgando-a um anjo... oh! quanto era falso e perfido, aquelle seu sorriso de mulher...

— Lucia é viuva outra vez! exclamou Frederico, em tom falsamente compungido.

XLII

Lucia

Era um domingo, ao pôr do sol.

Ouvia-se o doido chilrear dos passarinhos no arvoredo frondoso e o cantico isolado d'um rouxinol orgulhoso, que ensaiava com flebil voz os modilhos d'uma canção nocturna. O sol deixava n'um ultimo raio tingir de escarlate as folhas das arvores que ensombram o grandioso parque do Campo Grande.

Sentado sobre um banco, contemplava esse immenso globo dourado, do qual se desprendia uma torrente de sorrisos luminosos e interrogava-me :

— O sol é mais lindo quando desponta ou quando está no occaso?...

Era impossivel a resposta, assim como é impossivel saber qual é a mulher mais formosa.

Estava embebido n'esta meditação, quando fui despertado por uma voz feminil, que me dizia :

— Fallo com o auctor do *Sorriso de Mulher?*...

Não percebendo o motivo da pergunta, respondi, como um criminoso surprehendido em flagrante delicto:

— Sim, minha senhora... porém...

Ella, sentando-se sem ceremonia a meu lado, proseguiu:

— Sou a *Lucia!*...

E accentuou zombeteiramente o nome.

Dei um pulo de surpreza.

— Sou a protogonista d'essa sua producção... saiba que foi indiscreto, comtudo desculpo-o, porque quem escreve tem direito de o ser...

— Minha senhora, creia que não tive o intuito...

— Não necessito mais explicações. Como peccadora mereço os titulos que me confere no final do seu conto; arruino, ou melhor dizendo, vós, os homens é que se arruinam, porque não vos arrancamos a bolsa, não vos pomos um punhal deante dos olhos, ordenando que nos deem dinheiro... elles, é que nos procuram, rojando-se-nos aos pés, offerecendo este mundo e o outro em troca dos nossos sorrisos...

E Lucia exaltava-se gradualmente, faiscavam-lhe os bellos olhos negros que expelliam mil faiscas scintillantes.

— Socegue...

Ella, serenando como por encanto, continuou:

— Sim, tem razão; o meu logar n'este meio abjecto, já o sabe, nem era esse o fim que tive, subtrahindo-o á sua suave contemplação...

— Estou ás suas ordens...

O crepusculo descia lentamente, e a rua frondifera onde nos achavamos, adensava ainda mais as indecisões crepusculares.

As fulgurações do sol suavisavam se na luz nascida do entardecer e os ultimos raios esbrazeavam-se n'uma crepitação d'um dourado pallido atravez das ramarias do arvoredo.

A minha interlocutora, travando-me da mão respondeu:

-- Venho pedir-lhe uma rehabilitação!

Ergui-me admirado.

Rehabilitação?!... Que quereria dizer n'isso?... porventura desejaria ella que... Oh! não... seria loucura!...

— Agora digo-lhe eu: socegue! Não venho pedir-lhe que brade alto e bom som, que sou uma mulher sem mácula, que fui calumniada!

Era um erro, uma ironia, que ainda mais me rebaixava, pois aquelles que me conhecem, patenteariam immediatamente o grau que occupo n'esta sociedade de que me horroriso! Apenas quero supplicar me conceda uns momentos de attenção para ouvir uma historia...; sabe que arruinei, não deve ignorar que tambem impeço que se arruinem... Apesar de tudo quanto dizem, algumas de nós, não todas, ainda temos coração, ainda sômos sensiveis ás lagrimas e ao desprezo...

E soluçava...

Silencioso, respeitei aquelle desafogo.

Ella então, abanando a cabeça com tom decidido, o que fez com que os seus cabellos negros me roçassem ao de leve pelo rosto, e espalhando no ambiente um perfume de essencias de heliotropo, proseguiu:

— Tem mais uma coisa a contar: viu chorar uma cortezã!... Vamos, porém, á historia...

E com voz melodiosa, principiou, emquanto o sol desapparecia de todo no azul do horisonte...

— Ha mezes n'um dia bello, apresentavam-me um homem de perto de quarenta annos, e que desde principio, não deixou de me dardejar olhares de cubiça. Não fiz caso d'isso. Semanas depois, annunciava-me a visita do sr. Julio de T... que precisava fallar-me sobre negocios importantes. Mandei-o entrar. Calcule, porém, qual não foi a minha surpreza ao reconhecer o cavalheiro que me tinha sido apresentado. Indiquei-lhe uma cadeira, mas elle, como Lovelace identificado já no amor de mulheres como eu, disse que me adorava e ao mesmo tempo apresentava-me a carteira. Nada sabia da sua vida; cahi-lhe nos braços, cedendo áquelle estimulante.

As visitas eram quotidianas. Davamos frequentes passeios de carruagem, iamos aos theatros, ceavamos no Suisso, no Tavares, no Augusto, que mais direi? Durante alguns dias vivi n'uma perfeita bohemia. Uma manhã, entrou em minha casa pallido, tremulo, colerico. Perguntei qual o motivo d'esse mau humor. Depois de muitas rogativas, disse-me: — Tenho uma filha chamada Flavia, um anjo de candura e innocencia, a quem estremeço e comtudo acabo de ter com ella uma forte questão. — Porque? interroguei:

Porque estou quasi arruinado, acho-me crivado de dividas, e para me salvar preciso que case com um dos meus amigos possuidor d'uma rasoavel fortuna. Minha filha não quer, porque ama um rapaz bonito, elegante, que comprehende todos os seus deveres, mas que tem um defeito: não é rico. Hoje, disse-lhe peremptoriamente que casaria por força com o homem

que eu lhe destinava, e não com outro. Pobre filha! rematou elle soluçando.

Lucia interrompeu-se um instante, olhando me com os seus olhos bellos, scintillantes, profundos, tudo com modo singular e penetrante.

Descera a noite, e a lua, subia na linha do horisonte innundado com a sua pallida e poetica luz.

— Prosiga...

— Comecei pensando: na realidade era eu a causa d'essa torpeza inqualificavel, era a sanguesuga que levava Julio á ruina, e d'ahi á prepotencia de obrigar sua filha a casar com quem não amava! O rubor subiu-me ás faces; a consciencia accusava-me e quiz pelo menos uma vez na minha vida provar que tinha coração. Tomei uma resolução inesperada e quiz leval-a a effeito. No dia seguinte, quando elle veio, interroguei-o disfarçadamente a respeito das pessoas a quem devia e quaes as importancias d'esse debito, elucidando-me elle de tudo, sem desconfiar. No fim da semana, apresentava-lhe todas as contas, pagas pelas minhas economias. Que quer dizer isto? Que loucura! disse Julio. Já não tens dividas, o credor agora sou eu. Entrego-te estes documentos porém com a condição de que Flavia casará com aquelle que elegeu, e que desmancharás esse casamento forçado! respondi. Obtive as promessas de que isso seria cumprido e effectivamente, dois mezes passados realisava-se o consorcio da filha de Julio, e eu entregava-lhe os papeis. Hoje, elle não é para mim senão um pae. Somos amigos, *mais nada.*

E accentuou as ultimas palavras.

E apoz uma pequena pausa:

— Vê? Tambem tenho alma... não quiz que um anjo padecesse pelos meus desvarios... teria feito uma loucura, como o pae de Flavia disse? Deixal-o... sinto-me recompensada só com a lembrança de que fiz venturosos dois entes que se adoravam!

Terminando estas phrases, ergueu-se.

— E' uma santa, minha senhora! retorqui sinceramente commovido.

— Não, disse ella, parodiando as palavras do meu conto, *sou uma lourette, uma cocotte!*

Um trem se aproximou.

— Ah! murmurou Lucia, eis a carruagem!...

Depois, pondo o pé no estribo e estendendo-me a mão, accrescenta:

— Adeus! Não lhe offereço um logar por causa das conveniencias. Espero que não recusará rehabilitar-me publicando esta minha narrativa. Dei-lhe os nomes ver dadeiros dos personagens, porém não os ponha; arranje-lhes um *pseudonymo*. Agora, quando nos encontrar-mos não se desdigne de me fallar...

Sentou-se, o trem poz-se em movimento, mas com tudo ainda fez uma ultima recommendação:

— Quero o meu nome como titulo, sim? Mas não diga que estou *viuva!*

E deu uma pequena risada.

Como resposta cumprimentei-a, pensando:

— Em tudo ha excepções: até os mais criminosos teem momentos, nos quaes se se offerecer occasião de commetterem uma acção meritoria, levam-na a effeito com prazer!

E fiz-me transportar para Lisboa, com o espirito occupado pela historia contada por Lucia.

XLIII

A Predilecta

Que de carinhos, de meiguices todos lhe dispensavam... Era lindo vel-a correr, muito branca, buliçosa, por esses campos verdejantes, escondendo-se aqui, surgindo acolá, sempre alegre, sem enfados, deixando que as creanças a affagassem, beijando-a, amimando-a...

Os seus olhos vivos, scintillando, pareciam despedir chammas quando via um gatinho... corria apoz elle, que fugia temeroso, receando a intoleravel perseguição...

Era um demonio, a cadellinha...

Um dia, um d'esses dias rosados pelo matiz colorido do sol, sempre novo, sempre bello, ella não appareceu.

Que lhe teria acontecido? Fugir?... Não... não era capaz de abandonar aquella poetica vivenda, em que desde pequena, muito pequena, brincava.

Procurou-se... nada! A inquietação era geral.

Todos a estimavam tanto...

Prescrutou-se os mais reconditos cantos da habitação, e a cadellinha não apparecia. Por toda a parte echoavam os gritos de:

— *Predilecta! Predilecta!*

Desceu-se ao vasto parque: mal tinham dado alguns passos, ouviu-se uns latidos dolorosos... álem estava a *Predilecta*, estendida no solo, ensanguentada...

Os donos, deram um grito de colera e os seus olhares percorreram o grupo silencioso dos creados. Em nenhum se demonstrava qualquer signal de culpabilidade.

Porém, de repente, a cadellinha, n'um momento de energia, ergueu-se, deu meia duzia de passos tropegos, cambaleantes, rangeu os dentes e n'um grunhido incomprehensivel, olhando a filha mais velha do proprietario da formosa *Primavera*, a loura Margarida, lançou-lhe aos pés um pedaço de fazenda.

Ella, a filha querida e obediente, impallideceu... Todos se baixaram... era um fragmento violentamente arrancado a uma calça de homem!...

Estava descoberta a verdade fatal, o ferimento da *Predilecta*...

Os pobres paes curvaram a cabeça, e os servos fizeram o mesmo, ante a esmagadora prova!

A deshonra... a alegria que fugira e logo afugentada por aquella que parecia pura, tão cheia de virtude!

A cadellinha, deu novo uivo, volveu os olhos repassados de tristeza, para os que a rodeavam e morreu, cravando as unhas n'aquelle farrapo informe, que apre-

sentou ainda como se lançára d'essa fórma, um eterno anathema aquella que olvidára os seus deveres...

No formoso palacete jámais houve felicidade; as portas fecharam-se a quaesquer ruidos exteriores.

Margarida expirou mezes depois...

As aldeãs, sempre credulas, sempre supersticiosas, que não ignoram o fatal acontecimento, murmuram, a medo, em ciciar subtil, em confidencial segredo quando as interrogam sobre essas scenas:

— Pudera não... a *Predilecta* da vivenda *Primavera*, levára-a atravessada...

XLIV

O Collar da Princeza

Regorgita de espectadores a sala, sussurrante na perspectiva de noite de plena festa, *distinguée* no ceremonioso da casaca e da toilette de gala das damas, do peitilho lustroso, das rendas de preço, do chrysanthemo petulante.

Os *habitués*, os que não faltam ás recitas primitivas, assestavam os monoculos no tom irritante do dandynismo moderno.

A hora de subir o panno approximava-se.

Sente-se de momento a momento o ruido confuso dos passos dos que entram.

O visconde X o conhecido traductor de folhetins, o avido descobridor dos segredos da *mundainerie* aperta o braço do seu collega nos trabalhos litterarios e murmura-lhe ao ouvido:

— A princeza...

— ?!...

— Sim, meu caro, a princeza, a princeza russa...

— Ah! Pois ainda existem princezas russas que em rigoroso incognito, venham assistir a espectaculos de theatros portuguezes? Sem réclames, sem o notavel d'uma noticia sensacional?

— Sim! Bem o vês. E, podes crêr é uma mulher phantastica, terrivel mesmo...

E de subito:

— Lá estão... devem ser aquelles...

— Aquelles quê?!...

— Os brilhantes... os brilhantes...

— Explica-te.

— Logo dir-te-hei essa historia...

— Pois tem uma historia?

— Sim, como todas as cousas...

E ella, branca e alourada, sorridente e feliz, parecia desafiar altiva e soberana, os olhares avidos que se cravavam no seu rosto, nos seus olhos, nas suas tranças loiras, muito loiras...

*

*   *

Terminára o primeiro acto com os applausos dos leões da arte.

No *foyer* o visconde inicia a sua historia, com a pose soberba propria d'um folhetinista cioso dos seus creditos.

— E' como te digo, meu caro, conheci-a em Paris, a grande cidade onde se albergam pobres e ricos, a cidade por excellencia, das princezas...

— ... *A' vol d'oiseau,* não?

— Talvez...

E mudando de tom:

— Fazia do *boulevard* dos Italianos o seu passeio predilecto, abandonando o distincto do Bosque de Bolonha. Sentia-me attrahido para ella, como o aço se sente attrahido pelo iman... arrastava-me uma corrente fatal para essa mulher loura como o sol, branca como a neve e quiçá como ella, fria, gelida... Deixei-me prender pelo encanto sublime dimanado dos seus olhos e uma noite, noite de loucura e talvez de embriaguez, entrei na opera onde sabia estava e dissimulando sob o proposito d'um desempenhar de dever jornalistico, d'um desejo de saber, de noticiar os grandes factos do dia, o de querer vel-a, tel-a junto de mim, apresentei-me no camarote...

— Por Deus que foi passo de estroina emerito...

— Ou de um homem de juizo perdido. A recepção foi amavel. Animado, suggestionado pelos olhares d'ella, dei-lhe o desmentido do meu pensar. Disse-lhe tudo emfim...

— E a resposta?

— Eil-a: — Creia, senhor, o meu amor é difficil de alcançar... a minha posse terrivel, horroroso de saldar. Tenho caprichos diabolicos, que parecem inspirados pelo proprio diabo...

— Não exitas-te comtudo...

— Não e por dias tornei-me *l'homme du jour*, tendo como minha amante essa mulher seductora. Passado porém um mez certo, ella declarou-se saciada, aborrecida.

— Oh!

— Disse-me então: — Quero agora o saldo de con-

tas de que te preveni n'aquella noite da Opera. Mostrou-me então esse satanico collar que logo admirarás...

— Bem o vi ha pouco. Satanico collar, dizes? Lindo, de enorme valor....

— D'um valor desconhecido, incommensuravel. Eis agora as suas phrazes textuaes: — São muitos aquelles a quem tenho concedido o pousar dos labios nos meus labios. Todos esse cooperam para o augmento d'este collar, d'um annel ou d'uns brincos, com dois negros brilhantes, duas saphiras ou duas esmeraldas. Chegou a tua vez... necessito de brilhantes negros...

— Julguei outra coisa... apesar de ser difficil conseguir-se brilhantes assim, estavas no caso de os poder apresentar bellos, explendorosos...

— Ai meu amigo... tinha-os eu mesmo, mas não os dava pela mais linda mulher do mundo, por todo o ouro, por todos os prazeres...

— Extraordinario!

— Nem tanto. Essas pedras — se pedras se lhe podiam chamar — deviam ser conseguidas pelos seus negros, á força...

— Curioso... para dar o original aspecto d'um roubo...

— Nada. Vaes saber já. Salvei-me, comprando um dos servos para os fazer apresentar de qualquer fórma e partindo para Stockolmo, onde respirei emfim do susto...

— Não comprehendo cousa alguma...

— Vaes comprehender, na sala para onde somos chamados...

*

* *

Ella, a encantadora loira, lá estava, sempe indifferente, sempre altiva...

— Repara no collar...

— E' precioso. Sabes em que logar estarão os teus brilhantes?...

— Felizmente não o são...

— Maganão... falsos...

— Falsos da forma terrivel que ella os queria...

— Mas... então os brilhantes d'aquelle collar...

— São simplesmente, meu amigo, dentro d'um globosito de chrystal, os olhos dos amantes da princeza!...

XLV

Promessas d'um Beijo

Foi n'uma noite primaveril, voluptuosa. No céu, as estrellas brilhavam com dulcida claridade, resplandecendo aqui e alli como pontos de luz incerta, porém maviosa. A lua ostentava-se como um sol de prata no anil sem macula do firmamento, espalhando os seus raios niveos, envolvendo os objectos e argenteando-os com as suas prateadas franjas.

Sentado á minha humilde mesa de trabalho, coberta de papeis, em que as linhas se accumulavam uma a uma, formando interminavel serie de caracteres que eram pensamentos do meu cerebro ardente, pensava n'ella. Que faria n'esse instante, lembrar-se-hia egualmente de mim?... Como eu seria ditoso se pudesse conseguir que o amor brotasse no seu coração... Embora os olhares, as palavras deixem perceber uma esperança vaga, não ousarei caminhar sem a luz da Certeza para esse mysterioso abysmo que se chama a Mulher e bradar aos seus eccos abruptamente:

— Amo-te! Queres ser minha? Vem...

Um adejar subtil se fez ouvir e uma cousa que me enebriou veiu pousar nos meus labios...

Será um d'esses insectos nocturnos que nos apoquentam nas horas do repouso?...

Não...

Torna-se impossivel definir o que é.

Como as aves, dá doces trinados repassados de ternura e magia... como os pequenos mosquitos, vôa rapido com ruidos imperceptiveis... como as flôres, tem mil rescendentes perfumes.

— Quem és tu?

A resposta não se fez esperar:

— Louco, ingenuo, que me não conheces... eu sou... o Beijo.

— !..

— Significo, entre outros affectos, o amor e o respeito. O primeiro quando vou pousar n'uns labios virginaes, frescos, em que me appoio com frequencia, chilreando a medo, como a avesinha da paixão que symboliso, o segundo, quando me deixo cahir sobre a fronte ou mão, em que apenas ouso tocar. Procuro os namorados para lhes fazer escutar os meus gorgeios, doidejante sempre, obrigando-os a prestar culto ao Deus Amor, de quem sou subdito fiel; possuo variados aromas, que ás vezes se metamorphoseam em febricitantes e ardentes, n'uma combinação de essencias suaves e mortiferas...

A lua continuava limpida e deslumbrante, e a viração soprava com doçura.

A cidade estava tranquillamente adormecida, não se ouvindo o minimo rumor.

— Tu amas... custa-te a acreditar como o sei... um *Beijo* nada ignora, é a primeira confidencia d'uma paixão, e é o que vou forçar-te a fazer áquella que adoras... Antes, porém, queres ouvir a minha historia?...

— Como ella deve ser interessante...

— Pois escuta e aprende.

E emquanto a brisa rumorejava os seus nocturnos arpejos, elle principiou, n'uma especie de murmurio:

— Sou muito novo. Nasci uma noite nos labios d'uma linda e formosa dama, que muito contente, com o olhar velado pelos raios de intensa affeição e o rosto ruborisado, me depositou, entre promessas apaixonadas, nos d'um mancebo que era o seu enlevo. Eu era feliz. Conheci felicidades que jámais sonhara. Entreabri as azas e volitei d'um para o outro n'um voejar estonteador, embriagante, até que no final o moço sahiu, deixando-me na bocca mimosa em que surgira. Durante muito tempo a scena repetiu-se; um dia porém, elle desappareceu, arrebatando-me de junto d'aquella que me dera o ser, a qual definhou e amorteceu de tal modo que lhe fugiu o carmim das faces, os gracis sorrisos, o palrar constante... Começou para mim uma vida desregrada. O meu possuidor malbaratava a minha alegria e juventude com varias deusas mundanas. Perdi tambem a côr, e estive em risco de morrer pela minha fraca constituição. Então fugi, acompanhado dos meus irmãos, abandonando-o no leito da dôr. Um, o mais novo, nascente apenas, era o que repousava respeitoso na fronte e voava sem deixar vestigios; outro, o que ia oscular a mão, como signal de servitude, ou como agradecimento de namorado,

demorava-se então mais; o terceiro, que se deixava cahir, por vezes inesperadamente, n'umas faces setinosas, que se cobriam de casto rubor ao sentir-lhe a pressão. O peior de todos sou eu, que só nos labios exerço a minha acção voluptuosa e divina. Corremos mundo. Vimos os *Desejos*, que depois de saciados nos desprezavam e fugiam como pequeninas nuvens brancas O *Falso Amor*, do qual nos faziamos cumplices, pois mostravamos o mesmo ardor e impetuosidade do verdadeiro. Nos apaixonados arrobos, chilreando, acompanhavamos aquelles que nos queriam. Perfidos como poucos, desempenhavamos ás vezes por conta propria o papel de *Seductores*, roubando os nossos eguaes que despontavam nas boccas graciosas das donzellas, das viuvas e mesmo das casadas. Os d'estas ultimas, iamos vendel-os como contrabando aos amantes que nos pagavam largamente, trocando-os por outros. A ti, porém, que não sabias quem eu era, não te pódem interessar estas narrativas, o meu prestimo, e portanto termino-as. Agora, vamos, quero ouvir a descripção d'esse fogo que te consome...

Tres horas da madrugada soavam ao longe, muito ao longe...

Eu principiei:

— Uma noite a felicidade apresentou-se-me expargindo sorrisos como os do Sol, nos dias mais formosos de abril, e com voz que poderia comparar ao rumor da brisa perpassando por entre os louros campos de trigo, disse, indicando-me um ente divinamente bello, de brilhante olhar, com o corpo coberto por um manto que o envolvia nas suas dobras de puro arminho: — «Eis a mais adoravel e amante mulher. Vel-a, é ver

o céu azul da primavera, recamado de pequeninos diamantes; admiral-a, é admirar os verdejantes prados, os floridos jardins, juncados de flôres explendidas; fallar-lhe, é fallar ás auras, que respondem com ternas canções, ás avesinhas que dão como resposta os gorgeios, os canticos singulares que a sua poetica e devaneadora imaginação lhe faz conceber; ouvil-a, é ouvir um côro d'anjos; reter-lhe a mão é sentir um calor vital, enervante, mysterioso. Osculal-a, apertal-a nos braços, sentindo o fremito do seu corpo, os seus beijos ardentes, são venturas indifiniveis. Esta mulher pertencer-te-ha se consentires em ser reduzido á escravidão.» — Acceito! disse. Fiquei junto da seductora sylphide. Parecia uma ondina, sahida dos lagos das lendas; julguei até ver-lhe os negros cabellos cobertos de algas... Escutava o marulhar das ondas, o seu bater de encontro ás rochas; os gritos das gaivotas, os cantos dos barqueiros, e as pás dos remos fendendo as aguas. Amei-a, e nos seus olhos li que tarde ou cedo me pertenceria. Chiméra. Decorreram mezes e nada conseguira. Muitas nuvens, nos separavam por vezes; porém ao cabo de dias, dissipavam-se. Ha poucas horas julguei ver raiar uma bella aurora de felicidades. Vejo nos seus percursores clarões o resplandescer d'um venturoso dia...

— Em que te baseias?...

— Apenas em vagas palavras...

— E' simples visão. Amas essa mulher, não amas? Respondi affirmativamente.

— Pois bem; eu, entendes, é que vou operar a reunião da tua alma á d'ella.

— De que fórma?

— A mais simples: leva-me comtigo. Quando lhe fallares procurarei surprehender-lhe os intentos. Depois... como insecto irei ao ouvido murmurar fervorosas phrases de amor... e como flôr, mostrar-lhe-hei inebriantes aromas que aspirará; irei sondar as palpitações do seu seio alvinitente. Em seguida, n'um momento dado, lançarei vôo da tua bocca até aos cabellos d'ella e d'ahi... descerei aos labios! A resistencia é inutil! O meu encanto é tanto... Porém parece-me que receias o artificio...

— Ainda se te desprendesse dos d'ella...

— Calla-te, louco, não queiras inverter papeis. Deixa. Saberei fazer com que no instante propicio, ganhes coragem e affrontes a timidez impropria do teu sexo...

Um sussurro subtil... um adejar ligeiro... depois mais nada.

Desapparecêra.

O dia principiou raiando. Um rouxinol, além, começava as suas saudações ao portentoso astro que se não faria esperar.

Tremo. Que resultará se tal acontecer? Despresar-me-ha?

Affastará de mim com despreso os olhos, ou abandonará o semblante formoso, á brisa benefica dos osculos?

Mysterio!

Ao menos ficará sabendo que arrostei com todos os obstaculos para ser um momento feliz!

E a ecco trazia nas suas longinquas repercussões, as seguintes animadas phrases:

— Não receies... será tua! Crê nas promessas d'um *Beijo!*

XLVI

Manhã de Nevoa

Ella estava formosissima. Um elegante penteador de cambraia branca lhe ondulava dos hombros aos pés, formando graciosas curvas. O seu rosto pallido, sobresahia entre as fluctuações da negra, sedosa e comprida trança de cabellos que a envolvia como n'um véu.

— Meu anjo, dizia-lhe o marido, não achas que não existe cousa alguma mais seductora, mais cheia de magia, n'este mundo em que volitamos, de que a felicidade e união dos casados, que se adoram com o fogo d'um amor verdadeiro?

— Oh sim!

Porém que suave expressão tinha aquella simples affirmativa. Compunha uma musica harmoniosa, como o trilo das philomelas no arvoredo frondoso do mais formoso campo; deixava entrever n'esse viver conjugal, um céu azul, primaveril, sem nuvens que encubram a sua pureza n'essa quadra risonha...; mostrava uma existencia feliz e radiante.

13

Elle retinha entre as suas, a mão da esposa, pequenina, mimosa, setinea da alvura diaphanamente bella da perola, com os dedos finos, compridos, e as unhas rosadas e lindas, como as delicadas conchinhas de que se fazem flôres.

— Parece-me que choravas...

E effectivamente, nos olhos do seu anjo, como o marido lhe chamava, brilhavam umas lagrimasinhas fugazes, que davam ás suas faces pallidas, o encanto que dá a tenue gotta de rocio á fresca rosa.

Ferira-a a aza negra da tormenta? Sentia o seu coração golpeado pelo punhal do ciume, ou desfizera-se lhe algum sonho luminoso?

Não.

Fôra apenas um desejo vehemente que surgira, a origem d'aquellas gottas de orvalho que lhe refrescavam as faces...

— Não te enganas. E' tão abandonado na tua ausencia este gracioso Paraiso... Idealisava um valle ameno, á beira do rio, cercado de todos os esplendores da natureza, vivendo só para o nosso amor, só para ti! Via correndo por floridos prados, um entesinho que nos pertencia, senão pelo sangue, pelo coração... e elle, adorava-nos, sorria-nos de longe, dizendo adeus, por entre as arvores, arrancando irrequieto as flôres que se lhe deparavam! Que vida tão grata! Que felicidade tão intensa! Era ao contemplar esse quadro, que chorava, mas de alegria...

O esposo, enternecido, beijou repetidas vezes a mãosinha que se lhe abandonava.

O relogio, seguindo n'um rumor compassado, continuava marcando n'um tom alegre, os segundos, os mi-

nutos, ao som da chuva, que batia de encontro aos vidros.

O dia estava nevoento, escurissimo. Pardacentas nuvens se condensavam na atmosphera, e o ambiente achava-se pesado.

— Eras então feliz assim... era esse o teu sonho? perguntou elle, mordicando-lhe ao de leve a orelha.

Um raio fuzilou no espaço, illuminando tudo na sua passagem.

— Meu Deus, tenho medo! exclamou a joven esposa, abandonando-se tremula de receio nos braços do marido estremecido.

No momento porém em que o trovão deixava ouvir o seu ribombo formidavel, um toque modesto na porta os advertiu que alguem os procurava.

Elle ergueu-se e foi abrir, apresentando-se no limiar uma creança loura, rosada, n'essa edade em que o destino adverso as arremessa á mendicidade, muitas vezes pela morte d'aquelles que representavam a arvore, a que esses debeis arbustos se encostam.

Tremia o pobresinho, e ao encarar novo relampago, não poude resistir ao temor, e correndo ao encontro da joven, lançou-se-lhe aos pés, bradando:

— Oh mamãsinha, até que te vejo... salva-me! Tenho tanto medo!

A atemorisada senhora, tomou o infeliz nos braços e beijou-o, mas elle, affastando-se, murmurou com tristeza:

— Oh, perdoe-me! esquecia-me que minha mãe está lá em cima, junto de Deus, que ella amava muito e a quem dirigia orações, que me ensinou tambem... Era assim, como a senhora, tão bonita, com um olhar que

encantava... e a sua voz parece-me ainda que a ouço...

— Então perdeste tua mãe?... Quem era?...

— Sim, disseram-me que fugira para outras regiões. Uma nuvem veiu buscal-a e levou-a nas suas dobras, muito branca. com as mãosinhas postas e ainda sorrindo-se! n'esse tempo era eu feliz; tinha fatos muito ricos, jardim para correr, carruagem... desde que ella partiu, tudo mudou. Um dia chegaram uns homens e fizeram-me affastar das flôres que tanto amava, e agora tenho fome, frio, passo as noites nas ruas ..

— E teu pae?

— Meu pae... era tão bom... tinha uma farda com galões de ouro, dragonas e uma espada, mais alta do que eu... Tambem fugiu: uma manhã trouxeram uma carta á minha mãe, e ella depois de a lêr, abraçou-me e disse estas palavras, de que me não posso esquecer: —já não tens pae... os pretos mataram-n'o! E eu gostava tanto d'elle!...

— Pobre creança! exclamaram os dois esposos, com os olhos orvalhados de lagrimas.

Em seguida, as suas cabeças uniram-se, estreitando n'esse amplexo a cabeça do orphão, e ambos balbuciaram enternecidos:

— Não chores mais.. és nosso filho, queres?...

E ao longe, ouviam-se os ultimos trovões, acompanhando o ruido da chuva que caía monotonamente...

....

O dia amanhecera sereno, e a tarde era de anil. O sol, brilhando com suave esplendor, derramava quasi a prumo, por entre os troncos e folhagem do florescente jardim, uma chuva de raios luminosos, que inci-

dindo brandamente, iam dourar as flôres que alindavam as verdejantes hastes. A brisa descuidosa, meiga, cheia de voluptuosidade, beijava-as com meiguice ; os pintasilgos faziam ouvir os seus trinados, e as borboletas multicolores adejavam com infinito encanto.

As arvores deixavam-se embalar docemente, em quanto além um riacho ciciava uma canção que só as aguas conhecem...

Duas creanças, ambas formosas, corriam doidejantes atraz d'uma borboleta, que adejava com as azas entre-abertas...

— Albano, não corras... toma cuidado no Gastão ! dizia uma senhora, passeando pela vasta alameda, e olhando o esposo, que passando-lhe docemente o braço em redor da cintura, lhe dizia, a oscular-lhe os cabellos que ondeavam ao vento :

— Eis completo o quadro que idealisavas, porém augmentado, aformoseado como deve ser...

Das duas creanças, a mais nova era uma planta ridente que brotara do amor sincero que trouxera a felicidade áquelle par ditoso, invejavel... a outra, a que vigiava a primeira com carinho e gratidão, era o infeliz que elles amavam e tratavam como filho... era o pequenino orphão que fugia á tempestade d'aquella manhã de nevoa!...

XLVII

O Final d'uma Aventura

Estavamos ceando no Leão, de regresso do *Cyrano de Bergerac*, sobre o qual as opiniões se cruzavam, divergindo sempre.

— Meus srs., disse de subito, um dos nossos companheiros, F. S., interrompendo a discussão, vou participar-lhes uma cousa que muito os ha de surprehender...

— !

Elle, pegando n'um copo, murmurou com ar melodramatico, ao mesmo tempo que fingia examinar o liquido :

— Estou apaixonado !

Unisona gargalhada estrondeou.

— Conta ! Conta ! bradei.

F. S. sem se estimular nem desconcertar, com a impressão produzida pelas suas palavras, proseguiu :

— Digo-lhes a verdade. Vi uma senhora formosa,

olhei-a, correspondeu-me, e seguindo-a, vi na minha frente a casa onde aquelle anjo residia. Indaguei o seu nome, disseram-m'o, e o effeito da sua formosura não se fez esperar. Amo-a! Hontem, vendo-a á janella, offereci-lhe a primeira carta...

— E ella acceitou-a?!...

— Sem reluctancia.

— Que desfecho tão *lyrico!* disse, desapontado. Antes queria que t'a recusasse, e que tu, levado pelo desespero, te quizesses suicidar!

— Espera. Estamos no principio, o final da aventura deve effectuar-se hoje, e para entreter o tempo que tenho de esperar, vou lêr-lhes a correspondencia trocada entre nós. Começo pela missiva que eu lhe enviei.

E tirando-a da carteira, leu:

«Carmen»

Como sei o seu nome, essas seis lettras que exprimem uma melodia digna de ser entoada por anjos? Quem sabe se foi a brisa que veiu suspirando com doçura, murmural-o ao ouvido, ao mesmo tempo que arremessava ao mar procelloso do meu coração, o germen do amor, esse luzeiro que se desenvolve gradualmente, attingindo mais tarde o calor e a vitalidade de immensa chamma, que, ou nos acalenta ou nos faz curvar sob o jugo d'um desengano cruel? Se assim é, eu lh'o agradeço... mas não, não... é cedo! Ainda lhe não confessei que ardentemente a amo, *qué yo la quiero, qué yo là deseo, que el amor me abrasa,* e que a causa d'elle é o lindo reverbero do seu olhar captivante, a sua formosura, os seus sorrisos gracis que

encantam e deliciam. Calcará aos pés um fervoroso adorador que desejaria cercal-a de florida e diamantina aureola, ou lograrei a felicidade de ser perdoado com um *sim* suave, desprendido dos mimosos labios?

— Ah! Ah! Ah! interrompeu J. B., rindo estrepitosamente, antes a tua prosa, que a interminavel declaração d'amor do Cyrano á bella e ingenua Roxane!

Elle proseguiu:

— Como ainda não possuo resposta, não devo agradecer ás auras o fazerem surgir um amor que talvez tenha de desapparecer na frialdade do Silencio. Responder-me-ha? Beijo-lhe respeitosamente as mãos, e termino depondo a seus pés o meu pequeno e modesto titulo. De...»

— Agora, a d'ella... pedimos em côro.

— Eil-a.

Debruçámos-nos avidamente sobre uma pequenina missiva. A lettra tremida, miudinha, mostrava á evidencia ser feminina e escripta por mão leve, a quem a penna não pesava, antes parecia voar sobre o papel.

O *apaixonado* leu, no meio de sepulchral silencio:

«Senhor

«O amor que confessa sentir por mim, eu o acceito, pois nutro egual affecto. Esse sublime sentimento que eu não conhecia, appareceu-me finalmente sob a mais encantadora fórma, e a minha alma, vergando ao pezo de tão sorridente felicidade, apenas me concede o prazer de lhe dar o *sim* desejado e dizer serei... quero que me offereça o seu titulo esta noite ás 3 horas da madrugada. Carmen, que o adora.»

— Bravo! É estylo de cocotte, mas não importa... Vamos, homem feliz, caminha, corre a depôr aos pés d'essa *fragil* dama, que logo á primeira carta te marca entrevista, o nome brilhante que herdaste de teu pae... Vae...

E na rua, uma voz continuou como que animando-o:

... te embora Antonio,
vae-te embora, vae...
Ai... Ai...

....

Na noite seguinte, reuniamos-nos no mesmo sitio, esperando o venturoso.

A's 9 horas chegava elle.

— Que é isso? exclamamos admirados.

O infeliz vinha de braço ao peito e com o rosto coberto de arranhaduras.

— Meus amigos. O marido surprehendeu-me. Quiz luctar; tudo inutil. A mulher, querendo passar por innocente, e mostrar que era muito virtuosa, e eu, um seductor infame, lançou-se a mim como uma gata, e proveilhe as unhas. Não quiz gritar, temendo o escandalo.

Um criado, entrando, interrompeu a conversa.

— Uma carta.

Era para *elle*. Rasgado o enveloppe, e depois de ter percorrido com os olhos o papel, ouvimos esta exclamação:

— Ainda escarnece!

— Que é?...

— Envia-me a conta da modista! Mas o nome não é o mesmo... é o d'uma *lorette* conhecida! Ah, a perfida, que zombou de mim!

Nós riamos com estrepito...

E F. S., ainda impressionado, exclamava:

— Tragi-comedia, real!

— Que tencionas fazer?

— Recompensar essa Lola, pela sua engraçada *peça*, enviando-lhe o dinheiro que me pede!

Mas, como se fôra invocação, *ella* entrou n'esse momento, e nós (parece-me ainda um sonho) vimol-a, a nosso lado, bebendo e rindo alegremente, fazendo d'ahi a pouco esquecer a F. S. os lances que lhe fizera soffrer, lançando-se-lhe nos braços.

Eis o final d'uma aventura moderna...

XLVIII

A Ramelheteira

Fôra por uma noite de julho. O calor era asfixiante. Eu e o meu amigo Julio de Castilho, sentados a uma mesa do *Martinho*, dissertavamos sobre varios assumptos.

— Repito, Julio, não ha prazer sem dissabor, não apparece felicidade, que logo espessa e negra nuvem a não cubra...

As minhas palavras foram interrompidas por uma joven alta, de bellos olhos azues, muito clara, que, com um cestinho de flôres, se acercou do meu companheiro e lhe perguntou graciosamente:

— Sr. Julio, quer um ramelhete?...

— Sim, quero... dá-me o que tem essa rosa, tão parecida comtigo...

A ramelheteira, sorrindo-se, entregou ao meu amigo, o raminho, em que predominavam os amores perfeitos e jasmins.

Depois, elle, apresentou-lhe uma moeda de nikel que ella recusou.

— Obrigado, Etelvina! disse Julio estendendo-lhe a mão.

Ella, apertando-lh'a, retorquiu:

— Nada tem que me agradecer, sr. Julio... bem sabe que as flôres não lh'as vendo, offereço-lh'as como lembrança... agora retiro-me, pois receio incommodal-o...

— Adeus, Etelvina... e novamente te agradeço...

Ella, depois de nos cumprimentar, affastou-se sobraçando o seu cabazinho...

Eu, que a tinha estado examinando durante este curto dialogo, exclamei:

— Magnifico!

— A mulher que acabas de vêr, meu amigo, fica sabendo que é heroina d'um romance...

— Olá! disse curiosamente.

— Sim, mas d'esses romances acontecidos na vida real, d'esses que a cada passo se encontram e não d'esses romances ficticios, que a maior parte do que encerram são falsidades!

— Conta-m'o...

— Pretendes talvez escrevel-o e publical-o... faze o que quizeres, ella não se importa... como unica condição, só te peço que supprimas o nome ou que o desfigures...

Descança, assim o farei...

Julio principiou:

— Vivi perto de tres annos no Alemtejo. Foi lá que conheci Etelvina C... Intima amiga de minha familia, a mãe d'ella visitava-nos frequentemente e eu, por um d'esses effeitos da convivencia tornara-me para com Etelvina, mais nova oito annos do que eu, como

um pae. Ha cinco annos a mãe da que hoje é uma simples ramelheteira. pediu-me um momento de attenção e supplicou tentasse affastar sua filha de junto d'um morgado, rico herdeiro alemtejano. Depois de prometter que faria o que estivesse ao meu alcance fui procurar Etelvina e tentei fazer com que me explicasse quaes os laços que poderiam unil-a ao abastado lavrador. Ella, então. com as lagrimas nos olhos. confessou-me que desde algum tempo que lhe pertencia. embora illegitimamente. Chegara tarde. Procurei o morgado e fazendo-lhe ver a inconveniencia do seu proceder. pedi acceitasse a mão d'aquella que ousara profanar. Por felicidade. elle era homem brioso e, passados mezes. Etelvina era sua esposa. Breve. porém. chegou para ella o desengano. Etelvina farta de viver com o esposo, que não amava, abandonou-o por um fidalgo, que a trouxe para Lisboa e que depois, saciado, a desprezou por seu turno. O morgado não quiz intentar acção alguma contra ella. mas represando no coração, a ira e amor que sentia, obteve em resultado morrer murmurando o nome da mulher que o abandonára: Etelvina...

— Parecia um anjo e é um demonio...

— Tem pago o seu tributo. tem soffrido... Antes de ser ramelheteira passou lances tremendos... até teve fome, a infeliz...

— Infeliz. sim... mas sel-o-hia se o seu procedimento fosse correcto?... interroguei.

— Não penses que a desculpo. mas se todas as mulheres que dão tal passo, adivinhassem o que as esperam, a infelicidade e o anathema que depois as acompanham, como aconteceu a Etelvina. nunca o faria...

— Adeus, Julio, e que a historia de Etelvina, sirva de exemplo a quem a lêr.

E apertando-lhe a mão sahi.

*

Decorrido um mez encontrava-me de novo com elle.

— Sabes, meu amigo, Etelvina acaba de desapparecer d'este mundo, para ir dar contas a Deus do seu procedimento. Morreu completamente arrependida, e legando-te ainda um dos seus ramelhetes...

Uma lagrima me assomou aos olhos, e murmurei:

— Infeliz ramelheteira!

XLIX

Historia d'uma Mulher

O ultimo numero da segunda parte acabára de findar.

Os espectadores sahiam em grupos pelas largas portas. Uns, conversando; outros, contemplando o fumo de seus charutos; aquelles, seguindo as damas com conquistadores e lubricos olhares; estes, criticando os trabalhos d'uma ou outra artista. Ouvia-se um ruido confuso produzido pela multidão.

Eu e o meu amigo Carlos da Fonseca, encaminhamos-nos para o *Café Restaurant*, observando os differentes personagens que se nos iam apresentando á vista.

Por todos os lados não se viam senão mezas, e junto d'ellas varios grupos tomando refrescos.

Os criados corriam d'um para outro lado, satisfazendo o pedido d'um freguez, ou indo pressurosos receber as primeiras ordens, e mesmo curvando-se servilmente perante uma pequena gorgeta. A custo se podia transitar.

Estava contemplando estas differentes scenas, quando Carlos, apertando-me o braço, disse:

— Olha! Vês aquella mulher, de vestido *grenat*, e chapéu de altas plumas, que está sentada á mesa da esquerda, só, tomando cerveja?

— Vejo. E d'ahi, que tem isso de extraordinario?

— E' uma das que trabalham aqui. E' a equilibrista.

— Mas tudo isso é tão natural...

— E', mas tens, com uma parte da sua vida, assumpto para um dos teus escriptos...

— Bem. Vamos então a ouvir...

Encaminhamo-nos para uma mesa devoluto, junto da occupada por *ella*, e ahi, emquanto eu a olhava curiosamente, o meu amigo principiou:

— Desde muito nova, que a mulher que occupa aquella mesa, sentia uma alegria extrema, ao vêr os difficeis trabalhos dos gymnastas, e ao regressar a casa, tentava imital-os. A creança fez-se mulher, mas nunca a abandonaram os seus primeiros pensamentos. Os paes estimavam-a deveras, e a reiterados pedidos, era rara a noite em que ella se não via nos colyseus. Era esse o seu maior prazer, o unico divertimento a que assistia de boa vontade. Uma manhã, apesar de contar já dezoito annos, a mãe foi encontral-a balouçando-se sobre uma corda, e tentando executar alguns trabalhos de trapezio. A creancice foi relatada a varias pessoas de familia, mas em vez de se envergonhar, ella ainda contou que já se sustentava de pé sobre a corda e sem amparo de especie alguma. Ninguem quiz ver n'aquillo uma vocação, mas sim uns principios de loucura. Os paes, desgostosos, e atten-

dendo a diversos conselhos, tentavam cortar o mal, affastando-a dos circos. Nada conseguiram. Os seus exercicios caseiros continuavam, e uma noite ella abandonou o lar paterno, indo para os braços d'um dos homens que executavam os seus trabalhos predilectos, e que a levou para o estrangeiro. Por lá se demorou alguns annos. Um dia, os nossos jornaes annunciaram a estreia d'uma equilibrista no arame. Fui ver. Calcula qual não foi o meu espanto, ao conhecer que era a mulher que, com o seu desapparecimento, tantos pesares havia feito soffrer aos seus... O homem que a raptara, deu-lhe em Paris a mão de esposo, e teem vivido magnificamente... d'aqui a pouco vel-a has trabalhar...

Eu encarei aquella mulher, e um sinistro presentimento me passou pelo espirito...

Ouviu-se o tinir vibrante da campainha, indicando que o intervallo findára.

Fomos tomar os nossos logares, onde assistimos á exhibição de varios trabalhos.

Subito, a orchestra principiou tocando uma symphonia d'um tom melancolico, triste... uma mulher apparece á entrada da pista, e dá ingresso na arena...

Carlos exclamou:

— Eil-a...

Era a equilibrista... agil como uma gazella, içou-se até ao arame, e apoz segundos de descanço, começa executando diversos trabalhos...

Estrondeia uma salva de palmas, seguida d'um grito de horror e susto, e d'um surdo baque...

A equilibrista, calculando mal os seus passos, haviase despenhado de sobre o arame, indo cahir no solo...

14

Os soccorros foram immediatos, mas horas depois, sabia-se que em consequencia da commoção produzida pela queda imprevista, a artista que o publico tinha visto sorridente e orgulhosa, havia perdido a razão!

— Oh! exclamei, pensando na historia d'aquella mulher e no meu presentimento, a prophecia da familia acaba de realisar-se!...

L

O Ultimo Dinheiro...

Negligentemente recostado n'uma *chaise-longue*, fumando um puro havano, Alberto seguia com os olhos, em meia abstracção, as evoluções caprichosas do fumo do seu charuto.

Pensava. Em quê? Só elle o sabia. Apenas de quando em quando os labios se lhe franziam n'um sarcastico sorriso que lhe dava o aspecto d'um homem desilludido, conhecedor do mundo, aborrecido da sociedade, sabedor dos seus artificios, das suas miserias...

No momento porém, em que estava entregue ainda mais ás cogitações que o preocupavam, ligeiro toque de campainha o fez erguer e dar um suspiro de satisfação.

— Finalmente!

Correu a abrir a porta, dando passagem a uma joven que, affastando-o com desprezo, se foi deixar cahir no sophá minutos antes occupado pelo mancebo.

O seu rosto era alvo, levemente rosado, desenhando-se-lhe primorosas as linhas delicadas. Resplandecia-lhe o cabello negro e abundante em tranças e anneis; sem ser alta, mostrava-se franzina e elegante, demonstrando estar na plena florescencia da belleza feminil.

As grandes janellas do quarto que deitavam para o jardim, encontravam-se abertas, a fim de dar entrada á fresca brisa matinal que lhes trazia nos suspiros os perfumes das flôres que ali se ostentavam com os seus subtis e suaves aromas, e aos fios dourados do sol que innundava o aposento de raios alegres e brilhantes, como sorrisos de primavera.

— Bom dia, Mathilde! disse Alberto sentando-se a seu lado.

Ella, affastando-se com precipitação, murmurou batendo o pé, colerica, chammejando-lhe os olhos d'um azul escuro:

— Oh! os homens! Os homens!

O moço interrogou com ar zombeteiro:

— Que fazem elles?

A joven respondeu, indirectamente:

— Dizem-nos mil palavras de amor e agrilhoam-nos, não nos permittindo bailes, passeios, visitar as amigas! Reclusa qual criminosa! E une-se uma mulher a quem a não comprehende e a conserva sob um jugo cruel, conduzindo-a até á abjecção! E' horrivel!

— Mas... agora dou-lhe inteira liberdade... o que faço toca as raias do heroismo!

Mathilde, pallida, tremula, balbuciou com a voz embargada pelos soluços:

— E ainda falla n'isso, recorda o que fez de mim... Infame!

— A phraze consagrada. Minha querida, sê rasoavel. Vi-te, gostei de ti. Tu, agradaste-te decerto d'esta bella figura, maneiras distinctas, agradaveis e talvez do dinheiro que então possuia — quero fazer-te justiça... — e vieste para os meus braços, presenteaste-me com fervidos beijos, embora sem os previos consentimentos canonicos...

— Quer dizer que me tornou sua amante e portanto tem direito a dispor de mim conforme lhe agradar... ah! como o desprezo...

Elle, sempre socegado, proseguiu:

— São favores que não mereço, mas se isso te apraz... Prosigo. Temos vivido quaes pombinhos, trocando amorosos olhares e doces fallas, os nossos arrulhos ..

Conscio d'aquillo a que me obrigava, arranjei este encantador retiro, um verdadeiro ninho...

Comprei-lhe ricas *toilettes* mandadas confeccionar á deusa da Moda, á Aline; tivemos assignatura em S. Carlos; demos soirées com serviço do Ferrari; recebiamos semanalmente no nosso palacete honrosas visitas, que mais puderia querer?

Porém, o dinheiro, o *vil metal*, como lhe chamam, ou esses réles papelinhos de hoje gastam-se e eis que por ti me arruinei! Verdadeira abnegação!...

Ella, coberto o rosto de mortal pallidez, correu para a janella e sorveu a largos haustos o ar refrigerante da manhã.

— Porque o fez?...

— Ora! porque te adorava, em primeiro logar, em segundo porque era uma creatura ingenua, pura creança...

— E como creança, conduziu-me até...

— Pára, pára, não quero magoar-te com tristes confissões!

E seguidamente:

— Deves comprehender que o amor real não existe: isso eram cousas de nossos avós. Esse de que abusamos quotidianamente, finda depressa. Foi o que nos aconteceu; na primitiva eramos talhados um para o outro; depois viste-me sem dinheiro, achaste-me deselegante, feio, porém por algum resto de sympathia, não me abandonaste. Por minha parte, aborrecido, vi que já não tinham graça os teus sorrisos, doçura os teus osculos. Recordando me comtudo dos haveres que mutuamente desperdiçamos e de que embora eu não gostasse de ti, outros haviam de te achar tentadora, propuz um alvitre que primeiro regeitaste, chorando, enchendo-me de improperios e injurias e que mais tarde acceitaste: o embolsares-me um pouco do miseravel ouro que comtigo gastára... cousa naturalissima...

Mathilde, sem uma palavra, passou por deante do abjecto exemplar da raça humana, e arremessou-lhe na passagem, umas moedas de prata, murmurando de dentes cerrados:

— O ultimo dinheiro... A minha familia santa, ainda terá umas migalhas para me dar, subtrahindo-me assim ás suas imposições vis, percebe?...

E sahiu batendo a porta emquanto Alberto, a rir, colhia as moedas dispersas e bradava, para se fazer ouvir:

— Que contraste! D'antes as mulheres eram flôres e os homens abelhas que iam sorver o doce mel dos seus beijos; hoje os homens são flôres cobertas de no-

tas e as mulheres, borboletas que lh'as vão arrebatar...

Decorridos instantes, interrogava-se perplexo :

— Agora que fazer?... Já sei...

E pondo o chapeu, murmurou, esfregando as mãos :

— *Isto* ha de dar sorte... vamos empregar o ultimo dinheiro... vamos jogar!...

LI

A Leiteira

Perna á vella, n'essas caliginosas manhãs de janeiro em que o vento corta as faces, a neve cae gotta a gotta, ella, a leiteira, a guapa rapariga a quem todos admiram, segue por essas ruas no seu apregoar argentino, no seu cantar vendilhão do:

— Iuá... leite!...

Havia, ha tempo, uma que impressionava todos. Era captivante no seu genero. E senão que o dissessem as collegas e os moços de padeiro, que, pousando na rua os cabazes, se entretinham a dar-lhe dois dedos de palestra, no desdenhar da rajada aspera, no transluzir d'uns olhares concupiscentes.

E ella, n'um menosprezo proprio, pés no solo gelado, ria, ria, n'uma vontade esfusiante, n'um riso trinado, folgasão, ao ouvir os preambulos d'uma confissão.

Elle *adeantava-se* — como dizia — lá ia uma phrase mais cheia de sal, um avançar da mão procurando

apertar as suas, n'uma avalanche capitosa de promessas, de pensamentos de amor...

Ella então franzia os sobr'olhos, sem deixar de rir, fazia tilintar as medidas côr de prata, limpidas e scintillantes, de encontro ás bilhas, e no resurgir vibrante do:

— Iuá... leite!...

Seguia na peregrinação de ganhar a vida, deixando-o n'uma estupefacção, quebrada no atirar para o hombro, de arremettida, do cesto que carregava.

Durante um certo tempo ninguem a viu. Deixara de soar o seu pregão ridente, de se ouvir a sua voz trinante no offerecer do artigo do seu commercio matinal. Um dia porém, surgiu de novo, linda como sempre, os cabellos negros emmoldurando-lhe o rosto pallido, mais pallido do que outr'ora; as ancas mais salientes; as saias rodadas no brotar vivido do azul, em contraste com o vermelho pintalgado da cinta, da manta de côres que lhe cruzava o seio mais opulento, do lenço de tom amarello que lhe cobria a cabeça gracil. Comtudo quando os antigos conhecidos pousavam os cabazes no chão, desejosos de conversar, ella dava-lhe uns bons dias tristes e seguia no elevar do pregão mudado:

— Uá... leite!...

Que lhe succedera? Seria a pequenita que lhe deitava os braços tenros em volta do pescoço, a causa dos seus ares melancolicos, um nascer de cuidados por ella, franzina, debil?

Quem sabe?...

Certa manhã voltou a apparecer, mas só. Perguntaram-lhe pela pequena, e ella:

— Doente... coitada!...

Caminhava e o pregão ouvia-se irritado, n'uma metallisação rapida:

— A' leite!...

Entre a pleiade de admiradores da gentil vendedeira, era enorme a discussão. Mas, *schiu!* Ella lá vinha a meia rua.

— Então a pequerrucha?...

— Morta! Pobresita!

E lá ia triste, muito triste, no revolutear das saias de côres já desbotadas, no murmurar plangente, que hoje ainda lhe ouvireis:

— Lei... te!...

Que era o elo final da partida corrente das suas illusões bellas, principiada no cantar do *Iuá... leite* e terminada no gemer do pregão:

— Lei... te!...

LII

O Segredo de Esther

N'aquella linda manhã, verdadeiramente primaveril, ella, a Esther, andava irrequieta, desenvolta mais que o costume.

Aguardava anciosa a volta do esposo, que fôra á repartição, mas que breve regressaria...

E comtudo que demora...

— Algum amigo... conversa para ali, conversa para acolá, e esquece-se a esposa. que sempre tem uma meiga caricia para o festejar á chegada, um osculo ardente, desejoso, que deixa voar dos labios para os seus! Quando será que estes senhores nos hão de comprehender?...

E caminhava d'um para outro lado, em movimentos febris, dando ordens á creada, respondendo bruscamente ás suas perguntas sobre o que se havia de fazer, n'uns arrepelões nervosos.

Sentia-se mal na realidade... precisava ensinar-lhe tudo!...

Mas se *elle* a deixasse de amar... se se encolerisasse ao descobrir a noticia fatal...

Quanto isso deveria ser cruel .. E era a abominavel natureza a culpada!

— E não vem! Oh! como lhe lançarei em rosto esta demora... Porém... quem sabe se... sahiria já?... A ida á repartição, mais cedo que nos outros dias, não seria um pretexto para fugir... abandonal-a...

Não! oh! não! Gustavo não faria isso... é tão seu amigo!

Lançou-se tremula sobre uma poltrona, prestando ouvir attento ao menor ruido, mordendo o pequenito lenço branco, emquanto uma perolasinha se lhe desprendia dos olhos, indo escorregar branda pelas faces, imprimindo-lhe um sulco ligeiro e brilhante!

Escutou-se finalmente o toque da campainha.

Era *elle*... emfim!

Comtudo não teve forças para se erguer e ir ao seu encontro.

Elle entrou e encarou estupefacto aquelle choro convulsivo, aquelle abatimento... — que tinha, que era aquillo, que não fosse tolinha... má... sua má... — dizia-lhe.

E pedia explicações n'um desejo immenso de saber o que se passára.

— Gustavo! supplicou ella, n'um arquejar contínuo, esperava-te, porque um segredo terrivel, que talvez importe a nossa felicidade, me queima os labios...

O marido estremeceu.

— Hein, pensou... ousaria manchar-me o nome... não... e vae ainda confessal-o...

E encarou-a de sobrancelhas carregadas, n'uma interrogação muda.

— Sim... digo bem... mas peço-te... não me olhes assim... decerto o não ignoras... deves conhecel-o...

Elle ergueu-se e cruzou os braços:

— Engana-se. Os maridos são sempre os ultimos a saber esses *desastres!* Vamos, venha a confissão do mau passo... d'essa nodoa... estou prompto para receber o golpe!...

Ella, adivinhando não sei o quê, já não dizia palavra.

— Vamos... confesse...

— E... não deixarás de amar-me?...

E lançou-lhe os braços ao pescoço, n'um amplexo febril...

Impossivel!... aquelle anjo adorado, não commetteria tal infamia, vindo ainda fazer-lhe um collar com esses braços niveos e setinosos, que já tinham envolvido o *outro!*...

— Confessa. Adoro-te de mais para proceder como outros maridos procedem... Arrancarei da alma, depois de a ter lido, essa pagina negra... saberei esconder o estygma da minha vergonha!...

Ella então comprehendeu... O esposo querido tivera a horrivel suspeita de que...

— Pois tu não vês?... Não reparaste?!... Ah!... se o soubera, não o havia dito...

Gustavo apertou-a contra si, e imprimindo-lhe nos labios um beijo terno, murmurou com carinho:

— Pois era isso?... Louca, mil vezes louquinha!... Que tremendo susto... julguei que me atraiçoavas...

Ella, apenas murmurou, reprehensiva:

— Oh!...

E quantas exprobrações se reuniram na simples exclamação que fizera... no olhar que foi cahir languido no do esposo...

O terrivel segredo de Ester era... a primeira ruga que viera macular-lhe a pureza jasminea do rosto encantador!...

FIM